



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

ADRIANE KUSY

**O CONTATO LINGUÍSTICO PORTUGUÊS E ESPANHOL NA FRONTEIRA
BRASIL-ARGENTINA: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS**

**CHAPECÓ
2019**

ADRIANE KUSY

**O CONTATO LINGUÍSTICO PORTUGUÊS E ESPANHOL NA FRONTEIRA
BRASIL-ARGENTINA: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug.

CHAPECÓ
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Kusy, Adriane

O contato linguístico português e espanhol na
fronteira Brasil-Argentina: Crenças e Atitudes
Linguísticas / Adriane Kusy. -- 2019.
133 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos-PPGEL, Chapecó, SC , 2019.

1. Crenças e atitudes linguísticas. 2. Contato
linguístico. 3. Línguas portuguesa e espanhola. 4.
Fronteira. I. Krug, Marcelo Jacó, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ADRIANE KUSY

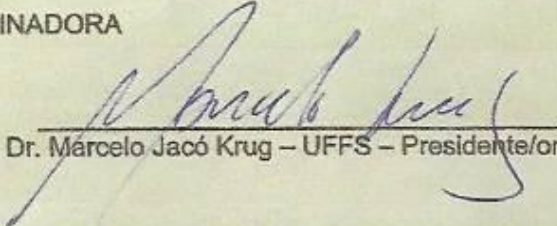
**O CONTATO LINGUÍSTICO PORTUGUÊS E ESPANHOL NA FRONTEIRA
BRASIL-ARGENTINA: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS**

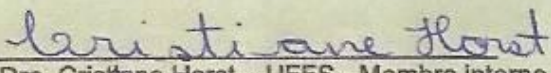
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 04/09/2019.

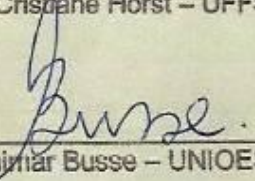
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Aprovado em: 04/09/19

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS – Presidente/orientador


Prof.ª. Dra. Cristiane Horst – UFFS - Membro interno


Prof.ª. Dra. Sanjmar Busse – UNIOESTE - Membro externo

Prof.ª. Dra. Angela Garai Flain – UFFS - Membro suplente

Chapecó/SC, setembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor orientador Dr. Marcelo Jacó Krug, por acreditar em mim, pelos esclarecimentos, pela confiança em meu trabalho e pelo conhecimento partilhado;

Aos professores, colegas e funcionários da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS;

Aos membros da banca de qualificação e defesa da dissertação, pelas importantes contribuições;

Ao meu companheiro André Facin, pelo carinho, por nunca me deixar desistir, pelo companheirismo e suporte de toda minha jornada acadêmica e principalmente pelo seu amor;

Aos meus familiares, pelos pensamentos positivos e incentivo.

Aos meus amigos e amigas que sempre me apoiaram, me incentivaram, me ajudaram e estiveram ao meu lado durante toda a graduação e o mestrado;

À CAPES, pelo apoio financeiro nesta pesquisa;

Aos informantes, pois sem eles essa pesquisa não poderia ser realizada;

Ao grupo de estudo e pesquisa ALCF – Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, pelos conhecimentos compartilhados;

E a todos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização desse trabalho.

Muito Obrigada!

RESUMO

Nosso objetivo com o presente trabalho é descrever crenças e atitudes linguísticas a partir da fala de informantes em situação de contato linguístico português e espanhol na divisa entre Brasil e Argentina. Para a nossa base de dados foram selecionadas as cidades de Dionísio Cerqueira, no Brasil, e Bernardo de Irigoyen, na Argentina, com uma fronteira de divisa seca, em que a passagem a pé entre os lados é livre. Em cada uma delas serão selecionados oito informantes conforme critérios da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Para a elaboração e realização deste trabalho, serão seguidos os princípios teóricos e metodológicos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Thun 1998; 2005; 2010) que contempla o espaço variacional em diferentes dimensões e em suas variadas correlações de dados. Para a coleta de dados utilizamos uma parte do questionário metalinguístico do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (2013), adaptado à realidade dos informantes, em que contempla questões sobre as línguas e seus usuários, além de conversas livres e de anotações no caderno de campo. Com isso, verificamos as crenças e atitudes linguísticas a partir de medidas implícitas, para avaliar o vínculo entre atitudes e comportamento linguístico. A partir dos dados obtidos, pôde-se analisar como é o comportamento e os usos linguísticos dos indivíduos que vivem nessa região fronteira entre o contato do português e espanhol. Verificou-se que mesmo todos os informantes acreditarem que aprender a língua do outro é importante, percebe-se que o português é muito mais usado do lado Argentino do que o espanhol do lado brasileiro.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas. Contato linguístico. Línguas portuguesa e espanhola. Fronteira.

ABSTRACT

Our objective with the present work is to describe linguistic beliefs and linguistic attitudes from the speech of informants in Portuguese and Spanish language contact situation on the border between Brazil and Argentina. For our database we selected the cities of Dionísio Cerqueira, in Brazil, and Bernardo de Irigoyen, Argentina, with a dry border, where walking between sides is free. In each one of them eight informants will be selected according to criteria of Multidimensional and Relational Dialectology. For the elaboration and accomplishment of this work, will be followed the theoretical and methodological principles of the Multidimensional and Relational Dialectology (Thun 1998; 2005; 2010) which contemplates the variational space in different dimensions and in its varied correlations of data. For data collection we used a part of the metalinguistic questionnaire of the project Atlas of Languages in Contact at the Frontier (2013), adapted to the reality of the informants, which contemplates questions about languages and their users, as well as free conversations and notes on the field notebook. Thus, we verify linguistic beliefs and linguistic attitudes from implicit measures to assess the link between linguistic attitudes and linguistic behavior. From the data obtained, it was possible to analyze how is the behavior and linguistic uses of individuals living in this border region between the contact of Portuguese and Spanish. It was found that even though all informants believe that learning the other's language is important, it is clear that Portuguese is much more used on the Argentinean side than Spanish on the Brazilian side.

Key-words: linguistic beliefs and attitudes. Linguistic contact. Portuguese and Spanish language. Border.

RESUMEN

Nuestro objetivo con el presente estudio es describir las creencias y actitudes lingüísticas basadas en el discurso de los informantes en situación de contacto lingüístico portugués y español en la frontera entre Brasil y Argentina. Para nuestra base de datos fueron seleccionadas las ciudades de Dionísio Cerqueira, en Brasil, y Bernardo de Irigoyen, en Argentina, con una “frontera seca”, en la que el paso a pie entre los lados es libre. En cada uno de ellos, ocho informantes fueron seleccionados de acuerdo con los criterios de la Dialectología Pluridimensional y Relacional. Para la elaboración y realización de este trabajo, se seguirán los principios teóricos y metodológicos de la Dialectología Pluridimensional y Relacional (Thun 1998; 2005; 2010), que contempla el espacio variable en diferentes dimensiones y en sus variadas correlaciones datos. Para la recogida de datos utilizamos una parte del cuestionario metalingüístico del proyecto “Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (2013)”, adaptado a la realidad de los informantes, en el que incluye preguntas sobre idiomas y sus usuarios, así como conversaciones libres y notas en el cuaderno de campo. Con eso, analizamos las creencias y actitudes lingüísticas a partir de medidas implícitas, para avaliar el vínculo entre actitudes y comportamiento lingüístico. Con los datos, se puede analizar cómo es el comportamiento y los usos lingüísticos de los individuos que viven en esta región fronteriza entre el contacto del portugués y español. Se encontró que incluso todos los informantes creen que aprender que otro idioma es importante, el portugués es mucho más utilizado en el lado argentino de que el español en el lado brasileño.

Palabras clave: Creencias y actitudes. Contacto lingüístico. Idiomas portugués y español. Frontera.

LISTA DE ABREVISTURAS E SIGLAS

ALMA-H- Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata-
Hunsrückisch

ALCF - Atlas das Línguas em Contato na Fronteira

CaGII-M – Classe Alta; Geração II; Masculino

CaGII-F – Classe Alta; Geração II; Feminino

CbGII-M – Classe Baixa; Geração II; Masculino

CbGII-F - Classe Baixa; Geração II; Feminino

CaGI-M – Classe Alta; Geração I; Masculino

CaGI-F – Classe Alta; Geração I; Feminino

CbGI-M – Classe Baixa; Geração I; Masculino

CbGI-F - Classe Baixa; Geração I; Feminino

Ca- Classe Alta

Cb- Classe Baixa

CEP- Conselho de Ética em Pesquisa em Seres Humanos

CIF - Consórcio Intermunicipal de Fronteira

F- Informante do sexo Feminino

GI- Geração I

GII- Geração II

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

INDEC - Instituto Nacional de Estadística y Censos de Argentina

M- Informante do sexo Masculino

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista aérea das três cidades	24
Figura 2: Marco das Três Fronteiras – Dionísio Cerqueira – SC, Barracão –PR e Bernardo de Irigoyen, na província Argentina de Misiones	27
Figura 3: Canteiro que separa o Brasil da Argentina.....	27
Figura 4: Notícia turística	28
Figura 5: Panfleto do Hotel Iguaçu	29
Figura 6: Espaço variacional e disciplinas da variação	58
Figura 7: Esquema de cruz	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Objetivos específicos e hipóteses	16
Quadro 2: Dimensões e Parâmetros abordados pela Dialetologia Pluridimensional e Relacional	60
Quadro 3: Distribuição dos informantes nas cidades de Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen conforme as dimensões diatópica, diageracional, diassexual e diastrática	64
Quadro 4: Exemplo do quadro utilizado para as análises	65
Quadro 5: Questão 01: Como se chama a língua falada nessa região fronteiriça?.....	69
Quadro 6: Questão 02: Que línguas você fala?	71
Quadro 7: Questão 03: Qual dessas línguas aprendeu primeiro?.....	74
Quadro 8: Questão 04: Qual dessas línguas fala melhor?.....	75
Quadro 9: Questão 05: Qual dessas línguas acha mais bonita?.....	76
Quadro 10: Questão 06: Em que língua gosta de conversar mais?	78
Quadro 11: Questão 07: Que língua costuma falar na família?.....	79
Quadro 12: Questão 08: Conhecimentos de língua dos pais, dos irmãos, do cônjuge, dos filhos?.....	80
Quadro 13: Questão 09: Como aprendeu o espanhol? (para brasileiros) e ¿Cómo aprendió el portugués? (para argentinos).....	81
Quadro 14: Questão 10: Sabe: compreender o espanhol? (para brasileiros) e o português (para argentinos)	82
Quadro 15: Questão 10: Sabe: falar o espanhol? (para brasileiros) e o português (para argentinos)	83
Quadro 16: Questão 10: Sabe: ler em espanhol? (para brasileiros) e o português (para argentinos)	84
Quadro 17: Questão 10: Sabe: escrever em espanhol? (para brasileiros) e o português (para argentinos).	85
Quadro 18: Questão 11: Teve aula de espanhol na escola? (para brasileiros) ¿Tuvo clase de portugués en el colegio? (para argentinos).....	87
Quadro 19: Questão 14: Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?	89
Quadro 20: Questão 15: Quando você encontra um estranho na Argentina (para brasileiros) e no Brasil (para argentinos) em que língua você fala com ele?	90
Quadro 21: Questão 16: Em que situações você fala o espanhol (para brasileiros) e português (para argentinos)? Onde? Com quem?.....	91
Quadro 22: Questão 17: Quando fala espanhol (para brasileiros) e português (para argentinos) você mistura as línguas? Por quê?	93
Quadro 23: Questão 18: Conhece alguma palavra inventada, uma mescla de português e espanhol?	94
Quadro 24: Questão 20: Em que língua você pensa?.....	95
Quadro 25: Questão 20: Em que língua você sonha?.....	95
Quadro 26: Questão 20: Em que língua você faz contas?	95
Quadro 27: Questão 21: Existem situações em que você tem vergonha de falar o espanhol? ¿Existen situaciones en las que usted tiene vergüenza de hablar el portugués?	96

Quadro 28: Questão 22: De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua de origem os argentinos ou os brasileiros?	98
Quadro 29: Questão 22: De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais os costumes de origem, os argentinos ou os brasileiros?	99
Quadro 30: Questão 23: O que identifica/caracteriza o brasileiro/argentino típico daqui?	100
Quadro 31: Questão 24: Futebol? Para qual seleção torce: Brasileira ou Argentina?	103
Quadro 32: Questão 24: TV? Lado Brasileiro ou Argentino?	105
Quadro 33: Questão 24: Rádio? Lado Brasileiro ou Argentino?	106
Quadro 34: Questão 25: Como se sente mais; Brasileiro? Argentino?	107
Quadro 35: Questões e respostas aplicadas às perguntas 2: Que línguas você fala? E 8: Conhecimentos de língua dos pais, dos irmãos, do cônjuge, dos filhos?	110
Quadro 36: Questões e respostas aplicadas às perguntas 10: Sabe compreender – falar – ler – escrever o espanhol? (para brasileiros) e o português (para argentinos). E 21: Existem situações em que você tem vergonha de falar o espanhol/português?	112
Quadro 37: Questões aplicadas de 3, 4, 5, 6, 7 e 20.	113
Quadro 38: Respostas individuais às perguntas: 3, 4, 5, 6, 7 e 20.	114
Quadro 39: Questões aplicadas de 11 a 13	115
Quadro 40: Respostas individuais às perguntas 11 a 13	116
Quadro 41: Questões aplicadas de 14, 15 e 19	117
Quadro 42: Respostas individuais às perguntas: 14,15 e 19.	117
Quadro 43: Questão e resposta à pergunta 16: Em que situações você fala o espanhol (para brasileiros) e português (para argentinos)? Onde? Com quem?	119
Quadro 44: Questão e resposta às perguntas 17: Quando fala espanhol (para brasileiros) e português (para argentinos) você mistura as línguas? E 18: Conhece alguma palavra inventada, uma mescla de português e espanhol?	120
Quadro 45: Questões aplicadas 22, 24 e 25	120
Quadro 46: Respostas individuais às perguntas 22, 24 e 25	121

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: TRÊS ESTADOS, DOIS PAÍSES, UMA ÚNICA COMUNIDADE	20
2.1 AS CIDADES FRONTEIRIÇAS: CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS, TERRITORIAS E REGIONAIS	20
2.2 AS CIDADES TRIGÊMEAS.....	25
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	31
3.1 CONTATOS LINGUÍSTICOS NO SUL DO BRASIL.....	31
3.1.1 Bilinguismo	34
3.2 PORTUNHOL: LÍNGUA, DIALETO OU VARIEDADE?	37
3.3 IDENTIDADE LINGUÍSTICA	40
3.4 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS	44
3.4.1 Definições de crenças e atitudes linguísticas	46
3.4.2 Abordagens e métodos para mensurar as crenças e atitudes linguísticas	52
3.5 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL	54
3.5.1 A Dialectologia	54
3.5.2 Dialectologia Pluridimensional e Relacional	56
3.5.3 Dimensões e Parâmetros	60
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	63
4.1 LOCALIDADES DA PESQUISA E SELEÇÃO DOS INFORMANTES	63
4.2 DIMENSÕES ANALISADAS	64
4.3 COLETA E SELEÇÃO DOS DADOS	65
4.4 QUESTIONÁRIO	66
4.5 TRATAMENTO DOS DADOS METALINGUÍSTICOS	67
5 ANÁLISE DOS DADOS	69
5.1 ANÁLISE DOS DADOS METALINGUÍSTICOS.....	69
5.2 CORRELAÇÃO DOS DADOS CONVERGENTES E DIVERGENTES.....	108
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	128

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho¹ faz parte do projeto de pesquisa Atlas das Línguas em Contato na Fronteira² e está vinculado à linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal da Fronteira Sul, e apresenta como tema central línguas em contato.

As pesquisas envolvendo línguas em contato e crenças e atitudes linguísticas vêm crescendo no Brasil. De acordo com Botassini (2015, p.103), pesquisas relacionadas a esse tema “possibilitam “predizer” um dado comportamento linguístico”.

Temos no país uma paisagem linguística que corrobora para o estudo de línguas em contato. Apesar de várias afirmações de que o Brasil é um país monolíngue, como é confirmado na Constituição Federal, sabemos, no entanto, que a realidade que vivenciamos revela um cenário totalmente ao contrário. Fato este, que pode ser afirmado se prestarmos atenção aos falares a que estamos expostos diariamente. No entanto, muitas vezes, ignora-se que existam comunidades que mesmo que falem a língua portuguesa também utilizam outras em seu dia a dia. Ou seja, há comunidades que combinam o português com outra língua de imigração, indígena ou mesmo outra língua de fronteira, como é o nosso caso de estudo, o português com o espanhol.

Outro fator que corrobora para o nosso estudo é que o Brasil possui uma grande extensão fronteira, conta com 15.719 km de fronteiras terrestres. Dos doze países que englobam a América do Sul³, o Brasil faz fronteira com quase todos eles, as exceções são o Chile e o Equador. Além disso, cabe destacar, que o Brasil é o único país que possui como língua oficial o Português, nos demais países da América do Sul, a língua predominante é o Espanhol.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2 A coleta de dados é realizada com a autorização do CEP sob o número de protocolo de nº. 637.159 e vinculada ao projeto do professor Dr. Marcelo Jacó Krug.

3 Fazem parte dos países da América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela.

Temos com este estudo o **objetivo principal** de descrever crenças e atitudes linguísticas presentes em falantes em situação de contato linguístico entre o português e o espanhol. Buscamos compreender assim, o comportamento linguístico dos indivíduos que se encontram em regiões fronteiriças nas cidades de Dionísio Cerqueira, no Brasil, e Bernardo de Irigoyen, na Argentina. Sabemos, no entanto, que o Brasil e a Argentina são conhecidos por apresentarem algumas rivalidades. Conflitos que vêm desde o início da colonização, que envolvem tanto questões de delimitação de fronteiras, como disputas entre os times e torcidas de futebol entre outras “piadas constrangedoras”, que muitas vezes envolvem os dois povos.

Para esta pesquisa, foi selecionado o ponto de contato da fronteira entre o Brasil e a Argentina: Barracão, no Paraná, Dionísio Cerqueira, em Santa Catarina, no Brasil, e Bernardo de Irigoyen, na Argentina. Este ponto é conhecido como as “*Cidades Trigêmeas*”, uma tríplice fronteira seca entre dois países, três estados e três cidades. Caracterizada como uma fronteira terrestre sem elementos físicos, ou seja, não há nenhuma barreira geográfica que dificulte o acesso entre os países. Assim, o que separa as cidades é apenas uma rua, em que o acesso (a pé) entre elas é totalmente livre. As cidades estão geograficamente próximas, no entanto, pertencentes a países diferentes e com idiomas oficiais distintos. No que se refere a este estudo em específico, optamos por informantes residentes em Dionísio Cerqueira (SC).

Em vista disso, temos nesse contexto excelente oportunidade para analisar o comportamento linguístico dos indivíduos, que, mesmo “separados por fronteiras”, apresentam um convívio diário próximo. Conforme Couto (2011, p.370), “o que entra em contato diretamente não são línguas, mas povos, ou representantes deles”. Contudo, sabemos que essa relação entre falantes pode ocorrer de várias maneiras. Assim, pensando no contato linguístico, esse pode acontecer de modo positivo ou negativo, ou seja, quando há o contato entre duas ou mais línguas podem-se desenvolver crenças e atitudes favoráveis ou desfavoráveis a determinada variedade.

De modo consequente, levando em consideração o exposto acima, e pensando no contato linguístico entre o português e o espanhol, **o problema** que orienta nossa pesquisa, é o de investigar quais crenças e atitudes linguísticas estão presentes em falantes em situação de contato linguístico

entre o português e o espanhol em cidades de fronteiras entre o Brasil e a Argentina na constituição da identidade linguística.

O enquadramento **teórico-metodológico** adotado é o da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998; 2005; 2010) que contempla o espaço variacional em diferentes dimensões. Assim, para este estudo serão utilizadas as dimensões: diatópica, diageracional, diastrática e diassexual. Serão selecionados oito informantes em cada uma das cidades analisadas, conforme critérios da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Para tratar de crenças e atitudes linguísticas utilizaremos principalmente os autores: Lambert e Lambert (1972); Kaufmann (2011); Botassini (2015); Aguilera (2008); Balthazar (2018); Busse & Sella (2012); Frosi (2010) entre outros.

Para a coleta de dados será utilizada parte do questionário metalinguístico que integra o projeto ALCF⁴ com o qual buscaremos analisar o quanto cada língua é conhecida e usada pelos informantes, assim como suas crenças e atitudes linguísticas frente as duas línguas em questão na constituição da identidade linguística. Desse modo, faremos uma análise do que o informante sente, pensa, sobre as línguas em questão, suas crenças, juntamente com o seu comportamento, do que ele possivelmente faz e como age, ou seja, suas atitudes. (KAUFMANN, 2011).

Desta forma, para alcançarmos o objetivo geral proposto, tendo como norte a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, apresentamos, no quadro 1, os objetivos específicos juntamente com nossas hipóteses:

Quadro 1: Objetivos específicos e hipóteses

Objetivos Específicos	Hipóteses
- Verificar, com base na dimensão diatópica , quais línguas são usadas dentro de cada comunidade investigada e como cada grupo é identificado socialmente;	Pela região fronteira não possuir elementos físicos que impeçam a passagem a pé entre os países, supomos ser um fator que pode contribuir para um grau de integração maior entre as populações. Assim, acreditamos que brasileiros e hispânicos atravessem a fronteira continuamente motivados tanto por questões pessoais como financeiras, gerando assim uma grande interação linguística entre os falantes. Supomos, assim, que

4 Krug (2013)

	<p>pelo lugar ser conhecido como “<i>Tri-Fronteira</i>” ou “<i>Cidades Trigêmeas</i>” os povos desses lugares convivam harmoniosamente e nas regiões mais próximas da fronteira em que o contato é mais intenso os idiomas utilizados sejam tanto o espanhol como o português pelos dois povos. Além do mais, acreditamos que a mistura do português com o espanhol conhecida como o “portunhol⁵” seja a variedade linguística denominada pela maioria dos informantes como a língua falada na fronteira. Segundo estudos de Morales (2016) o “portunhol” é denominado como a língua coloquial falada em cidades de fronteira entre os países de língua portuguesa e espanhola. Ademais, julgamos que os moradores das localidades pesquisadas sejam identificados como falantes de português para Brasileiros e espanhol para Argentinos.</p>
<p>-Analisar, com base na dimensão diageracional, como é o comportamento e os usos linguísticos existentes entre os informantes da geração mais jovem (GI – 18 a 38 anos) e a geração mais velha (GII – acima de 38 anos);</p>	<p>A língua é considerada um elemento importante na identificação de um grupo e também de identificação nacional. No caso da fronteira Brasil-Argentina, trata-se de uma região marcada por vários conflitos históricos que ficaram registrados na memória de várias pessoas, principalmente dos mais antigos, de ambos os países (FERRARI, 2015). Desse modo, na Dimensão Diageracional, presumimos que por haver por muito tempo esse contato entre as duas populações e no começo do século XX o Brasil depender de vários serviços prestados pela Argentina, acreditamos que a geração mais velha (GII) tenha desenvolvido a fala espanhola juntamente com o português em ambos os lados da fronteira.</p> <p>Na geração mais jovem (GI), acreditamos encontrar Informantes que saibam ou que demonstrem interesse em aprender a língua do outro. Além disso, segundo Margotti (2004), indivíduos mais jovens são mais inovadores, e com isso, eles tendem a usar as línguas com maior prestígio social, assim, acreditamos que eles tenham interesse e que saibam a língua estrangeira do país vizinho, tanto por uma questão de prestígio como profissional.</p>

5 Ver subseção 3.2 PORTUNHOL: LÍNGUA, DIALETO OU VARIEDADE?

<p>- Identificar, no que se refere à dimensão diastrática, de que forma a escolaridade (Cb - até o Ensino Médio e Ca - Ensino Superior, completo ou incompleto) influencia o comportamento e usos linguísticos dos informantes em relação às línguas utilizadas dentro das comunidades;</p>	<p>Como estamos lidando com duas línguas oficiais, e a localidade contribuir para o uso das duas variedades, supomos, na dimensão diastrática, que quanto maior a escolaridade, maior será o domínio das habilidades linguísticas na língua do outro e, além disso, maior o interesse de aprender a língua estrangeira. Conforme Labov (2010), as pessoas com maior nível de escolaridade, tendem a aproximar a fala da variedade padrão.</p>
<p>- Analisar, na dimensão diassexual, os aspectos do comportamento linguístico de homens e mulheres.</p>	<p>Como estamos tratando de duas variedades padrão, o português e o espanhol, no que se refere a homens e mulheres, acreditamos que as mulheres tenham a tendência em valorizar mais a sua língua nacional, pois segundo Labov (2008, p. 146-147) “a mulher é mais sensível aos padrões de prestígio, tendem a ser mais conservadoras”.</p>

Fonte: autora (2019)

Contudo, a **motivação** da escolha do tema surgiu por diferentes questões: a primeira, por a autora ser formada em Letras Português e Espanhol e perceber que no Brasil, principalmente na região Sul, o espanhol não desperta tanto interesse nas pessoas, apesar de o Brasil fazer fronteira com vários países hispano falantes. Segunda, por interesse em descrever cientificamente como ocorre o contato linguístico na fronteira Brasil-Argentina e a terceira motivação tem por interesse a pesquisar de como é o convívio entre as fronteiras e que crenças e atitudes linguísticas estão presentes na fala e no comportamento dos informantes.

Ao partir desses pressupostos, **justificamos** essa pesquisa por ser um estudo relevante no sentido de expandir os estudos da área das línguas em contato, e principalmente contribuir para o levantamento de dados linguísticos do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira. Assim como, apresentar aos indivíduos como ocorre o contato linguístico entre o português e o espanhol nas localidades estudadas. Além disso, este estudo se justifica por contribuir para a reflexão sobre os atuais e futuros estudantes e a sociedade

em geral, sobre como as crenças e as atitudes linguísticas interferem na sociedade, e além disso, mostrar a importância do ensino do português e do espanhol nos dois lados da fronteira, contribuindo para um melhor convívio linguístico e cultural nos dois países.

A presente dissertação está dividida da seguinte forma: no capítulo 2, apresentamos a contextualização da pesquisa, destacando fatos relevantes para compreensão do contexto de pesquisa juntamente com contextos das cidades envolvidas no estudo. A seguir, no capítulo 3, nos dedicamos à explanação da fundamentação teórica que orienta esta pesquisa, abarcando os seguintes conceitos: contatos linguísticos, bilinguismo, portunhol, identidade linguística, crenças e atitudes linguísticas e a Dialetologia Pluridimensional e Relacional. No capítulo 4, discutiremos sobre os procedimentos metodológicos que regem a pesquisa. No quinto capítulo as análises dos dados em que traçamos os resultados obtidos e finalizando, no capítulo 6, abordamos as reflexões finais referente ao estudo.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: TRÊS ESTADOS, DOIS PAÍSES, UMA ÚNICA COMUNIDADE

2.1 AS CIDADES FRONTEIRIÇAS: CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS, TERRITÓRIAS E REGIONAIS

Sabemos que as fronteiras servem como uma barreira geográfica e política, para separar um território do outro, assim, uma de suas funções é fazer a demarcação de limites e lugares, dividindo cada área. No entanto, podemos notar que essa “limitação de lugares” não impede que as áreas fronteiriças sejam um espaço propício para diferentes contatos diários entre línguas, culturas, etnias, ou seja, diferentes povos em contato diário. No que se refere, principalmente, às cidades gêmeas, Dias & Ferrari (2011, p. 148) abordam que “pelos espaços fronteiriços, e particularmente pelas cidades gêmeas, sempre circulam matéria-prima, mercadoria, informação e população, criando interações independentemente dos limites políticos territoriais entre países”. Desse modo, tendo como objetivo neste trabalho estudar o contato linguístico em cidades de fronteira Brasil-Argentina, iniciamos apresentando as características da região fronteiriça que será estudada neste trabalho.

Localizada no extremo oeste do Estado de Santa Catarina, extremo sudoeste do Estado do Paraná e noroeste da Província de Misiones, a fronteira seca entre o Brasil e Argentina é constituída pelas cidades de Dionísio Cerqueira (SC) Barracão (PR), no Brasil, e Bernardo Irigoyen (Misiones-Argentina). As localidades estão divididas por limites internacional e estadual, de acordo com Dias & Ferrari (2011, p. 148) “as três cidades formam uma verdadeira conurbação”. Em outras palavras, as três cidades se encontram muito próximas umas das outras, com o tempo foram crescendo e se juntando, fundem-se, sendo difícil até de dizer onde se separam. “Embora regidas e administradas por municípios, estados e países diferentes, a população interage quotidianamente, pelo uso e apropriação do espaço territorial.” (DIAS & FERRARI, 2011, p. 148).

De acordo com Dias & Ferrari (2011), o processo de ocupação e demarcação de fronteiras do oeste catarinense foi um período marcado por grandes disputas de espaços e demarcação de fronteiras. Primeiramente, no contexto histórico da chamada *Questão de Palmas* ou *Misiones*, disputa entre o Brasil e a Argentina na metade do século XIX (1857 a 1895). Conforme Vicenzi (2008, p. 147), “os territórios do oeste de Santa Catarina foram conquistados para o Brasil após uma longa disputa territorial com a Argentina, à qual se seguiu igual confronto legal entre o Paraná e Santa Catarina”. Ou seja, tivemos primeiramente uma disputa por delimitação de terras entre o Brasil e a Argentina e posteriormente uma nova batalha entre Santa Catarina e o Paraná.

Sobre essa demarcação de fronteiras, cabe ressaltar que, em 1903, Dionísio Cerqueira (SC), Barracão (PR) e Bernardo de Irigoyen (MNES) se constituíam em uma só comunidade chamada de Barracão/Barracón tanto por brasileiros quanto por argentinos. No entanto, segundo Ferrari (2015, p. 88) “com a demarcação do limite político territorial entre Brasil e Argentina, parte daquele aglomerado passou a pertencer ao Brasil, sob o nome Dionísio Cerqueira e parte passou a pertencer à Argentina, passando a ser chamada de Bernardo de Irigoyen”.

Em 1917, ao término do litígio territorial entre Paraná e Santa Catarina, litígio territorial que ficou historicamente conhecido como a Questão do Contestado (1912-1916), os governos de Santa Catarina e Paraná assinaram um acordo que dividiu o território em disputa e definiu os limites entre os dois estados. Assim, com esse novo limite, Dionísio Cerqueira recebia uma nova demarcação de limite político territorial surgindo um outro município que em terras paranaenses passou a se chamar de Barracão (FERRARI, 2015).

Consequentemente, segundo a autora, “de um único aglomerado, a divisão político territorial entre países e Estados deu origem a três pequenos aglomerados que mais tarde evoluíram para cidades gêmeas Dionísio Cerqueira/Barracão/Bernardo de Irigoyen”. (FERRARI, 2015, p. 88-89). Dessa maneira, diante desse limite internacional institucionalizado, “as relações sociais que antes se davam entre vizinhos passariam a ser com vizinhos que se tornaram estrangeiros: brasileiros e argentinos”. (FERRARI, 2015, p. 89).

Além disso, como podemos constatar em depoimentos coletados durante as entrevistas, logo após a demarcação dos territórios do lado

brasileiro e do lado argentino, durante as primeiras décadas do século XX, os brasileiros que residiam na fronteira eram dependentes basicamente de tudo do lado argentino. Sobre esse viés, segundo Ferrari (2015),

Como não havia cartórios de registro civil, as crianças nascidas em território brasileiro eram registradas na Argentina, e os meninos, quando completavam maioridade, mesmo morando em território brasileiro, eram convocados a servir o exército argentino. Além disso, como não havia escolas, todas as crianças brasileiras estudavam nas escolas do lado argentino. (FERRARI, 2015, p. 90).

Assim, percebemos que brasileiros e argentinos viviam em constante interação, e que muitos brasileiros nascidos naquela época foram registrados como argentinos, e além disso a língua que era aprendida na escola era o espanhol.

A partir de 1929, conforme Ferrari (2015, p. 90), “o Estado nacional brasileiro começa a implantar escolas públicas e cartório de registro civil, dentre outros equipamentos, com o objetivo de criar um sentimento de pertencimento socioespacial e de identidade nacional”. Assim, pode-se constatar que a partir da criação de escolas, cartórios, órgãos públicos, entre outros, cada país tenta impor ao máximo às pessoas suas ideologias, passando o sentimento de pertencimento e respeito à pátria de cada nação e fortalecimento de uma identidade nacional. Entretanto, Ferrari (2015) apresenta um relato de que para a autora,

O que chama atenção na história daquelas cidades gêmeas é que, embora as ideologias políticas entre Brasil e Argentina tentassem separá-los e fortalecer identidades nacionais, os fronteirizos foram formando uma rede de parentesco transfronteiriça tão estreita que até por volta de 1940 era praticamente impossível separar brasileiros de argentinos. Dos contatos cotidianos entre os dois lados do limite resultavam frequentemente casamentos, o que foi promovendo a mescla. (FERRARI, 2015, p. 92).

Desse modo, cabe ressaltar que cada governo tentava passar ao máximo sua imposição e ressaltar a importância do reconhecimento de

pertencimento ao país, no entanto, os povos fronteiriços continuavam a manter fortes relações, ainda conforme Ferrari (2015)

[...] havia também interesses particulares dos próprios fronteiriços, que visavam a propriedades binacionais e também à instalação de estabelecimentos comerciais em ambos os lados do limite. Por essa razão, havia famílias brasileiras que optavam por registrar alguns filhos na Argentina e outros no Brasil; o contrário também é verdadeiro, pois quando surgiram cartórios de registro civil em lado brasileiro, muitas famílias argentinas também registravam alguns filhos em lado brasileiro. (FERRARI, 2015, p. 92).

Dessa maneira, o povo da fronteira aos poucos foi encontrando maneiras e formas de viver dos dois lados da fronteira. Por exemplo, com o comércio, era interessante para os comerciantes abrir estabelecimentos comerciais nos dois lados da fronteira garantindo uma rentabilidade maior.

Além disso, mesmo definidos os territórios e as fronteiras entre os dois países, aqui em questão, como destacam Dias & Ferrari (2011, p. 151) “a ausência de obstáculos físicos naturais favoreceu o estreitamento de relações sociais e econômicas entre os dois povoados, que foram crescendo como se fossem um só”. Assim, cabe destacar que a ausência de barreiras geográficas, em outras palavras, a fronteira seca entre o Brasil e a Argentina, favoreceu e ainda favorece grandes laços entre os dois povos.

No que se refere à fronteira, as autoras Dias & Ferrari (2011) destacam ainda que,

A população, em seu cotidiano, não concebe o limite como uma restrição soberana no ir e vir das relações econômicas e de sociabilidade, e a fronteira é representada como um espaço comum, com certa homogeneidade cultural – uma mescla étnica promovida pelos laços sociais transfronteiriços, como é o caso dos casamentos, bastante comuns entre brasileiros e argentinos. As músicas e as canções missioneiras, são, na verdade, uma mistura das músicas e das canções gaúchas, como o xote e o chamamé, com as dos guaranis do Paraguai. (DIAS & FERRARI, p. 161, 2011).

De acordo com as autoras, percebemos um convívio sem rivalidades entre brasileiros e argentinos que convivem em harmonia e atravessam a

fronteira sem preocupações. “Por se tratar de uma região de fronteira, onde ocorre um constante movimento migratório, é comum observar as dinâmicas trocas linguísticas e culturais, promovidas, inclusive, pelo comércio local”. (PASTORELLI, 2011, p.16).

A língua é considerada um elemento importante na identificação de um grupo e também de identificação nacional. Assim, com este estudo, pretendemos refletir sobre como a língua implica e é avaliada na constituição da identidade linguística. Pretendemos, portanto, a partir das entrevistas e depoimentos coletados, identificar e analisar as crenças e as atitudes linguísticas que atuam na constituição da identidade linguística no espaço fronteiro e também como denominam a língua utilizada na fronteira.

Apresentamos, em seguida, a Figura 1 com vista aérea das três cidades para que se possa ter uma melhor noção dessa área fronteira, em que apenas linhas imaginárias dividem os territórios.

Figura 1: Vista aérea das três cidades



Fonte: <https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1409240> (2018)

Como pode ser observado na Figura 1, as cidades estão muito próximas, assim, conseqüentemente as ruas se confundem e as cidades se misturam, formando uma só comunidade, o que sugere um convívio muito próximo desses moradores.

2.2 AS CIDADES TRIGÊMEAS

Barracão, no Paraná, e Dionísio Cerqueira, em Santa Catarina, parecem formar uma só cidade, juntas as três formam as “cidades trigêmeas”. Como as duas cidades brasileiras têm o idioma português como oficial, para este trabalho, ao compor nosso banco de dados, optamos por informantes residentes em Dionísio Cerqueira. Apesar de ser difícil falar de uma cidade e não mencionar a outra ao lado, decidimos por pesquisar em Dionísio Cerqueira, no oeste catarinense. Assim, falando de Barracão, o município está localizado ao sudoeste do Paraná, conta com 10.238 habitantes, conforme estimativa IBGE/2018. Foi fundado em 14 de dezembro de 1952.

Dionísio Cerqueira, município localizado na Microrregião do Extremo Oeste de Santa Catarina, conta com 15.450 habitantes (IBGE/2017). Segundo informações encontradas no site do CIF (Consórcio Intermunicipal de Fronteira) (2019) a região começou a ser povoada desde meados do século XIX, foi colonizado predominantemente por descendentes de italianos e alemães, oriundos do Rio Grande do Sul e pertenceu a Chapecó até 1953, quando se tornou município. O nome da cidade é uma homenagem ao general Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira, antigo Ministro das Relações Exteriores, pois foi ele o responsável por demarcar a fronteira entre Brasil e Argentina. Conforme reportagem na Revista Portal Tri (2019), durante as décadas de 20 e 30, a região do Extremo-Oeste era habitada por caboclos que viviam da caça, pesca e agricultura. Mais tarde viviam da extração de erva mate e madeira, que comercializavam com os consumidores argentinos. Dionísio Cerqueira atrai visitantes de toda a região, incluindo argentinos.

Bernardo de Irigoyen, que também é nossa localidade de pesquisa, é uma cidade argentina, capital do departamento de General Manuel Belgrano da

província de Misiones. Localizada no ponto mais oriental da Argentina, faz fronteira com as cidades brasileiras de Dionísio Cerqueira (estado de Santa Catarina) e Barracão (estado do Paraná). O nome da cidade é em homenagem ao advogado argentino Bernardo de Irigoyen, que no século XIX contribuiu na demarcação de limites nessa região de fronteira. Conta com uma população de 6.492 habitantes na área urbana (INDEC, 2010) e 7.234 habitantes na área rural, segundo o Censo do ano 2005 (INDEC). Conforme informações encontradas no site do CIF (2019), “Trata-se de uma cidade bem organizada, apesar de visivelmente comprometida pela pobreza (com exceção dos comerciantes) e extremamente dependente do dinheiro injetado em sua economia pelos turistas brasileiros”, Segundo o site ainda é uma cidade que recebe turistas brasileiros em compras, pois há vários produtos com o valor menor do que no comércio brasileiro, destacando-se o “Combustível, bebidas, cosméticos, medicamentos e alguns gêneros alimentícios estão entre os produtos mais visados pelos brasileiros, além, é claro, do câmbio favorável (peso argentino)”.

O CIF (Consórcio Intermunicipal de Fronteira) é um órgão que atua na região fronteiriça, constituído pelos municípios de Barracão – PR, Bom Jesus do Sul – PR, Dionísio Cerqueira – SC e Bernardo de Irigoyen/Misiones / Argentina, e desde sua criação as ações práticas começaram a tomar forma. Segundo informações coletadas no site do CIF (2019) “O CIF trabalha assiduamente para o desenvolvimento dos municípios que o compõem, pensando neste desenvolvimento, cria-se programas e projetos para ajudar os municípios bem como a região a que pertencem”.

Em nosso ponto de pesquisa, podemos destacar também o Marco das Três Fronteiras, onde é possível estar ao mesmo tempo em três cidades e dois países: Dionísio Cerqueira – SC, Barracão –PR e Bernardo de Irigoyen, na província Argentina de Misiones, como é possível observar na Figura 2, foi inaugurado em 1903, nesse ponto é possível ao mesmo tempo colocar um pé no Paraná (Barracão), outro em Santa Catarina e estender um braço no território argentino, ou seja, ficar ao mesmo tempo em três cidades diferentes.

Figura 2: Marco das Três Fronteiras – Dionísio Cerqueira – SC, Barracão –PR e Bernardo de Irigoyen, na província Argentina de Misiones



Fonte: Arquivo pessoal autora (2018)

Além disso, é possível atravessar do Brasil para a Argentina sem autorização ou fiscalização, como podemos ver a partir da Figura 3, em que apenas um canteiro separa os países. As cidades são frequentemente visitadas por turistas e sacoleiros, ou seja, comerciantes, muitas vezes ilegais, como brasileiros em compras:

Figura 3: Canteiro que separa o Brasil da Argentina



Fonte: Arquivo pessoal autora (2018)

Como mencionado anteriormente, a localidade é conhecida como sendo a única fronteira seca entre o Brasil e a Argentina que apresenta essas características. Apresentamos algumas imagens de reportagens, folhetos turísticos que destacam a principal atração da região a “Tri-Fronteira”. Na Figura 4, uma reportagem extraída de um site de notícias destaca a cidade catarinense, convidando para conhecer “a cidade catarinense onde uma rua separa três cidades, três Estados e dois países”.

Figura 4: Notícia turística

The image shows a screenshot of a news article from a website. At the top left, there is a logo 'DC' and a 'MENU' button. To the right, it says 'VOCÊ ESTÁ EM NOTÍCIAS'. Below this, there is a blue bar with the text 'CIDADES-GÊMEAS' and a 'COMENTE!' button. The main headline is in large, bold black font: 'Conheça a cidade catarinense onde uma rua separa três cidades, três Estados e dois países'. Below the headline, it says '20/07/2016 - 17h50min - Atualizada em 21/07/2016 - 10h58min' and 'Sugerir correção'. On the left side, there is a circular profile picture of a man, followed by the text 'Por ÂNDERSON SILVA'. Below that, it says 'COMPARTILHE:' and a 'FACEBOOK' button with the 'f' logo. To the right of the text is a photograph of a man wearing a hat and a jacket, standing on a concrete wall or structure, looking towards the right. The background shows a blue sky with some clouds and trees.

Fonte: NSCtotal (2016)

A Figura 5 é um panfleto do Hotel Iguaçu (hotel em que ficamos hospedados na cidade para fazermos as coletas de dados) em que também ressalta o convite destacando que “um lugar onde você pode estar em três cidades, três estados e dois países ao mesmo tempo”.

Figura 5: Panfleto do Hotel Iguazu



Fonte: Panfleto Hotel Iguazu (2018)

A história, geografia e o contato entre os falantes podem condicionar a relação entre as línguas e seus falantes. A língua permite a identificação de um falante como integrante de um grupo linguístico. Tendo em vista que o usuário de uma variedade linguística se comporta linguisticamente de diversas formas conforme a sua identificação com um grupo étnico ou de acordo com as normas sociais. Portanto, acreditamos no fato de que as pessoas constroem um vínculo de identidade com o ambiente em que vivem, ou ao grupo a que pertencem. Contudo, essa relação pode ser transformada a todo momento pelas influências a que estão expostos em seu convívio diário.

Desse modo, destacamos que as cidades envolvidas nesta pesquisa estão geograficamente próximas, porém, pertencentes a países diferentes e com idiomas oficiais distintos, ou seja, o português e o espanhol. No entanto, pela sua caracterização de fronteira os moradores dessa região apresentam um convívio diário muito próximo. Conforme Couto (2011, p. 370), “o que entra em contato diretamente não são línguas, mas povos, ou representantes deles”. Dessa maneira, temos, nesse contexto, excelente oportunidade para analisar o comportamento linguístico dos indivíduos, que mesmo separados por fronteiras apresentam um contato diário próximo.

Desse modo, diante do já exposto e tendo em vista que as crenças e atitudes linguísticas exercem um papel de extrema relevância na vida em sociedade, buscamos compreender, a partir do comportamento linguístico dos indivíduos que se encontram em regiões fronteiriças, como se dão e até que ponto as crenças e atitudes interferem no *modus operandi* dessas comunidades.

No próximo capítulo abarcaremos a parte teórica com conceitos que se fazem fundamentais para compreensão deste trabalho.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 CONTATOS LINGUÍSTICOS NO SUL DO BRASIL

O cenário linguístico brasileiro é constituído por diferentes falares. Na região sul do Brasil além dos indígenas e caboclos (brasileiros) que já residiam aqui, encontram-se muitas comunidades de imigrantes e descendentes de imigrantes, principalmente alemães, italianos e poloneses, o que torna um espaço de grande diversidade linguística e cultural. (ALTENHOFEN, MELLO & RASO; 2011). Nas localidades envolvidas nessa pesquisa é essa a realidade encontrada, em que o espanhol e o português estão em contato com as línguas dos descendentes europeus, principalmente falantes de alemão, polonês, italiano.

Apesar da Constituição Brasileira de 1988, especificar em seu artigo 13, que a língua portuguesa é o idioma oficial do país, no entanto, sabemos que a realidade linguística que presenciamos é bem diferente, pois o Brasil é formado por uma grande mistura de povos. Altenhofen, Mello & Raso (2011, p. 13) ressaltam que “a história do Brasil após a chegada do homem branco é toda uma história de contatos linguísticos”. Desse modo, a partir da chegada dos portugueses contamos com vários exemplos de contatos com outras línguas que se juntaram às que já existiam aqui. De acordo com os autores, apesar de o Brasil parecer um país monolíngue, é um dos territórios com maior diversidade linguística no mundo. Ainda, segundo os pesquisadores, após a chegada dos portugueses ao Brasil, teve o início da miscigenação das populações ameríndias, europeias, africanas e asiáticas.

No Brasil, com a chegada dos imigrantes, dentre eles, cabe destacar falantes de alemão, italiano, polonês, espanhol, além dos costumes, a música, a dança, entre outros hábitos e culturas específicas de cada país, eles também trouxeram consigo a língua. (ALTENHOFEN, MELLO & RASO; 2011). Segundo Ferraz (2007), além da grande diversidade de línguas indígenas existentes no

Brasil, com o processo de colonização, como já mencionado anteriormente, chega às terras brasileiras a língua portuguesa e, em seguida, com o tráfico de escravos, chegam várias línguas de origem africana.

Após a abolição da escravatura e com as campanhas imigratórias feitas pelo governo brasileiro, chegam diversos imigrantes, trazendo consigo suas línguas de origem, como são denominadas as línguas de imigração. Ainda de acordo com Ferraz (2007), línguas de imigração são

Aquelas faladas por grupos de pessoas num país que tem por oficial uma língua diferente, isto é, são línguas naturais, não criadas artificialmente, tradicionalmente usadas por parcelas da população de um país, e que não se confundem com dialetos da língua oficial. A grande maioria das línguas existentes no mundo encontra-se nessa situação. (FERRAZ, 2007, p. 45).

Sob essa mesma perceptiva, Mello (2011, p. 182) destaca que o contato entre o português e as línguas indo-europeias ocorreu mais tarde, diferente do contato intenso entre o português e as línguas indígenas e africanas durante os três primeiros séculos da história brasileira. A autora destaca ainda que nas regiões de fronteiras, o português e o espanhol sempre estiveram em contato intenso e nas regiões litorâneas ocorreu mais o contato com os colonos açorianos, através de traços culturais e também variantes linguísticas. De acordo com a autora, na primeira metade do século XIX, ocorreu a chegada dos alemães, que se instalaram principalmente às margens do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul. Ainda, no último quarto do século XIX, chegaram os italianos, que ocuparam a região serrana gaúcha.

Dentre todos esses contatos que ocorreram entre essas diversas etnias, ocorreu ainda o contato linguístico entre poloneses, ucranianos e neerlandeses, que posteriormente foram chegando (SCHOLTZ, 2014). Assim, conforme Mello (2011), a imigração alemã e italiana atingiu grandes dimensões, espalhando-se por diferentes pontos na região sul. Destacando que esse contato entre o português com essas línguas e culturas é de suma importância para a formação da identidade cultural e linguística do Brasil. Desse modo, de acordo com Vicenzi (2008, p. 15) “a sociedade brasileira é formada por grupos de várias origens que compartilham um mesmo espaço

geográfico e histórico. A imigração foi um dos fenômenos que ensejou tal realidade”.

De acordo com Altenhofen e Margotti (2011, p. 297), “a presença de diferentes etnias no Brasil resultou num mosaico de situações de plurilinguismo e de contatos linguísticos e um complexo e variado espectro de produções e habilidades linguísticas”. Desse modo, quando falamos em contato de línguas, estamos falando de pessoas em contato com o desejo de se fazer entender e entender o outro com a necessidade de se comunicar. O que pode entrar em contato são etnias, culturas diferentes, princípios e valores inerentes em cada indivíduo. Assim, de acordo com Altenhofen e Margotti (2011, p. 297) “muito mais do que línguas em contato, o que de fato entra em contato, no plano variacionista, são as variedades individuais (ou idioletos)”, isto é, cada comunidade compartilha de variedades linguísticas específicas que no plano geográfico entram em contato e assim surgem novas variedades como um processo comum e natural. Cabe acrescentar que não se resume em contatos apenas linguísticos, como também questões culturais, políticas, sociais; integrantes de cada grupo que traz consigo diferentes variedades que entram em contato. Altenhofen (2013) cita (Auer & Schmidt, 2010) que afirmam que,

Partindo do pressuposto de que o que efetivamente entra em contato são variedades linguísticas, segue que os <contatos linguísticos> fazem parte da vida diária de todas as comunidades, tanto no nível micro linguístico (na interação *face-to-face*), quanto na perspectiva macrolinguística, considerando tanto a mobilidade espacial de qualquer indivíduo (no espaço geográfico), quanto à participação em espaços midiáticos diversos. (ALTENHOFEN, 2013, p. 37).

No entanto, com o decorrer do tempo, o Brasil foi marcado por políticas linguísticas monolingualizadoras, ou seja, com a implantação da língua portuguesa como língua oficial no Brasil. Segundo Ferraz (2007), durante o período de 1937-1939, no Brasil, surgiu a Campanha de Nacionalização do Ensino, política do Estado Novo, que tinha como objetivo a alfabetização e nacionalização dos núcleos coloniais, estabelecendo aos imigrantes e seus descendentes a imposição de dominar a língua portuguesa, ou seja, de aprender e falar somente ela. Ainda assim, não foi possível acabar com as

línguas que vieram, e muitas existem até hoje e são utilizadas no território brasileiro.

Convém destacar novamente, que no Brasil há uma grande diversidade de contatos, não só devido a diferentes povos colonizadores, como também sua enorme extensão territorial e por fazer fronteira com diversos países da América do Sul. Lipski (2011) aborda que “em várias áreas da América do Sul existem comunidades de fala que combinam o espanhol e o português. Esses lugares se localizam ao longo da fronteira brasileira, em contato com países de expressão espanhola” (LIPSKI, 2011, p. 349). Assim, os contatos linguísticos, segundo Altenhofen e Margotti (2011, p. 290), “surgem como resultado natural de um movimento de imigração ou de migrações internas.” Neste trabalho, abordaremos o contato do português e do espanhol na fronteira entre o Brasil e a Argentina, desse contato linguístico natural, português e espanhol, muitas vezes ocorre que os falantes misturam as línguas, por serem idiomas do mesmo troco familiar, ou seja, por serem originadas do latim apresentam grandes semelhanças, desse modo, essas semelhanças propiciam aos falantes dessa região fronteira a facilidade de mesclar os idiomas e conseqüentemente de surgir um novo nome para essa língua falada, conhecida por muitos pelo termo “portunhol”.

3.1.1 Bilinguismo

Em nosso estudo, temos o contato de falantes de português e espanhol, de indivíduos que residem em região de fronteira, característica que propicia o contato e proporciona ou pode levar o indivíduo a conhecer mais de uma língua, neste caso podem-se desenvolver falantes de português e espanhol, ou seja, se tornarem sujeitos bilíngues. Ao falar em bilinguismo pensa-se, geralmente, em contato com outra língua, em que ser uma pessoa bilíngue é ter o conhecimento ou domínio de dois ou mais idiomas. No entanto, ao falarmos de bilinguismo entramos em um campo de difícil definição do que realmente seja um sujeito bilíngue. Além disso, são muitos pontos de vista que envolvem a questão e a definição do que é o bilinguismo, em que cada

estudioso descreve e classifica o ser bilíngue de um modo. Nesse sentido, para este estudo seguiremos a linha de pensamento de Mackey (1972), que tem por objetivo, definir o conceito de bilinguismo e propor parâmetros de descrição que possam dar conta da complexidade que envolve a condição de bilíngue. Porém, outros estudiosos também dissertam sobre o tema em questão, como por exemplo, para Romaine (1995), o bilinguismo, pode ser visto como um componente essencial nas ligações culturais de comunicação. Segundo a autora é preciso levar em conta os graus de bilinguismo variados, pois é praticamente impossível definir o grau de bilinguismo em uma segunda língua. Romaine (1995) destaca ainda, que há mais bilíngues no mundo do que monolíngues, desse modo, o bilinguismo constitui a norma e não uma exceção. Segundo a autora, o bilinguismo é uma prática a ser cultivada e incentivada, e não pode ser considerado como um problema a ser superado.

A este respeito, para McCleary (2009), uma pessoa bilíngue é qualquer indivíduo que consegue fazer o uso mesmo que minimamente para se comunicar em outra língua. Dessa forma para o autor existem graus de bilinguismos individuais, convém destacar,

Num extremo, estão os bilíngues equilibrados, fluentes nas duas línguas; no outro extremo os bilíngues precários, que sabem falar algumas palavras e expressões suficientes para se fazer entender, e os semibilíngües, que compreendem (ou que leem) uma segunda língua, mas que não conseguem falá-la. E existem muitos outros tipos entre os extremos. (McCLEARY, 2009, p. 28).

Dessa maneira, pode-se perceber que o autor classifica a definição de bilinguismo de uma forma bem ampla em que contempla vários casos e situações específicas de cada indivíduo. A exemplo disso, podemos citar a situação de contato linguístico desta pesquisa, em que vários informantes aprenderam a língua do outro a partir do contato e assim não devolveram todas as habilidades linguísticas, mas algumas, fato que faz com que sejam classificados como bilíngue. Considerando a compreensão de bilíngue de McCleary (2009), seu conceito se aplica em partes, mas o principal autor a ser seguido neste trabalho é Mackey (1972).

Mackey (1972, p. 554) introduz a ideia de que se considera um indivíduo bilíngue aquele que usa alternadamente duas ou mais línguas. Desse modo, para o autor o bilinguismo é a qualidade de um sujeito ou de uma população que comumente emprega duas línguas, sem aptidão marcada para uma ou outra. O autor também cita Bloomfield (1933), que considerava o bilinguismo como "o controle nativo de duas línguas". Este conceito, conforme Mackey (1972), foi ampliado por Haugen (1953), com o acréscimo de que o indivíduo bilíngue possui habilidades para produzir "expressões significativas e completas em outra língua". Assim como visto, pode-se dizer que são conceitos bem específicos que levam em conta o grande domínio que o indivíduo precisa ter em todas as habilidades linguísticas para se tornar de fato uma pessoa bilíngue.

Conforme os estudos de Mackey (1972), o bilinguismo deve ser considerado como um conceito não absoluto, e sim relativo, em que importa menos responder se determinado indivíduo é bilíngue, e sim, em que medida ou sentido é bilíngue. Desse modo, o ponto em que um falante de uma segunda língua se torna bilíngue é arbitrário ou difícil de determinar. Pois é possível, que o bilíngue não tenha conhecimento total das quatro habilidades como fala, escrita, leitura e audição.

Ainda, segundo Mackey (1972, p. 556), o bilinguismo é um padrão comportamental de modificar práticas linguísticas mutuamente, variando em grau, função, alternância e interferência. Para ele, é em torno dessas quatro características que o bilinguismo pode ser descrito, destaca ainda, que o bilinguismo é diferente de indivíduo para indivíduo. Assim, considerando seu grau de proficiência (quanto o falante conhece das línguas que usa), função (qual a finalidade do uso das línguas), alternância (em que medida ele altera entre suas línguas) e interferência (em que medida o bilíngue mantém suas línguas separadas). Desse modo, cabe ressaltar que para este autor, a pessoa para ser considerada bilíngue não necessita dominar as quatro habilidades como se fosse um nativo da língua, mas a partir do momento em que consegue se comunicar em algumas delas, já pode ser denominada bilíngue mas é claro, esses fatores sempre variam de pessoa para pessoa, e assim cada caso deve ser analisado individualmente.

3.2 PORTUNHOL: LÍNGUA, DIALETO OU VARIEDADE?

Ao tratarmos de uma variedade linguística ou uma língua, seja ela o espanhol ou o português, vale lembrar que segundo Trudgill (2000 p. 8), “todas variedades de uma língua são sistemas estruturados, complexos e governados por regras que são totalmente adequadas para as necessidades de seus falantes”⁶. Desse modo, cada língua apresenta suas próprias estruturas e complexidades, contendo suas próprias regras.

Ao tratarmos do termo “portunhol” percebe-se que o mesmo apresenta uma certa dificuldade de uma definição complexa, pois apesar de ser considerado como uma língua para vários indivíduos, é um conceito que formalmente não carrega *status* de uma língua oficial, como o português e o espanhol por exemplo, no entanto, é utilizado e, além disso, denominado por muitos falantes, como é possível perceber nesta dissertação, como uma língua. Desse modo, neste sentido, faz-se sempre a pergunta, “Portunhol, seria uma língua, um dialeto ou uma variedade? Assim, para darmos conta da complexidade que envolve essa definição, começaremos expondo brevemente algumas definições para língua e dialeto e variedade.

Para a definição desses termos, língua, dialeto e variedade, utilizaremos conceitos usados por Coseriu (1982, p. 10-11) que “[...] entre dialeto e língua não há diferença de natureza substancial. Intrinsecamente, um dialeto é simplesmente uma língua: um sistema fônico, gramatical e lexical”⁷. No entanto, nem sempre é possível utilizar “língua” e “dialeto” como sinônimos. Para o autor, “se todo dialeto é uma língua, nem toda língua é um dialeto”⁸. Dessa forma, para o estudioso o termo dialeto não significa outra coisa a não ser o termo língua, ou seja, dialeto é a própria língua. Porém a língua é concebida como uma entidade autônoma, já os dialetos como variedade das línguas. Portanto, o dialeto é uma variedade da língua, uma maneira própria de

6 No original: “all varieties of a language are structured, complex, rule-governed systems which are wholly adequate for the needs of their speakers”.

7 No original: “entre dialecto y lengua no hay diferencia de naturaleza 'substancial'. intrinsecamente, un dialecto es simplemente una lengua: un sistema fónico, gramatical y lexical.”

8 No original: “si todo dialecto es una lengua, no toda lengua es un dialecto.”

falar de determinado grupo de falantes da língua. Complementando Coseriu, Trudgill (2000, p. 5), apresenta que "o termo dialeto pode ser usado para se aplicar a todas variedades, não apenas variedades consideradas não-padrão"⁹

Assim, no que se refere à língua portuguesa e espanhola percebe-se que ambas têm sua origem no latim. Desse modo, as duas possuem semelhanças em seus vocábulos, que ao mesmo tempo que proporciona uma facilidade na comunicação, faz com que ocorra também uma facilidade para que ambas possam ser mescladas e ocasionando uma nova forma de comunicação, ou seja, uma terceira variedade linguística, conhecida por várias pessoas e estudiosos como o "portunhol".

Conforme estudos de Morales (2016, p. 3) "o portunhol denomina-se como a língua coloquial utilizada pelas comunidades fronteiriças entre os países de fala lusófona e hispana". Desse modo, podemos considerar o "portunhol" como uma mistura entre o português e o espanhol e de acordo com Morales (2016) é falado entre a fronteira do Brasil com a Argentina, a Bolívia, a Colômbia, a Venezuela, o Paraguai e o Uruguai. Por conseguinte, esta variedade linguística é característica principal de regiões fronteiriças em que acontece essa mescla dos dois idiomas e quem convive nesses locais consegue entender e se comunicar nessa variedade. Segundo Limão,

O portunhol é, indiscutivelmente, uma língua de fronteira. A fronteira, que se caracteriza como um lugar onde os limites geopolíticos se tornam indefinidos, dando lugar à indeterminação e a ambiguidades. A sociedade de fronteira adquire assim uma dimensão simbólica e os indivíduos que dela fazem parte são capazes de abraçar múltiplos aspectos da vida social nacional e internacional. (LIMÃO, 2017, p. 2101)

De acordo com Pastorelli (2011, p. 15) "durante os últimos cem anos, a imigração espanhola intensificou-se, em especial nas regiões Sul e Sudeste do país, fator reforçado pelas relações pessoais e comerciais estabelecidas nas fronteiras com Paraguai, Argentina e Uruguai". Dessa maneira, o desejo de se fazer entender e entender o outro é uma das primeiras situações e dilemas dos

9 No original: The term dialect can be used to apply to all varieties, not just to nonstandard varieties."

falantes que se encontram nessa situação. Desse modo, podemos dizer que começam a surgir as primeiras variedades linguísticas desse contato entre povos com línguas distintas, pois surge essa necessidade de se comunicar, principalmente quando se fala em uso comercial de uma variedade. Assim, o termo “portunhol” pode resultar da mescla ocasionada por necessidades de comunicações momentâneas entre falantes do espanhol e do português. Conforme Limão o portunhol seria também (2017, p. 2103) “a língua falada pelos fronteiros como língua intermediária ou de comunicação imediata”.

De acordo com os estudos de Souza & Lucchesi (2014), assim surgem os *pidgins*, com uso mais ligado ao comércio, como uma língua emergencial. A partir desses *pidgins*, começa um processo de crioulização, uma língua que pode ser caracterizada por ser materna, que passa a ser *creol* quando se transforma em língua usual de uma determinada comunidade, como em nosso estudo com o caso do “portunhol”, que acaba passando de geração a geração.

Desse modo, cabe comentar sobre a invenção do termo “portunhol”. De acordo com Altenhofen & Oliveira (2011, p. 188), a denominação *in vitro* é usado para se referir a termos criados em laboratório, ou seja, “sem intervenção dos membros diretos da comunidade de fala, isto é, configuram-se como termos técnicos atribuídos artificialmente de fora para dentro do contexto de uso da língua”. Diferente de uma ação *in vivo* que envolve a participação da própria comunidade, isto é, “são as autodenominações que os falantes dão à respectiva língua materna”. Desse modo, destacamos que o “portunhol” é um termo inventado pela população e não em laboratório.

A este respeito, cabe acrescentar ainda, que o termo “portunhol” pode ser encontrado se referindo também de maneira pejorativa a estudantes brasileiros, por exemplo, aprendendo o espanhol, em que apresentam uma linguagem deficitária, ou seja, fazem uma mistura do português com o espanhol. Conforme Limão (2017) o termo “portunhol” é habitualmente utilizado para indicar tanto o fenômeno da interlíngua que se forma nas fronteiras bilíngues entre o Brasil e os países hispano-falantes e o da interferência em contextos de aprendizagem de L2.

Ainda no que se refere ainda a denominação “portunhol”, para Celada (2002), essa designação é tida como um termo “curinga” pelo fato de mover-se e adaptar-se em diferentes espaços. Para a autora, ainda,

Refere-se a diversos objetos, dentre eles designa a língua de mistura – entre espanhol e português – nas diversas fronteiras do Brasil com os países hispano-americanos. Por isso, “portunhol” pode designar tanto a língua dos hispano-falantes que moram neste país [...] quanto aquela produzida pela relativa audácia dos veranistas argentinos nas praias brasileiras ou, ainda, pela boa disposição dos anfitriões que aí os recebem. Pode designar também a modalidade com a qual os brasileiros “dão um jeito” de comunicar-se com os hispano-falantes dentro e fora do Brasil. Com frequência, o termo é utilizado ainda pelo próprio aprendiz para referir-se à língua que vai produzindo ao longo de seu processo de aprendizagem. (CELADA, 2002, p. 44-45).

Dessa forma, podemos perceber que esse termo é usado cotidianamente nos diferentes espaços sociais, para se referir a diversos e diferentes contatos entre o português e o espanhol.

Neste trabalho, utilizaremos o termo língua e variedade linguística para se referir ao termo “portunhol”, visto que não pode ser considerada uma língua como o português ou o espanhol por exemplo.

No próximo tópico, trabalharemos com identidade linguística, termo que se apresenta importante para o trabalho, pois ao pensarmos em contato entre línguas pensamos na possibilidade de sujeitos bilíngues na constituição de sua identidade linguística.

3.3 IDENTIDADE LINGUÍSTICA

De acordo com Krug (2004, p. 18), “a língua é considerada um dos principais fatores de determinação da identidade de um grupo”. Convém ressaltar, desse modo, a importância da língua na vida das pessoas, ou seja, a língua como um forte elemento de identificação de pertencimento a algum determinado grupo, e, assim como influenciadora na própria identidade. É a partir da língua utilizada que os grupos se distinguem uns dos outros e ao mesmo tempo em que a língua serve como um instrumento de comunicação entre os falantes, ela transmite suas culturas, normas, valores, crenças.

Conforme Aguilera (2008, p. 105-106), “a atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro.” A variedade linguística utilizada por seus usuários os define, elemento importante na definição de sua identidade e, como consequência contribui para identificar como ele é visto e valorizado no contexto social. Conforme Moreno Fernández (1998),

Pode-se dizer que as atitudes linguísticas têm a ver com as línguas e com a identidade dos grupos que as utilizam. Consequentemente, é lógico pensar que, já que existe uma relação entre língua e identidade, está há de manifestar-se nas atitudes dos indivíduos para com essas línguas e seus usuários (MORENO FERNANDEZ, 1998, p. 180).¹⁰

No entanto, em muitos contextos, as pessoas que não se “enquadram” nos padrões exigidos por uma parte da sociedade que se considera “elevada socialmente” na comunidade é tratada como diferente. A este respeito, Aguilera (2008, p. 106) aborda que “na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente”.

Segundo os estudos de Damke (1998),

Falar em identidade e relacioná-la a língua é ser individual, mas ao mesmo tempo ser também coletivo [...] não se pode falar em língua, variação linguística, sem que esteja ligada à identidade do próprio falante. Por outro lado, também não é possível falar em construção do sujeito ou da identidade do indivíduo, sem se falar também da identidade étnica, do aspecto cultural, e, portanto, também, da própria identidade linguística. (DAMKE, 1998, p. 19).

10 No original: Se puede decir que las actitudes lingüísticas tienen que ver con las lenguas mismas y con la identidad de los grupos que las manejan. Consecuentemente es lógico pensar que, puesto que existe una relación entre lengua e identidad, ésta ha de manifestarse en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios.

Desse modo, ao mesmo tempo em que somos seres individuais com características próprias, também pertencemos a um grupo, quer dizer, pertencemos a algum grupo que acreditamos que nos representa e que compartilha de características comuns. Assim, a língua é uma dessas características que nos faz identificarmos com um conjunto de pessoas ou não. A este respeito Moreno Fernández (1998), aborda que

Uma variedade linguística pode ser interpretada, portanto, como uma característica definidora da identidade, portanto, atitudes em relação a grupos com uma dada identidade são, em parte, atitudes em relação às variedades linguísticas usadas nesses grupos e aos usuários dessas variedades. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180)¹¹

Desse modo, infelizmente, na sociedade, as desigualdades sociais são perceptíveis e a utilização de uma ou outra variedade faz com que o indivíduo, muitas vezes, seja discriminado pela variedade que é por ele utilizada. A forma como uma variedade é tratada acaba influenciando na sua representatividade no contexto social. De acordo com Krug (2004, p. 10), “a negação da variedade minoritária está ligada a questões de prestígio e estigmatização a ela atribuídas”. Assim, vários fatores fazem com que a pessoa troque a sua variedade para se adequar aos padrões exigidos pela alta sociedade, deixando de utilizar sua marca identitária ou adormecendo por ressentimento de ser discriminado por utilizar uma variedade desprestigiada socialmente.

Conforme Krug (2004), os indivíduos não querem pertencer a um grupo étnico de menor ou pouco prestígio ou poder. Desse modo, há grandes chances de os indivíduos de comunidades minoritárias tentarem se parecer tanto em características culturais como linguísticas dos grupos dominantes. Segundo Krug (2004, p. 10) “ser integrante de um grupo com identidade étnica e linguística forte é, muitas vezes, motivo de orgulho, conferindo ao falante um certo sentimento de superioridade”. De acordo com o autor, uma variedade

11 Una variedad lingüística puede ser interpretada, por tanto, como un rasgo definidor de la identidad, de ahí que las actitudes hacia los grupos con una identidad determinada sean en parte actitudes hacia las variedades lingüísticas usadas en esos grupos y hacia los usuarios de tales variedades.

considerada de alto prestígio e o valor de mercado da língua contribui para a construção de uma identidade positiva.

A este respeito, Ferraz (2007, p. 66) ressalta que o “status linguístico: está relacionado com o status social. Um grupo minoritário poderá considerar baixo o seu status linguístico se, por exemplo, falar um dialeto de menos prestígio social”. Desse modo, o *status* de uma língua apresenta forte influência no fato de uma pessoa querer ou não pertencer a um grupo linguístico. “Pois a língua é expressão de identidade, é o meio pelo qual o falante demonstra o seu pertencimento a determinado grupo”. (KERSCH, 2011, p. 397).

Como podemos constatar, o fato de uma pessoa querer ou não pertencer a determinada comunidade linguística, está quase totalmente ligado a questões sociais, muito pode ser por questão de insegurança ou medo de ser barrado de algum lugar ou por pessoas que se julgam superiores e acreditam que as outras variedades não são reconhecidas socialmente na comunidade, e assim menosprezando os falantes. Desse modo, na sociedade, há julgamentos, e, ao mesmo tempo em que se formam crenças e atitudes positivas também se concretizam as negativas.

É a partir da língua utilizada que os grupos se distinguem uns dos outros e ao mesmo tempo em que a língua serve como um instrumento de comunicação entre os falantes, ela transmite suas culturas, normas, valores, crenças. Desse viés, segundo Botassini (2011, p. 66), “os posicionamentos em relação à língua, refletem os posicionamentos em relação aos usuários dela e que essas atitudes, que podem ser de lealdade ou de aversão, são, em parte, responsáveis pela manutenção ou pela mudança linguística”. Desse modo, juízos de valores sobre uma determinada variedade linguística podem desencadear elementos para a manutenção ou a substituição do uso de uma língua. De acordo com Fishman (1964),

O estudo de manutenção linguística ou substituição linguística está relacionada com a relação mudança e estabilidade do uso habitual da linguagem por um lado, e processos culturais, sociais e psicológicos por outro, quando populações que

diferem em suas línguas estão em contato uma com outra¹². (FISHMAN, 1964, p. 1).

Estudos sobre manutenção e substituição linguística apontam que quanto maior o papel da língua como marca identitária, maiores serão as chances de uso e manutenção da língua, caso contrário, ocorrerá a substituição e a recusa de pertencimento a determinado grupo linguístico por parte dos usuários.

De acordo com Pertile (2009, p. 38), “no transcorrer da história, sempre houve línguas que se impuseram, quer cultural ou economicamente sobre outras”. Dessa forma, infelizmente em nossa sociedade há línguas que são consideradas de maior prestígio, geralmente a língua oficial, e que aparenta conferir aos usuários maiores ascensões sociais e quem não a utiliza é desvalorizado socialmente. Ainda no que tange a valorização de uma língua Pastorelli (2011) acrescenta que a utilização de uma língua, independente de qual for, é uma ferramenta dinâmica e desse modo todo usuário a utiliza conforme seu conhecimento de mundo, de acordo ainda “com as tradições da localidade linguística e da realidade familiar em que foi criado, manifestando suas ideias e crenças e contribuindo para a variação e as mudanças na língua, sobretudo em sua vertente oral”. (PASTORELLI, 2011, p. 16-17).

3.4 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Convém ressaltar, a princípio, a importância de pesquisas sobre crenças e atitudes linguísticas na sociedade. Botassini (2015) destaca que estudos envolvendo esses fenômenos contribuem para aumentar a discussão sobre os fatores de mudança linguística, sobre a influência no ensino de outras línguas, ainda sobre questões de “prestígio e desprestígio – que levam ao preconceito

12 No original: The study of language maintenance or language shift is concerned with the relationship between change or stability in habitual language use, on the one hand, and ongoing psychological, social or cultural processes on the other hand, when populations differing in language are in contact with each other.

não só em relação à língua que o outro fala, mas também em relação à comunidade desses falante” (BOTASSINI, 2015, p. 102).

Segundo Aguilera (2008), no que tange as primeiras pesquisas sobre crenças e atitudes, as mesmas ocorreram na área da psicologia social, conforme a autora, em 1967, Lambert chamava a atenção para esse fenômeno. Na área da Sociolinguística, os estudos sobre esses fatores também não são recentes, Labov (2008), por exemplo, em 1963, destacou a importância desses fatores para o estudo da mudança fonética ocorrida no inglês falado na ilha de Martha's Vineyard.

Conforme Couto (2011, p. 370), “línguas entram em contato quando um povo, ou parte dele, se desloca para o território de outro povo” cabe destacar que quando ocorre o contato entre duas ou mais línguas, criam-se avaliações e preconceitos positivos ou negativos perante a língua do outro, ou seja, crenças e atitudes linguísticas que podem ser favoráveis ou desfavoráveis a determinada variedade levando em consideração, na maioria das vezes, o seu usuário.

Logo, cabe acrescentar que as atitudes são desenvolvidas levando em consideração, muitas vezes, os seus falantes e não somente a língua. De modo que, o contato entre línguas, é, na verdade, um contato entre falantes. Estudos realizados por Hamers & Blanc (2004) apontam que a rejeição ou aceitação de uma língua está ligada quase sempre a questões de avaliações sociais na sociedade. Segundo Hamers & Blanc (2004, p. 222) “[...] Julgamentos de valores expressam os estereótipos, atitudes e preconceitos que membros de uma comunidade de fala têm em relação aos falantes de uma outra comunidade e suas línguas”¹³.

Ademais, as crenças e atitudes linguísticas exercem um papel de extrema importância na sociedade, de modo que o falante assume posturas ao se posicionar diante de uma língua, rejeitando algumas e preferindo outras e, isso interfere no *status* da língua e também na questão da identidade linguística. Como é apresentado por Bernieri (2017, p. 21), “dentro da esfera das questões psicossociais, as crenças das pessoas de uma comunidade em relação às

13 No original: [...] value judgments express the stereotypes, attitudes and prejudices that members of a speech community have towards the speakers of another community and their language.

variedades locais são um aspecto influenciador no prestígio ou estigmatização de uma língua, desenvolvendo atitudes e comportamentos”. Desse modo, na constituição da identidade linguística o falante tende a se posicionar e a querer pertencer a falares considerados prestigiados na sociedade, assim, acabam por vezes rejeitando algumas variedades e valorizando outras, mas muitas vezes, levando em consideração o *status* social a que o grupo pertence.

Na sequência, apresentaremos definições, abordagens e métodos para mensurar as crenças e atitudes linguísticas.

3.4.1 Definições de crenças e atitudes linguísticas

Como abordado por Balthazar (2018), definir os conceitos de crenças e atitudes linguísticas não é uma tarefa simples. Isso porque entramos em um campo em que há diferentes áreas de estudo com opiniões que seguem diferentes correntes teóricas. Além do mais, quando tratamos de atitudes linguísticas, “entram em jogo questões de avaliações linguísticas, sociais e políticas, o que abrange posições delicadas e amplamente discutíveis sobre língua, poder e pessoas.” (BALTHAZAR, 2018, p. 189).

Desse modo, quando ocorre o contato linguístico, ocorre conseqüentemente o contato entre falantes, ou seja, há um encontro de diferentes culturas, pensamentos, etnias, etc., pessoas que carregam consigo marcas peculiares que os fazem ser diferentes dos demais. Desse contato resulta que “grupos em diferentes posições sociais tendem a travar uma luta quanto ao uso de determinadas formas linguísticas, principalmente aquelas que imprimem uma marca ao grupo” (BUSSE; SELLA, 2012, p. 78-79).

Dessa maneira, nessa relação, desenvolvem-se diferentes pontos de avaliar o outro e a si mesmo, assim, “a partir da observação de outra língua, você percebe as peculiaridades da sua” (BALTHAZAR, 2018, p.195). De fato, a partir do momento em que se compara mais de uma variedade linguística ou uma língua, são feitas avaliações, comparações e principalmente entres os seus usuários.

O modo como os falantes concebem o outro em seu cotidiano pode ser percebido, por exemplo, por meio de fenômenos da variação linguística, contanto que se perceba, por meio da fala, como são externadas ações e “representações” sociais e culturais da comunidade. (BUSSE; SELLA, 2012, p. 78-79).

Botassani (2015) ressalta que as sociedades são formadas por diferentes classes sociais, desse jeito, “em toda sociedade, as diferenças de “poder” existentes entre grupos sociais distintos podem ser percebidas na variação linguística e nas atitudes para com essas variações” (BOTASSINI, 2015, p. 102). Desse modo, percebe-se nas comunidades que a língua é tida como um “separador de classes”, em que são separadas as pessoas que utilizam a variedade considerada alta e as que não. Ainda de acordo com a autora,

Normalmente, os padrões de uso da linguagem do grupo dominante são referenciados como o modelo necessário à ascensão social; já o uso de linguagem, dialeto ou sotaque de baixo prestígio reduz as oportunidades de sucesso na sociedade. (BOTASSINI, 2015, p. 102).

Neste sentido, de acordo com Frosi (2010, p. 43), “a fala de um indivíduo revela a seus interlocutores algumas marcas que lhe são peculiares, podendo informar tanta sua etnia, a classe sociocultural, a faixa etária e, principalmente suas atitudes em relação a sua própria linguagem”. Sobre essa questão Trudgill (2000) também aborda que

[...] onde quer que falemos não podemos evitar de dar aos nossos ouvintes dicas sobre nossas origens e a pessoa que somos. Nosso sotaque e nosso discurso geralmente mostram de onde viemos, e qual tipo de *background* temos. Podemos até mesmo dar alguma indicação de algumas de nossas ideias e atitudes e toda esta informação pode ser usada pelas pessoas com quem estamos conversando para julda-los a formular uma opinião sobre nós. (TRUDGILL, 2000, p. 2)¹⁴

14 No original: [...] for whenever we speak we cannot avoid giving our listeners clues about our origins and the sort of person we are. Our accent and our speech generally show where we come from, and what sort of background we have. We may even give some indication of certain of our ideas and attitudes and all of this information can be used by the people we are speaking with to help them formulate an opinion about us.

Da citação acima, podemos identificar que mantemos em nós características que nos fazem dizer de onde somos e de onde viemos. O simples ato de falar revela a nossos interlocutores algumas de nossas características. E além disso, nossas atitudes revelam nossa postura assumida frente a algo, em que nossa posição pode ser tanto de rejeição ou aceitação.

No que se refere aos estudos sobre atitudes linguísticas, existem duas abordagens teóricas, uma considerada mentalista e outra considerada comportamental. No entanto, percebemos que a grande maioria dos estudos se amparam na concepção mentalista, como, por exemplo, as pesquisas de Kaufmann (2011). Em seus trabalhos, o autor divide as atitudes em três componentes com relação à estrutura interna de atitudes. Assim, o estudioso apresenta uma compreensão entre crenças e atitudes linguísticas ao se amparar na abordagem mentalista das atitudes, em que são:

A componente cognitiva, refletindo convicções e crenças sobre o objeto da atitude; a componente afetiva, considerando a avaliação positiva ou negativa do objeto da atitude; e a componente conativa, na qual “crenças e valores emocionais relevantes são transformados em intenções comportamentais mais ou menos específicas. (KAUFMANN, 2011, p. 122).

Portanto, podemos dizer que as crenças tendem a ser responsáveis pelo surgimento das atitudes, e desse modo, as atitudes tendem a influenciar o comportamento dos indivíduos frente a uma língua ou do seu uso na sociedade diante aos falantes.

No que diz respeito ainda aos conceitos de crenças e atitudes linguísticas, abordaremos mais algumas definições, que julgamos ser pertinentes para a compreensão do nosso estudo. Segundo Barcelos (2007), no que tange a definição de crenças, podemos dizer que é um conceito antigo, em razão de que, desde que o homem começou a pensar, ele começou a crer em algo.

De acordo com Botassini (2015), as crenças são responsáveis pelos comportamentos das pessoas, no sentido de que são “elas que detêm os valores, os julgamentos, as opiniões que uma pessoa tem sobre os outros,

sobre o mundo e sobre si mesma. Elementos esses carregados de informações e de sentimentos que, geralmente, vão produzir atitudes”. (BOTASSINI, 2015, p. 117).

Dito isso, é perceptível que formulamos conceitos em relação a tudo que nos cerca a partir das crenças que são construídas no decorrer na vida. Conceitos, estes, que são também influenciados por outros fatores, como o ambiente em que vivemos, nosso local de trabalho, família, religião, escola, entre outros. Desse modo, podemos dizer que as crenças “são construídas ideologicamente e socialmente, a partir de nossas experiências individuais ou em sociedade. Elas não são estáticas, ou seja, estão em constante construção e podem ser modificadas com o passar do tempo”. (CARRARO & PENKAL, 2018, p. 205).

Assim, manifestamos nossas atitudes que influenciam no comportamento em sociedade. A esse respeito, Pastoreli (2011) destaca ainda que as crenças,

[...]estas podem estar integradas, portanto, por uma suposta cognição e por um integrante afetivo, ambos de origem social; e, ainda que nem todas as crenças produzam atitudes, em sua maioria, elas revelam uma tomada de posição do sujeito, ou seja, as relações que o sujeito possui com o meio social em que está inserido, são responsáveis pela criação de suas crenças, assim como pelas atitudes. (PASTORELLI, 2011, p. 24).

Da citação anterior podemos depreender que nem sempre as crenças serão manifestadas. Ou ainda, nem sempre a crença negativa sobre algo vai fazer com que a atitude seja negativa também. Ou seja, podemos ter crenças negativas e por conta de outros fatores que, por serem convenientes para o momento ou para a situação, a atitude ser positiva.

Sobre esse viés, Kaufmann (2011, p. 133) aborda que existe a possibilidade de “pessoas gostarem de uma língua (ou acharem que essa língua é importante) sem gostarem do grupo que usa essa língua”. Desse modo, percebemos que trabalhar de crenças e atitudes é uma questão bem delicada, em que envolvem vários fatores, várias análises, percepções e um cuidado extremo ao se analisar cada postura. Visto que quando línguas entram

em contato, é inevitável que aconteça alguma reação por parte dos falantes. Sobre essa questão, vale acrescentar que, segundo Pastorelli (2011),

[...] é possível observar a capacidade dos falantes em emitir juízos de valor – positivos ou negativos -, visto que é natural que falantes de línguas distintas ou de um mesmo idioma, quando colocados em contato, inevitavelmente assumam para si certas atitudes diante das diferenças que percebem nos “falares alheios”, ainda que estejam tentando estabelecer comunicação numa língua comum para ambos. (PASTORELLI, 2011, p. 18).

Como visto, é tido como um comportamento normal dos falantes emitirem juízos de valores a outras manifestações linguísticas de que não fazem parte e até mesmo da que fazem. Consequentemente,

a aceitação ou não de outra língua está diretamente relacionada com as crenças que os falantes têm sobre essas outras línguas e que, conseqüentemente, influenciam na decisão de afirmar se uma língua é bonita ou feia, fácil ou difícil de ser compreendida. (SANTANA; SELLA & BUSSE, 2012, p. 3).

Em outras palavras, as atitudes linguísticas são desenvolvidas a partir de uma crença sobre outra língua e não só sobre a língua, mas sobre o usuário dessa língua.

As atitudes linguísticas são avaliações subjetivas (e muitas vezes inconscientes) feitas em relação às variedades em questão e, na maioria das vezes, (...) são estendidas a seus falantes. (KERSCH, 2011, p. 398). Desse modo, além de avaliar a língua o que entra em jogo na avaliação, muitas vezes, é o grupo linguístico usuário de determinada variedade. A este respeito, a atitude linguística, conforme Frosi (2010, p. 52), “pode ser entendida como a postura que um indivíduo assume face a algo. De modo geral, consiste em uma reação valorativa favorável ou desfavorável em relação a um objeto real ou simbólico”.

Dessa maneira, podemos dizer que as atitudes podem ser caracterizadas como um comportamento de valoração sendo de aceitação ou

não frente a algo. Além da atitude frente a algo, a autora abrange a atitude linguística em que para ela “é uma postura ou comportamento positivo ou negativo face a uma língua ou uma variedade linguística particular”. (FROSI, 2010, p. 53). Portanto, ao falarmos de atitudes linguísticas estamos envolvendo conceitos de atribuição de juízos de valores a determinada variedade utilizada por determinado grupo de pessoas. Na sociolinguística as atitudes são aplicadas, conforme Kaufmann (2011), “para analisar fenômenos em relação ao comportamento linguístico, seja este comportamento vinculado a variantes específicas de uma variedade ou às variedades em si”. (KAUFMANN, 2011, p. 122).

No que tange ainda o conceito de atitude linguística, como dito inicialmente, surgiu na Psicologia Social, os precursores Lambert e Lambert (1972) que caracterizam a atitude linguística como,

[...] uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78).

Cabe destacar novamente, que muitas vezes, a postura assumida ou o comportamento linguístico manifestado é positivo, no entanto, a crença é negativa. Muitas vezes, o ser humano, consegue controlar suas posições. Consegue adaptar o comportamento quando lhe convém ou lhe é favorável. No entanto, muitas vezes, mesmo tentando camuflar algo, algumas pistas são deixadas em que é possível investigar um outro comportamento. Para os autores,

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83).

Ainda sobre a definição de atitudes linguísticas, Moreno Fernández (1998, p. 179) disserta que “É uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto com a língua como com seu uso na sociedade”.¹⁵

3.4.2 Abordagens e métodos para mensurar as crenças e atitudes linguísticas

Desse modo, outra questão abordada por Kaufmann (2011) é com relação ao método utilizado para medir atitudes linguísticas. Como ressaltado anteriormente, trabalhar com crenças e atitudes é uma tarefa delicada. Para o autor, geralmente, distinguem-se dois métodos no levantamento de atitudes: medidas implícitas (indiretas) ou explícitas (diretas). “As medidas explícitas tentam averiguar diretamente a atitude do informante para com o objeto em questão” (KAUFMANN, 2011, p. 133). No que se refere a medidas implícitas, o *Matched Guise Technique* desenvolvido por Lambert, no Canadá, em 1905, é um dos mais famosos. No entanto, esse método, requer muita preparação e, por isso, segundo Kaufmann (2011), é difícil de ser levado a cabo na pesquisa de campo. Ainda, conforme o pesquisador, se o objetivo é “avaliar o vínculo entre atitudes e comportamento linguístico. (...) temos que aplicar medidas implícitas” (KAUFMANN, 2011, p. 131). Além disso, Kaufmann (2011, p. 133) ressalta que “temos que distinguir entre atitudes para com línguas e atitudes para com comunidades linguísticas, pois muitas vezes estas atitudes não coincidem”.

Consequentemente, em nosso estudo, além das respostas espontâneas ao questionário metalinguístico aplicado, em que abarca tanto questões sobre línguas como sobre seus usuários, realizamos a visita nas comunidades de fala. Para observar os informantes e a comunidade no geral, coletando relatos e registros em caderno de campo. Fatores estes que contribuem para uma

15 No original: Es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que ella se hace en sociedad.

melhor compreensão das crenças e atitudes manifestadas pelos informantes, e, sua relação com os indivíduos na comunidade de fala.

Contudo, a postura assumida pelo usuário faz parte de uma identidade linguística e, a partir das atitudes que os falantes manifestam, é possível verificar o seu comportamento linguístico por determinada língua ou variedade. Desse modo, convém ressaltar que “em contextos em que várias línguas ou variedades estão em contato, elas tendem a ser tachadas de bonitas ou feias, ricas ou pobres, mais gramaticais ou menos gramaticais, dentre outros atributos” (FEOLA & CORBARI, 2012, p. 727). Assim, percebemos que as línguas são caracterizadas pelos falantes de acordo com seus conceitos e percepções e influenciam no comportamento e usos linguísticos.

Como pode ser percebido, ainda, existe uma estreita relação entre crenças e atitudes linguísticas e que separar esses dois conceitos não é fácil, pois estão intimamente ligados. E, além disso, percebemos a estreita ligação que existe entre língua e identidade. “As pessoas percebem conscientemente as peculiaridades da sua língua através da outra e é nesse momento que a língua se torna símbolo do grupo, identificando o falante como pertencente ao grupo que a fala.” (BALTHAZAR, 2018, p. 195).

Após abordarmos algumas definições sobre crenças e atitudes, destacamos que elas podem ser tanto positivas, negativas ou neutras, tanto em relação a uma variedade como a uma língua. No entanto, conforme destaca Balthazar (2018), para alguns autores como Moreno Fernández (1998) e López Morales (2016), não existe o conceito de atitude neutra. De outro modo, conforme Carraro & Penkal (2018, p. 213) “estudiosos como Labov (2008), Botassini (2015) e Balthazar (2018) consideram que as atitudes podem ser neutras.” Desse modo, compreendemos as crenças como um componente das atitudes que podem ser tanto positivas como negativas assim como também neutras, momento em que o informante opta por não se manifestar. Logo, “a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística” (AGUILERA, 2008, p. 106).

3.5 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

3.5.1 A Dialetoлогия

Segundo Labov (2008), pelo fato de a língua apresentar um sistema heterogêneo a variação é inerente a ela. Língua e sociedade estão intimamente ligadas, desse modo, convém ressaltar que o processo de variação e mudança é característico aos sistemas linguísticos, isso devido à natureza dinâmica da língua. As variações, desse modo, podem atingir todos os níveis linguísticos, ou seja, tanto fonético, morfológico, sintático e léxico-semântico, e assim, para que possam ser analisados é preciso levar em conta as relações tanto internas como externas ao sistema, como a localidade em que ela se insere ou a comunidade linguística e as relações entre os falantes dessa comunidade.

Assim, com o objetivo de estudar a correlação entre língua e sociedade, e a partir da percepção e consciência da existência da diversidade linguística em relação às línguas e seus usos, iniciou-se os estudos dialetológicos, dito isso, antes de adentrarmos sobre o modelo da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (que será utilizada como metodologia em nossa pesquisa) cabe fazermos algumas colocações sobre a Dialetoлогия Tradicional e a Sociolinguística.

A Dialetoлогия Tradicional surgiu no século XIX. Conforme Thun (2010), a dialetoлогия tradicional é caracterizada por ser extremamente monodimensional, ou seja, limita-se à territorialidade, abarca em sua análise apenas a dimensão espacial, também chamada de diatópica. Conforme Thun (2010, p. 2) por um longo período “a geolinguística seguiu o modelo dos primeiros grandes atlas linguísticos, o Deutscher Sprachatlas, de Georg Wenker e o Atlas Linguistique de la France (ALF), de Jules Gilliéron. Ambos os atlas limitaram as variáveis extralinguísticas à “arealidade”¹⁶. Outro ponto a ser considerado na dialetoлогия monodimensional, ainda segundo Thun (1998, p.

16 No original: geolinguistics followed the model of the first great linguistic atlases, the Deutscher Sprachatlas of Georg Wenker and the Atlas Linguistique de la France (ALF) of Jules Gilliéron. Both atlases limited the extra-linguistic variables to “a reality”.

702), é a seleção dos informantes em que eram selecionados “anciões de nível sociocultural baixo, habitando em zonas rurais, com restrito movimento no espaço e com pouco contato com os de fora.”¹⁷ Somado a isso, ainda conforme Thun (2009, p. 534), havia a “exclusão das mulheres, dos jovens, das camadas sociais não camponesas, etc.”

Com o passar do tempo, esse tipo de análise começou a sofrer críticas, segundo Mouton (1996), os principais apontamentos críticos feitos ao modelo geolinguística são:

Pesquisa-se apenas alguns pontos determinados, não todo o território. Se interroga habitualmente um informante por localidade, o que exclui a possibilidade de observar processos em curso (crianças, jovens, etc.); Um atlas responde a um momento dado (uma sincronia combinada) e não a um recorte anterior ou posterior; O questionário impõe uma formalidade relativa na relação entre inquiridor e informante; A mecânica pergunta-resposta só pode obter uma resposta concreta, mas faz perder-se sinônimos, vozes afetivas, etc. Um questionário não escolhe todo o léxico, nem pode dar uma imagem perfeita da fonética, morfologia, e muito menos da sintaxe; Um atlas somente investiga o nível que representa um informante rural, de certa idade, pouca instrução, do lugar. (MOUTON, 1996, p. 76)¹⁸.

Assim, após constantes questionamentos críticos ao modelo que não estava mais dando conta da análise em função, principalmente do crescimento das cidades, com a expansão do mundo urbano e a facilidade de locomoção e comunicação fizeram com que pesquisadores e estudiosos repensassem a abordagem, percebendo a necessidade de ser modificada para que de fato alcançasse os objetivos da pesquisa e atendesse a nova demanda. Surge assim, a partir de 1964, a Sociolinguística, esta aborda as diferentes variáveis extralinguísticas como idade, gênero, classe social etc., no entanto, em apenas

17 No original: ancianos, de nivel sociocultural bajo, habitando zonas rurales, con restringido movimiento en el espacio y con pocos contactos con los de afuera"

18 No original: Se encuesta solo unos puntos determinados, no todo el territorio. Se interroga habitualmente a un informante por localidad, lo que excluye la posibilidad de observar procesos en marcha (niños, jóvenes, etc.); Un atlas responde a un momento dado (una sincronía convenida) y no a un corte anterior o posterior; El cuestionario impone una relativa formalidad en la relación entre encuestador e informante; La mecánica pregunta-respuesta suele obtener una sola respuesta, concreta, pero hace perder sinónimos parciales, voces afectivas, etc. Un cuestionario no recoge todo el léxico, ni puede dar una imagen perfecta de la fonética, la morfología y, menor aún, de la sintaxis; Un atlas solo investiga el nivel que representa un informante rural, de cierta edad, poca instrucción, del lugar.

um determinado espaço. A Sociolinguística é caracterizada, conforme THUN (2010, p. 2), “por um máximo de variáveis extralinguísticas (sexo, idade, profissão, etc.) e um mínimo de variáveis linguísticas, frequentemente fenômenos fonéticos em quantidade limitada”¹⁹. Destacam-se nesse período os estudos de Labov.

Conforme Altenhofen (2005, p. 161), enquanto a Dialetologia Tradicional é vista como uma "disciplina que só descreve a variação diatópica horizontal (dialetologia = geolinguística), sem se preocupar com a variação local nos diferentes extratos sociais", por outro lado, a Sociolinguística ao acrescentar fatores extralinguísticos em sua análise não se preocupa essencialmente na questão geográfica. Diante esse impasse, surge a perspectiva teórica da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, podemos dizer que é como uma fusão da Dialetologia Tradicional com a Sociolinguística, em que essa nova teoria busca contemplar as variáveis sociais propostas pela Sociolinguística, aos estudos dialetológicos que antes limitavam-se à territorialidade. A seguir, abordaremos mais aspectos relevantes ao modelo.

3.5.2 Dialetologia Pluridimensional e Relacional

De acordo com os estudos de Thun (1998), a Dialetologia Pluridimensional e Relacional pode ser entendida como a combinação da Dialetologia Tradicional e da Sociolinguística. Segundo Thun (1998), ela é caracterizada por analisar vários tipos de falantes de uma determinada língua, considerando os diferentes contextos, assim, não descarta em sua análise as variações que estão presentes em uma sociedade. Tendo como finalidade investigar não somente a dimensão espacial ou regional, como também a dimensão social de contextos internos e externos da língua, tendo como um de seus pontos de investigação a mudança linguística e línguas em contato.

De acordo com Thun (1998, p. 704), a Dialetologia Pluridimensional e Relacional é entendida como “[...] parte da ciência geral da variação linguística

19 No original: by a maximum of extra-linguistic variables (sex, age, profession, etc.) and a minimum of linguistic variables, frequently phonetic phenomena in limited quantity.

e das relações entre variantes e variedades por um lado, e falantes por outro lado"²⁰. Desse modo, diferentemente da Dialetoologia Monodimensional, que obtinha seus dados exclusivamente com a variação diatópica, deixando de analisar as diferentes variáveis extralinguísticas e da Sociolinguística que avalia diferentes dimensões em um só espaço, a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional nasce para investigar diferentes variáveis extralinguísticas em diversos pontos e localidades distintas de pesquisa fazendo uma análise e levando em conta a relação dos diversos pontos de pesquisa sobre os contatos linguísticos.

Conforme Thun (1998), interessa para a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional

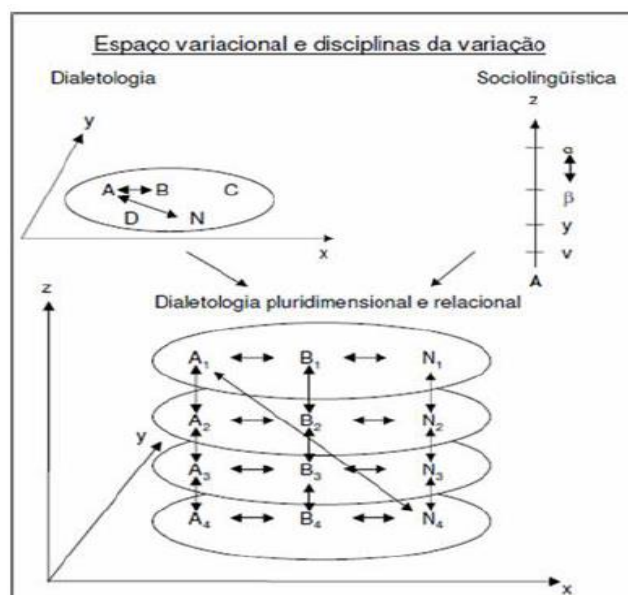
as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, de formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastado com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade no espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparadas com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais. (THUN, 1998, p. 706)²¹

A este respeito, destacamos a Figura 6 com o esquema que representa o espaço tridimensional criado pela Dialetoologia Pluridimensional e Relacional elaborado por Thun (2005):

20 No original: parte de la ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro.

21 No original: las variedades mixtas, los fenómenos de contacto lingüístico entre lenguas contiguas o superpuestas de minorías y de mayorías, formas regionales, la variación diafásica (o estilística), el comportamiento lingüístico de los grupos topodinámicos (demográficamente móviles) contrastado con el de los grupos topostáticos (poco móviles en el espacio), la actitud metalingüística de los hablantes comparada con su comportamiento lingüístico, y otros parámetros más.

Figura 6: Espaço variacional e disciplinas da variação



Fonte: Thun (2005, p. 67)

No esquema elaborado por Thun (2005), temos na parte superior, à esquerda, a representação da Dialetoologia Tradicional que trabalha com a dimensão diatópica, e a seu lado a Sociolinguística, com a estratificação social. O terceiro modelo, logo abaixo, engloba a combinação dos modelos anteriores, gerando o modelo da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional em que sua análise pode ser feita horizontalmente (A_1, B_1, \dots, N_1) e verticalmente (A_1, A_2, \dots) e por fim relacional (A_1, B_2, \dots, N_4), relacionando os pontos. Nas palavras do autor,

[...] analisa relações de todos os tipos, não só as que unem os pontos da mesma superfície ($A \leftrightarrow B$) ou os que ligam os grupos de um mesmo eixo $\alpha \leftrightarrow \beta$, mas estuda também o vínculo entre os pontos de uma superfície e os pontos análogos de uma outra superfície ($A_1 \leftrightarrow B_2$ e $A_2 \leftrightarrow B_2$) e as relações entre pontos diagonais. ($A_1 \leftrightarrow B_2$). (THUN, 2005, p. 68).

Do que foi exposto até o momento, e como já mencionado anteriormente, podemos destacar que a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional surgiu para contemplar em sua análise, diferentes variedades extralinguísticas fato que como visto antes não era preenchido pela Dialetoologia Monodimensional e abarcando vários pontos ou localidades de pesquisa sobre

contatos linguísticos, característica esta deixada de lado pela Sociolinguística. De acordo com Altenhofen (2013),










O princípio da pluridimensionalidade permite organizar, o “aparente caos”. (...) ficando claro que a abordagem de migrações necessariamente implica a consideração de contatos linguísticos, obrigando o deslocamento do foco de análise de uma perspectiva monolíngue (centrada em uma única língua e variedade) para uma perspectiva multilíngue e multidivarietal (que abrange os contatos linguísticos de línguas e variedades distintas), porque estes constituem a situação mais comum de facto encontrada na realidade. (ALTENHOFEN, 2013, p. 45).

Por conseguinte, seguindo nessa linha, podemos dizer que mesmo tendo a língua portuguesa como língua oficial no Brasil são encontradas outras variedades, outras línguas, diferentes contatos linguísticos e a perspectiva teórico-metodológica da Dialectologia Pluridimensional e Relacional não descarta em sua análise esses aspectos. Segundo Cardoso (2002, p. 1), “a dialectologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Dessa maneira, a Dialectologia Pluridimensional e Relacional pretende analisar a língua a partir de diferentes dimensões: diatópica, diastrática, diageracional e diasssexual dentre outras dimensões, que serão abordadas posteriormente. Além disso, o novo modelo de análise relaciona e compara diferentes variáveis divididas entre dimensões e parâmetros, cada dimensão é formada pela combinação de dois ou mais parâmetros (THUN, 2010). Em relação à pluridimensionalidade, conforme Thun (2005, p. 70), “distingue-se entre as dimensões e parâmetros seguintes (sendo a dimensão a relação opositiva, na maioria dos casos binária de parâmetros definitórios como “geração dos jovens”, “homens”, estilo de leitura etc.”

Na sequência, apresentaremos a Quadro 2, exemplificando as dimensões e parâmetros abordados pela Dialectologia Pluridimensional e Relacional:

Quadro 2: Dimensões e Parâmetros abordados pela Dialectologia Pluridimensional e Relacional

DIMENSÃO		PARÂMETRO	
1.dialingual		Espanhol Português	
2.diatópica		Topostático	
3.diatópica-cinética		Topostático topodinâmico	
4.diastrática		Classe alta Classe baixa	
Diageracional		Geração II Geração I	
6.diassexual		Mulheres Homens	
7.diafásica		R C	
8.diarreferencial		Fala objetiva Fala metalinguística	

Fonte: Thun (2005, p. 71)

Desse modo, como ilustrado no quadro 2, cada dimensão, também chamadas de variáveis extralinguísticas, refere-se a dois ou mais parâmetros. A seguir, iremos discorrer sobre cada uma delas.

3.5.3 Dimensões e Parâmetros

Uma das características da Dialectologia Pluridimensional e Relacional é fazer sua análise considerando as diferentes dimensões e envolvendo diferentes parâmetros, na sequência, os explicitamos.

A **Dimensão Dialingual**: aborda as diferentes variedades linguísticas do estudo, quer dizer, analisa o contato entre as línguas faladas pelos informantes da pesquisa.

A **Dimensão Diatópica**: refere-se à localização dos informantes na comunidade de fala da pesquisa, ou seja, descrição dos dados nos diversos pontos de coleta, com o intuito de identificar a variação linguística na região ou no espaço. Segundo Thun (1996), esses informantes ainda podem ser divididos em topostáticos, quando viveram toda ou praticamente toda a sua vida no mesmo local, ou topodinâmicos, para representar indivíduos com maior mobilidade espacial.

A **Diastrática** é a dimensão referente ao critério da escolaridade. Thun (1996, p. 212) explica que o grupo classe social baixa (classe baixa – Cb) é formado geralmente por aqueles com grau de escolarização que tenham completado no máximo até o ensino médio, enquanto os informantes com maior formação, como os que cursam ou concluíram o ensino superior, formam o grupo social alta (classe alta – Ca).

Diageracional utiliza do critério separação em grupos de acordo com a faixa etária dos informantes, e constitui-se geralmente pela GI (geração I) com informantes entre 18-36 anos e GII (geração II) informantes a partir de 55 anos.

Diassexual ou diagenérica refere-se a inclusão de homens e mulheres na coleta dos dados da pesquisa, investigando os comportamentos linguísticos dos diferentes gêneros.

Dimensão Diafásica: refere-se ao estilo de entrevista utilizado, como por exemplo respostas às perguntas do questionário, a leitura, e a conversa dirigida ou livre.

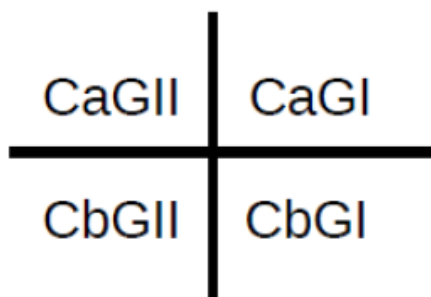
A **Dimensão Diarreferencial** tem por características analisar os comentários metalinguísticos dos informantes envolvidos na pesquisa, refletindo suas percepções, crenças e atitudes frente às variedades.

Essas são as dimensões abarcadas por THUN (2005), no entanto, podemos perceber em estudos mais recentes, por exemplo de Altenhofen (2011, 2013), Horst (2011), Horst e Krug (2012) que acrescentaram a dimensão diarreligiosa aos estudos, percebendo nessa variável um componente de extrema importância para o desenvolvimento da pesquisa e análise dos dados, principalmente pela variedade utilizada pelo falante.

Conforme Thun (1998), há quatro grupos considerados "standard" em uma pesquisa, que são expostos graficamente no modelo de cruz, desenvolvido pelo autor, formado por quatro campos, definidos pelo critério

diacrático e diageracional, conforme Figura 7 que representa este esquema da cruz:

Figura 7: Esquema de cruz



Fonte: Thun (1998, p. 709).

Conforme Thun (1998), a cruz é entendida da seguinte maneira,

Os dois grupos socioculturalmente altos (Ca= classe alta) ocupam as duas células superiores da cruz, estando as duas células inferiores reservadas aos dois grupos socioculturalmente baixos (Cb= classe baixa). A linha vertical da cruz separa os dois grupos da geração mais velha (GII) dos grupos da geração jovem (GI). (THUN, 1998, p. 711)²²

Contudo, percebemos que os Atlas produzidos a partir da pluridimensionalidade apresentam seus dados, conforme exposto por Thun, no esquema de cruz.

Feito isso, após apresentados os preceitos teóricos que orientam a metodologia de trabalho deste estudo, na sequência, serão explicitados os procedimentos metodológicos utilizados para a seleção dos informantes e coleta de dados.

22 No original: Los dos grupos socioculturalmente altos (Ca= clase alta) ocupan las dos casillas superiores de la cruz, estando las dos casillas inferiores reservadas a los dos grupos socioculturalmente bajos (Cb= clase baja). El palo vertical de la cruz separa a los grupos de la generación anciana (GII) de los grupos de la generación joven (GI).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na sequência, dissertaremos sobre os procedimentos metodológicos, partindo dos critérios de seleção dos informantes, das localidades e as dimensões analisadas, bem como o instrumento de coleta a seleção e o tratamento dos dados coletados durante a pesquisa de campo.

4.1 LOCALIDADES DA PESQUISA E SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Para nossa pesquisa selecionamos os pontos de Dionísio Cerqueira, no lado Brasileiro e Bernardo de Irigoyen, na Argentina. Estas cidades fazem a divisa seca entre o Brasil e a Argentina no oeste de Santa Catarina e foram selecionados por contemplar nossa proposta de identificar as crenças e as atitudes linguísticas do contato entre o Português e o Espanhol, na região fronteira entre o Brasil e a Argentina.

Nossos dados foram levantados com o apoio de um questionário previamente definido, conforme os objetivos da pesquisa. Este questionário faz parte do Projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira. Os dados foram coletados através de entrevistas realizadas *in loco* com o total de informantes apresentados a seguir.

Dionísio Cerqueira: As entrevistas foram realizadas com oito informantes que responderam ao questionário metalinguístico do ALCF. Temos na dimensão diastrática, Classe baixa Cb, um homem e uma mulher acima de 38 anos, com pouca escolaridade um homem e uma mulher com idade entre 18 e 38 anos, também com pouca escolaridade. E na Classe alta, Ca, um homem e uma mulher acima de 38 anos, com nível superior, um homem e uma mulher com idade entre 18 e 38 anos, também com nível superior.

Bernardo de Irigoyen: As entrevistas foram realizadas com oito informantes que responderam ao questionário metalinguístico do ALCF. A

escolha dos informantes deu-se nos mesmos moldes dos informantes selecionados em Dionísio Cerqueira.

A este respeito, para exemplificação, organizamos o Quadro 3 que contempla a distribuição dos informantes nas cidades de Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen, conforme as dimensões diatópica, diageracional, diassexual e diastrática:

Quadro 3: Distribuição dos informantes nas cidades de Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen conforme as dimensões diatópica, diageracional, diassexual e diastrática

FRONTEIRA BRASIL-ARGENTINA							
Dionísio Cerqueira-Brasil				Bernardo de Irigoyen-Argentina			
CaGII		CaGI		CaGII		CaGI	
M	F	M	F	M	F	M	F
1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.
CbGII		CbGI		CbGII		CbGI	
M	F	M	F	M	F	M	F
1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.

Fonte: autora (2019)

4.2 DIMENSÕES ANALISADAS

Levando em consideração o exposto, e para alcançarmos os objetivos propostos para esta pesquisa, as dimensões que orientaram os critérios de seleção dos informantes são:

- dimensão diatópica – dois pontos geográficos de coleta de dados, na cidade de Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen;
- diastrática (escolaridade – Ca – com ensino superior completo ou incompleto e Cb de nenhuma escolaridade até Ensino Médio);
- diageracional informantes GI (entre 18-38 anos) e GII (a partir de 38 anos) – para esta célula não deixaremos o tempo de intervalo;
- diassexual (sexo- Masculino e Feminino);

Para obtenção dos informantes nas cidades de Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen, além de indicações de conhecidos da pesquisadora nas localidades, durante as coletas, solicitamos indicações para o entrevistado dos informantes que faltavam para compor nosso banco de dados.

4.3 COLETA E SELEÇÃO DOS DADOS

Os dados, para esta pesquisa, foram coletados através de entrevistas realizadas *in loco*, por meio de aplicação de parte do questionário do ALCF, previamente adaptado aos objetivos da pesquisa. Para obtenção dos dados, foi utilizado um gravador de áudio portátil Handy Recorder H4N.

Após realizada a coleta dos dados, as informações utilizadas para esta pesquisa foram primeiramente organizadas e identificadas de acordo com cada informante.

Nas análises, utilizaremos o modelo de quadro 4 para colocarmos os dados para melhor visualização das informações, em que os informantes estarão divididos e colocados da seguinte maneira:

Quadro 4: Exemplo do quadro utilizado para as análises

Dionísio Cerqueira – Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Português
● ●	○ ○	○ ○	● ●	◐	Espanhol
● ●	○ ○	○ ○	● ●	◑	Portunhol
				◒	Espanhol/ Português

Fonte: autora (2019)

Desse modo, os resultados obtidos serão apresentados em quadros, com os dados expostos em forma de cruz, de acordo com a Cruz de Thun (2010) e os símbolos utilizados serão explicados em legendas. Utilizaremos a

fonte Kiel Simbol para os símbolos usados nas cruzes. De acordo com o quadro 4, colocaremos os dados de Dionísio Cerqueira e Bernardo Irigoyen no mesmo quadro separadamente na seguinte maneira: na primeira cruz, da esquerda para direita estão expostas as respostas dos informantes masculinos e na segunda, das informantes femininas. Na parte superior, ou seja, acima da linha horizontal estão representados os informantes da classe alta e abaixo, da classe baixa, à esquerda na linha vertical a geração mais velha e a direita os mais jovens (THUN, 1999). E com os dados que se referem a respostas subjetivas, que apresentam depoimentos ou comentários metalinguísticos, desenvolveremos análises descritivas ao longo das análises.

4.4 QUESTIONÁRIO

O questionário metalinguístico utilizado para analisar as crenças e atitudes linguísticas aplicado é uma parte do questionário adaptado do ALCF (2013). Trata-se de uma medição implícita, ou seja, subjetiva em que os informantes responderam espontaneamente às questões sem o auxílio de alternativas. O informante opta por responder às perguntas que se sentir à vontade para manifestação. Mesmo que o questionário não tenha como propósito a medição direta das atitudes, por se tratar de um questionário metalinguístico, os dados coletados permitirão compreender e analisar as crenças e atitudes linguísticas, assim como o convívio e os usos linguísticos na fronteira. Algumas perguntas, abaixo, estão apresentadas em português, no entanto, foram também realizadas em espanhol, quando foi necessário.

Convém ressaltar, que as crenças e atitudes linguísticas que serão apresentadas foram identificadas e descritas dos dados provenientes da pesquisa qualitativa e desse modo, conforme Kaufmann (2011), é caracterizada como sendo uma análise implícita e não uma coleta explícita ou direta dos dados. Contemplando Kaufmann (2011), Lambert e Lambert (1972), dissertam que as atitudes não são diretamente observáveis, e dessa maneira, necessitam muitas vezes ser inferidas. Para isso, é necessário tanto uma observação atenta e cuidadosa do comportamento dos indivíduos nas mais

variadas situações sociais, como também por meio dos padrões de respostas dadas ao questionário. Instrumento elaborado com o intuito de fazer com que os informantes reflitam, pensem, sendo possível também observar as reações em ambientes sociais que necessitem o uso real da língua.

Ainda, de acordo com o questionário utilizado, a entrevista pode ser dividida em três momentos: na primeira parte, com nove questões relacionadas à identificação dos informantes; na segunda parte, com onze questões envolvendo a identificação dos pais/da família; e no terceiro e último momento, vinte e sete questionamentos abarcando aspectos (meta)linguísticos. E, além do questionário, tivemos as conversas livres, relatos dos informantes e as anotações no caderno de campo. Com isso, coletamos dados que contribuirão significativamente nas nossas análises pluridimensionais, com informações que não puderam ser captadas pelo gravador.

De acordo com os estudos de Labov (1984), a entrevista face a face, ou seja, o discurso gravado, é uma das formas de alcançar uma quantidade de dados satisfatória para a análise. Para o autor, a entrevista sociolinguística busca atingir vários objetivos, desse modo, temos para o nosso trabalho “obter um registro de atitudes claras em relação à língua, características linguísticas e estereótipos linguísticos” (LABOV, 1984, p. 33).

4.5 TRATAMENTO DOS DADOS METALINGUÍSTICOS

Segundo Lara (2017, p. 57) “o processo de inferência ocorre quando o pesquisador chega a uma conclusão sobre uma realidade analisada examinando uma amostra dela”. Assim, temos com o questionário, no terceiro momento da entrevista, perguntas contemplando aspectos metalinguísticos que serão utilizadas para fazermos análise das crenças e das atitudes linguísticas. Conforme Kaufmann (2011), as crenças emitidas pelos informantes são relacionadas às atitudes linguísticas. Assim, seguimos o posicionamento de que as crenças influenciam as atitudes, isto é, as atitudes linguísticas são desenvolvidas a partir de uma crença sobre outra língua e seu usuário. Para tanto, tendo em vista que língua e identidade apresentam uma forte ligação,

visto que é a partir da língua que um indivíduo manifesta seu pertencimento a determinado grupo, manifesta sua cultura, estilo, costumes. Dessa maneira, nosso trabalho tem como objetivo analisar dados linguísticos que indicam crenças e atitudes linguísticas de informantes que residem na região fronteira entre o contato do português e o espanhol.

A partir destes dados, pôde-se analisar a identidade linguística refletida em suas crenças e atitudes linguísticas. Observaremos os aspectos metalinguísticos além de observações e anotações de caderno de campo.

Portanto, para fazermos as análises utilizaremos vinte e cinco questões das vinte e sete que compõe a parte do questionário com exceção das questões 26 e 27, que, por falta de dados para a análise, não serão consideradas na presente dissertação. Após descrevermos as crenças e atitudes, iniciamos a análise relacionando-as entre as diferentes dimensões pesquisadas e entre as duas cidades envolvidas na pesquisa.

A fim de exemplificar alguns dos questionamentos, observamos a primeira pergunta do questionário metalinguístico, que se refere a autodenominação da língua, ou seja, como os informantes conhecem a língua falada nessa região fronteira. Tem-se a intenção de obter dados, de acordo com o conhecimento ou crença do informante se é o português, o espanhol ou o “portunhol”. Tomemos como exemplo também a questão de número 14 que questiona o seguinte: Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele? Com a questão 14, objetiva-se investigar qual a atitude linguística do informante ao encontrar um estranho na rua.

Na sequência, passamos para o capítulo que trata das análises dos dados e ao final, capítulo seis, traremos as considerações finais.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados em Dionísio Cerqueira (Brasil) e Bernardo de Irigoyen (Argentina) para compor esta análise acerca de crenças e atitudes linguísticas de informantes que convivem nessa região fronteiriça. Como apresentado anteriormente, os dados sobre crenças e atitudes linguísticas foram coletados através de entrevistas *in loco*, com perguntas que objetivaram buscar percepções dos informantes sobre as línguas em contato e seus usuários naquela região.

Na sequência, faremos a análise considerando as dimensões diatópica, diastrática, diageracional e diassexual. Também, a fim de uma melhor visualização dos dados, colocamos o máximo de questões em quadros para facilitar o entendimento e compreensão do trabalho. Seguiremos as perguntas do questionário que trata dos aspectos metalinguísticos. Elas serão analisadas em forma crescente com a exceção das questões 26 e 27, que, por falta de dados para a análise, não serão consideradas na presente dissertação.

5.1 ANÁLISE DOS DADOS METALINGUÍSTICOS

Desse modo, começaremos analisando a questão 01, que trata sobre como se chama a língua que é falada na região fronteiriça como podemos ver no quadro 5:

Quadro 5: Questão 01: Como se chama a língua falada nessa região fronteiriça?

Dionísio Cerqueira – Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Portunhol
● I	● ●	● ●	● ●	◐	Espanhol/ portunhol
◐ ◐	● ◐	I ●	◐ I	◑	Espanhol/português
				◒	Espanhol
				I	Sem resposta

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

A partir dos dados do quadro 5, podemos ver que o termo portunhol está muito mais difundido no lado brasileiro, que do lado argentino, pois três informantes da Ca e um da Cb registraram o termo enquanto que no lado argentino, somente um informante Cb o realiza. Porém, o que percebemos do lado argentino foi que todos os informantes da Ca utilizaram espanhol/portunhol, diferente da Cb no lado brasileiro que realizou espanhol/português e nem citou o termo portunhol. Apenas uma informante argentina fez uso do termo espanhol. Também vale ressaltar que três informantes o GaGI-M em Dionísio Cerqueira e CbGII-M e CaGI-F de Bernardo Irigoyen, não responderam essa pergunta.

Agora, observando os dados a partir da dimensão diasssexual, é possível ver que do lado brasileiro três mulheres utilizaram a variedade portunhol. Segundo a informante brasileira:

Fala assim esse portunhol né, porque a gente convive aqui no hotel né, já há 50 anos né, então a gente sempre teve esse movimento dos argentinos aqui, né. Então a gente aprendeu, e como mora aqui na fronteira né, então tem muitos brasileiros que moram lá, né, tem muitos argentinos que moram aqui, então a gente usa esse portunhol, né. (CaGII-F).

As mulheres brasileiras, provavelmente, denominam como portunhol, por não atribuírem prestígio ao falar, pois não se aproxima de usos gramaticais.

O informante masculino CaGII-M brasileiro que manifestou-se dizendo que o que se fala na região de fronteira é um “portunhol” algo que fica mais fácil de compreender, diferente do espanhol portenho, conforme ele:

A gente chama aqui do portunhol, algo misturado com o espanhol, que até se você passar a fronteira vai ver que o espanhol deles é um espanhol mais compassado, não é aquele espanhol portenho que se fala muito rápido que a gente não consegue compreender quase nada, o deles é mais tranquilo, dá para você se comunicar muito bem, mais sossegado, qualquer cidadão, daqui ou da região conversa com eles tranquilamente.”(CaGII-M).

Outro dado importante que vale ressaltar é que o termo “portunhol” foi designado pela maioria dos informantes, de maneira geral, como uma mistura

ou mescla do português com o espanhol. A informante brasileira ressalta que: “Mas eu diria talvez o que se fala é o portunhol, né, que mistura o português com o espanhol deles, né, tipo.”(CaGI-F). Segundo estudos de Morales (2016), o “portunhol” pode ser considerado como uma língua coloquial falada entre cidades de fronteiras de países hispanos e lusófonos.

Conforme os informantes argentinos:

Portunhol, en la verdad, un “portunhol” sería. Sería brasilero, sería un poco portugués un poco español, una mescla. (CbGI-M).

Español, pero acá es conocida como “portunhol”. El portugués nosotros que somos de Argentina mezclamos bastante. Pero se ve la diferencia de Argentina y Brasil que el argentino tiene más facilidad en aprender la lengua de usted y ellos ya no. (CaGI-M).

Na citação do informante CaGI-M pode-se notar que ele ressalta sua crença de que o argentino apresenta mais facilidade de aprender o português do que o brasileiro aprender o espanhol. Segundo Botassini (2015), as crenças geram as atitudes, os comportamentos das pessoas, no sentido de que elas detêm os valores, as opiniões, os julgamentos que um falante tem sobre os outros e sobre si mesmo.

Quando questionados quais eram as línguas que os informantes sabiam falar, questão 02, obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 6: Questão 02: Que línguas você fala?

Dionísio Cerqueira-Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Espanhol/português
☐ ☐	☐ ☐	● ☐	● ☐	☐	Português/espanhol/portunhol
● ●	● ●	● ●	● ●	☐	Portunhol/português
				☐	Português

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Para a questão 02, que trata da língua que os entrevistados falam, averiguou-se que, dos oito informantes do lado argentino, cinco, afirmaram que

sabem falar o português e o espanhol e três apontaram que sabem falar o português, espanhol, portunhol, ou seja, todos do lado Argentino dizem saber falar a língua portuguesa. Diferente do que é notado no lado brasileiro, em que três colocaram que sabem falar somente o português, três o portunhol e o português, uma o português, espanhol, portunhol e, apenas um informante o CbGII-M o espanhol e o português. Esses dados apontam para um maior uso da língua portuguesa pelos informantes Argentinos, enquanto que o uso do espanhol pelos brasileiros é bem menor. Esse dado é comprovado pois dentre os informantes da Ca três informantes dizem não falar nada em espanhol. Durante a entrevista o informante brasileiro deixa claro o seu posicionamento no que diz respeito ao aprendizado da língua espanhola, como pode ser visto no depoimento:

Espanhol é uma coisa que não faz parte de mim, eu compreendo espanhol, mas não que eu queira aprender a falar o espanhol com fluência me comunica com eles na língua deles, me comunico do jeito que... (CaGII-M).

Outro informante ao ser questionado se fala o idioma espanhol responde o seguinte: “Eu já tentei, já tentei por várias vezes, mas hoje em dia só o português mesmo. A língua deles é que é meio complicada, essa que é a verdade”. (CaGI-M). Pode-se observar que este entrevistado acredita que a língua espanhola é um idioma que não é fácil de aprender. Ele mesmo afirma que fez várias tentativas, no entanto, não obteve sucesso em aprender o espanhol. Já outro informante afirma que “o espanhol não é difícil de você falar ele, ele é um pouquinho difícil na escritura, no escrever, mas assim no falar não.” (CbGII-M). Segundo este informante, para ele o espanhol não é um idioma difícil de falar, conforme ele, o mais complicado é no momento de escrevê-lo. Conforme Feola & Corbari (2012), em situações em que mais de uma língua ou variedades estão em contato, acaba-se atribuindo características a elas, sendo rotuladas como bonitas ou feias, gramática fácil ou difícil, pobres ou ricas, dentre outras características.

Sturza (2005, p. 49) afirma que “a dificuldade em definir o ‘portunhol’, está nos sentidos que foram sendo constituídos pelo senso comum, especialmente, por referir negativamente, por dizer o ‘mal falar’ uma das

línguas da mistura”. Desse modo, é possível reconhecer na tendência, entre os brasileiros, de não remeter ao espanhol, o fato de avaliarem o espanhol, com os usos gramaticais, enquanto o portunhol como algo mais informal, sem normas e que se apresenta como resultado da mistura do português e do espanhol.

Estima-se ainda que esse fato de os argentinos saberem o português possa se justificar pela quantidade de brasileiros que vão às compras na Argentina, ou seja, por questões financeiras envolvendo o comércio local. Com isso, o comércio argentino se obriga a falar o português para atender ao público brasileiro. Conforme o depoimento de um brasileiro:

Quando tu entra ali eles procuram te agradar, falar mais o português do que o espanhol. Você vai lá, vão ver que você é brasileiro, eles conhecem, vão te tratar como um brasileiro. (CbGII-M).

Em relação à classe social, dimensão diastrática, todos os informantes do lado brasileiro que afirmam fazer uso somente do português foram da Ca, com exceção da CaGII-F, que afirmou saber o portunhol e o português. Na Cb predomina o uso do português, espanhol e portunhol.

Na dimensão diageracional, com os informantes de Dionísio Cerqueira, observa-se o uso do português na GI (Ca) tanto feminino como masculino e na GI (Cb) portunhol e português também tanto feminino como masculino. Por outro lado, na GII enquanto do lado feminino temos os usos do portunhol e português (Ca) e português, espanhol, portunhol (Cb), do lado masculino o CaGII somente fala o português, segundo ele “fala não, eu acho que compreendo espanhol bem, mas falar não falo.” (CaGII-M). Diferente do CbGII que fala o espanhol e o português.

Do lado da Argentina, em relação à dimensão diageracional todos os informantes da GII afirmaram saberem falar o espanhol e português. Na GI, com exceção da GaGI-F que também afirmou que sabe falar o espanhol e português, o restante dos informantes da GI disseram que sabem o português, espanhol e o portunhol. Pode-se perceber que a geração mais nova cita o termo portunhol, suponhamos que seja pelo fato de o “portunhol” ser um termo mais recente.

Segundo o informante argentino quando se refere às línguas que fala manifesta da seguinte maneira: “Portunhol”, un poco los dos, portugués, español, normalmente en mi casa es solo el portugués”. (CbGI-M). Notamos que segundo este entrevistado, ele mantém contato com os dois idiomas, perguntamos a ele a nacionalidade de seus pais, que falou que sua mãe é brasileira e seu pai argentino, por isso também esse contato dentre as línguas. Neste caso, é possível verificar que os dois idiomas estão presentes na vida e na família deste entrevistado.

Na sequência, podemos visualizar, no quadro 07, os dados obtidos a partir da questão 3:

Quadro 7: Questão 03: Qual dessas línguas aprendeu primeiro?

Dionísio Cerqueira-Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Portugués
○	○	○	○	○	Espanhol
●	●	●	●		
●	●	○	○		
●	●	○	○		

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Referente à língua que o informante aprendeu primeiro os dados mostram que do lado brasileiro todos os informantes aprenderam primeiro a língua portuguesa. Já no lado argentino, dos oito informantes cinco tiveram como primeira língua o espanhol e três o português. Isso se explica, pelo fato de estes informantes ou serem nascidos no Brasil, no caso a GI ou por ter mãe brasileira, no caso da GI. Com isso, é possível ver que existem casamentos interétnicos e que a língua da mãe ainda é mantida e preservada na Argentina.

Se analisarmos a partir da dimensão diastrática, no lado argentino, ressalta-se uma variação nos dados, pois segundo os informantes todos da Ca aprenderam primeiro o espanhol. Na Cb com exceção da CbGI-F que também aprendeu primeiro o espanhol, todos os outros da Cb aprenderam primeiro o português.

E ainda se analisarmos, na cidade de Bernardo de Irigoyen, levando em consideração as dimensões: diageracional, diastrática e diassexual,

percebemos que os informantes da CaGII e CaGI tanto feminino como masculino aprenderam primeiro o espanhol. Por outro lado, os informantes masculinos da CbGII e CbGI aprenderam o português primeiro. Das informantes do gênero feminino da classe baixa a GII aprendeu primeiro o português e a GI o espanhol.

Com esta questão podemos ver a língua que o informante aprendeu primeiro, ou seja, sua língua materna, podemos observar que do lado argentino ainda temos vários casos em que a língua portuguesa é aprendida primeiro em casa, pelo contato com os pais, que muitas vezes um é argentino e o outro brasileiro.

Na sequência, no quadro 8, temos as respostas obtidas para a questão 04 “Qual dessas línguas fala melhor?”

Quadro 8: Questão 04: Qual dessas línguas fala melhor?

Dionísio Cerqueira- Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Português
○	○	○	○	○	Espanhol
●	●	○	○		
●	●	○	○		
		○	○		
		○	○		

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Quando questionados sobre a língua que falam melhor, 4ª questão, na dimensão diatópica, dos informantes do lado do Brasil a resposta foi unânime: o português.

Já dos informantes da Argentina tivemos uma entrevistada, CbGII-F, que falou que fala melhor o português diferente dos demais que responderam o espanhol. Essa informante relatou que mora na Argentina há mais de trinta anos, no entanto, a língua que ainda fala melhor é o português. Aqui é possível observar uma forte ligação entre língua e identidade (KRUG, 2004). Supõe-se ainda que seja pelo fato de manter contato com brasileiros diariamente no comércio em que trabalha, além disso relatou que passou para seus filhos, nascidos na Argentina, o português.

Os outros informantes, argentinos, relataram que falam melhor o espanhol, acredita-se que seja tanto por questões trabalhistas, como no caso do professor, em que há necessidade de dominar bem a sua língua, como também durante a educação escolar, em que acabam desenvolvendo todas as habilidades linguísticas e isso acaba favorecendo para um melhor aprendizado da língua. Fato que pode ser confirmado conforme relatos dos informantes, segundo os eles:

“Español, por ser professor el espanhol, tem que ser o espanhol, tem que dominar o espanhol.” (CaGII-M).

“Creo que el español. Me acostumbre más en colegio”. (CbGI-M).

Perguntamos, na sequência, quais das línguas, português ou espanhol, achavam mais bonita, as respostas podem ser vistas no quadro 9 a seguir:

Quadro 9: Questão 05: Qual dessas línguas acha mais bonita?

Dionísio Cerqueira- Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Espanhol</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	<i>Português</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◑	<i>Português/espanhol</i>
● ●	● ●	● ●	◐ ●		

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Referente à língua mais bonita, o espanhol, de maneira geral, foi escolhido como a mais bonita pelos informantes. Do lado argentino foi eleita pela grande maioria como a mais bela, tendo apenas uma informante CbGII-F que manifestou que acha as duas bonitas. Em sua resposta pode-se notar que ela quis passar uma certa neutralidade entre os idiomas, ou seja, permaneceu neutra não optando nem por uma nem por outra variedade, ao complementar sua resposta falou da seguinte maneira: “...pra mim os dois são bonito, o castelhano também é bonito ver eles”. (CbGII-F:). Conforme estudos de Labov (2008), Botassini (2013) e Balthazar (2016) as atitudes podem ser

consideradas neutras, ou seja, quando o informante opta por não escolher entre as opções ficando imparcial.

Por outro lado, observou-se que a variedade portuguesa é, de modo geral, mais apreciada pelos brasileiros como a mais bonita. Sendo a mais bonita para todos os informantes da Ca tanto da GI como GII e pelos informantes CbGI tanto masculino como feminino. Diferente dos outros informantes brasileiros CbGII tanto masculino como feminino elegeram o espanhol como o idioma mais bonito.

Podemos ver uma certa divergência no sentido diatópico, pois os brasileiros são os que menos falam o espanhol, mas ao mesmo tempo, dois informantes acham a língua espanhola mais bonita. Vale ressaltar que se trata dos mesmos informantes que no quadro 3 se dizem falantes de espanhol. Conforme o entrevistado: “Claro que é o Espanhol, né, ele é mais bonito, mais diferente.” (CbGII-M). Para as pesquisadoras Santana, Sella & Busse (2012) aceitar ou não outra língua está intimamente ligada com as crenças que os usuários têm sobre essas outras línguas e isso faz também com que os falantes afirmem se uma língua é bonita ou feia, fácil ou difícil de ser compreendida.

Diferente do que acontece do lado argentino, que mesmo os informantes serem falantes do português não tivemos nenhuma resposta como sendo só o português o mais bonito, apenas uma resposta foi o português e o espanhol, desse modo, pode-se perceber como os argentinos se orgulham de sua língua e ao mesmo tempo de seu país. Aqui é possível observar uma lealdade linguística entre os informantes argentinos, conforme Bergamaschi (2006), diferentemente dos brasileiros. Conforme a autora “a lealdade e a fidelidade linguísticas estão diretamente ligadas às atitudes do bilíngue em relação às línguas utilizadas”. (BERGAMASCHI, 2006, p. 60).

Na sequência, questionamos qual era a língua que eles mais gostam de conversar, os dados estão no quadro 10:

Quadro 10: Questão 06: Em que língua gosta de conversar mais?

Dionísio Cerqueira- Brasil	Bernardo Irigoyen – Argentina	Legenda	
Mas. Fem.	Mas. Fem.	●	Português
● ●	○ ○	○	Espanhol
● ●	○ ○		
○ ●	○ ●		

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

De modo geral, para a questão 06, no que se refere a dimensão diatópica no lado brasileiro, sete afirmaram gostar de falar mais em português e apenas um em espanhol. Do lado argentino seis manifestaram gostar de conversar mais em espanhol e dois em português. Se somarmos as respostas teremos, de modo geral, que o português é escolhido para o idioma que os informantes gostam de falar mais.

Do lado do Brasil, apenas a informante CbGII-F disse gostar de conversar mais em espanhol, mesmo que no começo da entrevista falou que seu espanhol é *“muito ruim”*. O restante dos entrevistados respondeu que gostam de falar mais o português. Conforme estudos de Hamers & Blanc (2004), a aversão ou a adesão de uma língua ou variedade está quase sempre ligado a questões de poder, avaliações sociais ou julgamentos sociais na sociedade.

Já do lado argentino, na comparação entre os gêneros, podemos perceber que todos os informantes masculinos responderam o espanhol, diferente do lado feminino em que duas informantes, CaGI-F e a CbGII, disseram gostar mais de falar em português. A informante argentina CaGII-F afirma que o contexto escolar institucional de que faz parte, faz que ela mantenha ou use só o espanhol.

A próxima questão, de número 07, diz respeito a qual língua o informante costuma falar na família, visualizamos os resultados no quadro 11:

Quadro 11: Questão 07: Que língua costuma falar na família?

Dionísio Cerqueira-Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Português
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	Espanhol
◐ ●	● ●	◐ ●	◐ ◐	◑	Português/espanhol
		◐ ●	◐ ●	◒	Espanhol/portunhol

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Nessa questão 07, de maneira geral, se somarmos as respostas, observa-se que o português é a língua mais usada no âmbito familiar. Do lado do Brasil apenas o informante CbGII-M responde que usa o português e o espanhol, os outros todos usam o português. Segundo este informante, ele mantém bastante contato com o país argentino, possui terras e além disso, fez questão que seus filhos aprendessem o idioma espanhol.

Do lado da Argentina, nota-se que cinco entrevistados utilizam mais o espanhol, dois o português e um o espanhol e o portunhol para conversar mais em família. Identifica-se também, uma variação na dimensão diageracional em que todos os informantes da GII, tanto masculinos como femininos e, tanto da Ca quanto da Cb usam mais no ambiente familiar o espanhol, além desses a informante CbGI-F também usa o espanhol. Os informantes masculinos da GI tanto Ca quanto Cb usam mais o português. Aqui é importante citar o comentário do informante CaGII-M que diz que o espanhol é a língua mais utilizada no âmbito familiar, no entanto também ocorre o uso do portunhol, como pode ser observado na citação a seguir:

Español. Na minha casa, minha esposa ela fala mais o portunhol com a mãe dela, mais criada aqui. Eu às vezes até xingo por falar muito o portunhol com nosso filho, quase nem se dão conta e estão falando entre eles o portunhol. (CaGII-M).

Na citação acima percebe-se o fato de o pai querer que o filho aprenda ou fale o espanhol sem tanta mistura com o português. Por outro lado, esse comentário nos faz refletir sobre a questão de o portunhol ser um *criol*, pois como percebemos, os filhos estão tendo o portunhol como segunda língua.

Outro fato que carece ser apresentado é o fato de a informante CbGII-F da argentina, mesmo relatando nas questões anteriores que o português ainda é sua língua mais bonita, a que conversa mais, a que gosta mais, nesta questão que se refere ao uso no âmbito familiar diz ser o espanhol. Acredita-se que seja pelo fato de ter filhos que começaram a frequentar a escola e, conseqüentemente, fez com que se acostumassem a usar mais o espanhol também na comunicação em casa.

Além disso, cabe acrescentar que o fato de os argentinos utilizarem mais o português e o portunhol do que os brasileiros, pode estar relacionado às políticas linguísticas que impuseram um monolingüismo no Brasil. Convém destacar que em 1938, o Governo de Getúlio Vargas fechou escolas e proibiu o uso de línguas de imigrantes, principalmente o alemão e o italiano, assim como o polonês (FERRAZ, 2007). Fato este, que exerceu e ainda pode exercer grande influência sobre a utilização de outras línguas, que não seja a oficial do país) por determinadas pessoas.

Para montarmos o próximo quadro, 12, perguntamos aos informantes sobre o conhecimentos de língua dos pais, dos irmãos, do cônjuge, dos filhos, ou seja, quais as línguas que os informantes tem algum contato, com isso, tivemos o intuito de averiguar quais eram os idiomas conhecidos pelas pessoas mais próximas dos entrevistados. É possível observar as respostas no quadro 12.

Quadro 12: Questão 08: Conhecimentos de língua dos pais, dos irmãos, do cônjuge, dos filhos?

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Português/espanhol
● ●	● ●	○ ●	○ ●	◐	Português
● ●	○ ●	○ ●	○ ●	◑	Português/Espanhol/ Portunhol
				◒	Espanhol
				○	Portunhol/português

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Referente a esta questão 08, de modo geral, seis informantes manifestaram que o conhecimento linguístico das pessoas mais próximas é o

português e o espanhol. Analisando conforme dimensão diatópica verifica-se que dos oito informantes do lado brasileiro quatro responderam ser o português, três o português e espanhol e um portunhol e português. Do lado da Argentina tivemos três informantes que disseram o português e espanhol, três deles o português, espanhol e o portunhol, enquanto dois deles responderam só o espanhol.

Segundo a informante argentina CaGII-F, em casa sempre só teve contato com o espanhol, nas palavras dela: “Castellano puro, nunca ninguna palabra fuera” (CaGII-F). Segundo Fishman (1964), estudos sobre manutenção e substituição linguística registram a importância da língua como marca identitária apontando que quanto maior for o papel da língua como marcador identitário, maiores são as chances de uso e manutenção da língua.

Na próxima questão, perguntamos como os entrevistados que aprenderam o segundo idioma, ou seja, para quem aprendeu o português primeiro como aprendeu o espanhol e para quem aprendeu o espanhol primeiro como aprendeu o português. Os dados podem ser vistos no quadro 13, abaixo:

Quadro 13: Questão 09: Como aprendeu o espanhol? (para brasileiros) e ¿Cómo aprendió el portugués? (para argentinos).

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Contato
◐ ◑	● I	● ◑	● ◑	◑	Família
● ●	○ ◑	◑ ●	● ●	◐	Família/meios de comunicações
				◑	Escola
				◑	Escola/contato
				○	Comércio
				I	Não aprendeu a língua estrangeira

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

A partir das respostas obtidas, identifica-se que sete informantes responderam que aprenderam ou tiveram conhecimento sobre a língua estrangeira através do contato linguístico. Analisando na dimensão diatópica identifica-se que apenas uma informante do lado brasileiro CaGI-F não teve

contato com a língua estrangeira. No entanto, verifica-se que mesmo a maioria tendo contato não aprenderam ou não usam o espanhol, como pode ser observado também nas questões anteriores.

No lado da Argentina, observa-se que todos os informantes tiveram algum tipo de contato com o português, mesmo que não usam, como é o caso da informante CaGII-F que afirma que sabe, mas que não a utiliza, no entanto, tem contato e sabe falar o português.

Por ser uma região fronteiriça, esse cenário contribui ou favorece para que as pessoas tenham, quase que diariamente, contato de alguma maneira com a língua estrangeira. Segundo a informante argentina: “En acá en la frontera se habla mucho el portugués, así fuimos aprendiendo, por el contacto.” (CbGI-F). Por consequência desse contato entre as línguas e consequentemente os povos nota-se que os argentinos se dispuseram a aprender o português, diferente do que aconteceu com os informantes do lado brasileiro.

Na próxima questão, perguntamos quais eram as habilidades linguísticas (compreensão, fala, leitura, escrita) na língua estrangeira. Para melhor visualização dos dados, colocamos cada habilidade em quadros separados:

Quadro 14: Questão 10: Sabe: compreender o espanhol? (para brasileiros) e o português (para argentinos)

Dionísio Cerqueira-Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Sim</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	<i>Pouco</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	○	<i>Não</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Sobre a questão de entender o que o outro fala, ou seja, compreender o idioma do país vizinho, conforme os dados obtidos, percebemos que todos dos informantes do lado argentino dizem que compreendem o idioma português.

Já no lado brasileiro, a maioria também diz que compreende, no entanto, desses oito entrevistados temos dois, CaGI- M e CaGI -F, que dizem entender

pouca coisa quando a língua espanhola é utilizada. Conforme o informante: “Entendo não muita coisa, mas entendo”. (CaGI-M).

Quadro 15: Questão 10: Sabe: falar o espanhol? (para brasileiros) e o português (para argentinos)

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Sim</i>
○ ●	● ○	● ●	● ●	◐	<i>Pouco</i>
● ●	◐ ◐	● ●	● ●	○	<i>Não</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Quando a habilidade é a fala, do lado argentino, destaca-se que todos entrevistados sabem falar o português, segundo a informante argentina: “El argentino está pasando la aduana ya está hablando el portugués. Mal o bien, pero está hablando, es así. Bom dia, Bom dia.” (CaGII-F). De acordo com a informante, percebe-se que ela demonstra a facilidade de o argentino se comunicar em português com os brasileiros, que falam a língua sem problemas, mesmo que não saibam todo o idioma, mesmo assim usam o português, diferente do brasileiro, que aparenta ter mais resistência quando se fala em aprender o espanhol. Segundo a informante “La gente argentina que tiene negocio habla todo en portugués.” (CaGII-F). Aqui salienta-se também, que conforme a entrevistada, as pessoas que têm alguma relação financeira ou comercial em que depende do brasileiro, eles aprendem o português para poderem manter uma melhor comunicação com o país vizinho.

Por outro lado, saber falar o espanhol no lado brasileiro dois CaGII-M e CaGI-F dizem não saber falar, quatro deles os CaGI-M, CbGI-M, CbGII-F e CbGI-F sabem pouca coisa e CaGII-M e CaGI-F dizem não saber nada. Conforme o informante brasileiro: “Falo alguma coisa com um cliente ou outro que vem aqui no restaurante ou até mesmo lá no escritório, mas é muito pouca coisa.” (CaGI-M).

Segundo a informante argentina:

Los brasileños no hablan, yo las veces intento, por ejemplo, en la cajeta del mercado en hablar solo en castellano, y los brasileños me responden en portugués, no me hablan en castellano, no hablan, solo en portugués, ellos dicen ¿qué?.(CaGI-F).

Desse modo, aponta-se que a grande maioria do povo brasileiro não é proficiente para falar a língua do outro, mesmo quando estão no país vizinho, em que insistem em usar o português.

Durante a pesquisa de campo, foi possível observar que ao chegarmos em algum departamento comercial, e ao perceberem que somos brasileiros, os atendentes prontamente passam a falar o portunhol ou o português conosco. Este pode ser visto como um fator de os brasileiros não se interessarem em aprender o idioma do país vizinho, pois estão na zona de conforto, e sendo atendidos na língua portuguesa. Cabe acrescentar ainda, que a partir de observações e depoimentos dos informantes esse mesmo comportamento não ocorre no Brasil, em relação aos Argentinos. Ou seja, os argentinos alegam que são bem atendidos e respeitados no Brasil, no entanto, quando se refere a língua utilizada é quase sempre o português não usam o espanhol.

Quadro 16: Questão 10: Sabe: ler em espanhol? (para brasileiros) e o português (para argentinos)

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Sim</i>
● ●	○ ○	● ○	○ ●	◐	<i>Pouco</i>
◐ ●	◐ ●	◐ ●	◐ ●	○	<i>Não</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Já quando o domínio é ler na língua do outro, do lado argentino, temos dois informantes CaGII-F e CaGI-M dizem não saber ler em português, já os outros, mesmo que pouco, dizem que sabem. Do lado brasileiro dois informantes CaGII-F e CaGI-F dizem não saber ler em espanhol, o restante mesmo que pouco sabem. Conforme os entrevistados:

Ler eu acho que conseguiria me defender sim, ler, nada muito complexo, mas o texto normal. (CaGII-M).

Ler eu leio, mas tem coisa que eu não entendo. (CaGI-M).

Destaca-se ainda que, mesmo tratando-se da habilidade da leitura, temos informantes que dizem saber ler alguma coisa. É possível observar que todos os informantes da Cb dizem que mesmo pouco, eles sabem ler. Diferente do que acontece com a Ca, pois temos os informantes masculinos da Ca tanto GI como GII, sabem pouca coisa. Por outro lado, no feminino, todas as informantes da Ca dizem que não sabem ler. Este fato pode estar relacionado ao tempo em que ficaram fora da região de fronteira para estudar e atualmente atuarem em áreas cujo conhecimento e interesse está voltado restritamente para a variedade do português.

Quando perguntamos sobre a habilidade de escrever observa-se que nenhum dos informantes, nem argentino, nem brasileiro, diz saber de fato escrever o idioma do outro, como é possível observar no quadro 17, abaixo:

Quadro 17: Questão 10: Sabe: escrever em espanhol? (para brasileiros) e o português (para argentinos).

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Sim</i>
○ ○	○ ○	● ○	○ ●	◐	<i>Pouco</i>
● ●	○ ●	● ○	● ●	○	<i>Não</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Neste caso, quando se trata da habilidade escrita, no que se refere à dimensão diatópica, verifica-se que três informantes brasileiros dizem saber escrever um pouco e cinco do lado argentino sabem escrever um pouco. No lado brasileiro, percebe-se que dos oito informantes os três que dizem saber escrever um pouco são da Cb com exceção da CbGII-F que não sabe. Conforme o informante brasileiro: “*Ler e escrever pouco.*” (CbGII-M).

No lado argentino, na dimensão diageracional e na comparação dos gêneros, observa-se que os informantes masculinos da GII sabem escrever um pouco e os da GI dizem não saber nada. Diferente do que acontece no lado feminino, em que a GI diz saber escrever um pouco e da GII apenas a CbGII fala que sabe escrever um pouco e a CaGII diz não saber. Conforme as informantes argentinas:

Escribir correctamente no, algo sí, porque cambia muchas cosas. (CbGI-F).

Escribo un poquito atravesado. (CaGI-F).

No geral, com a questão 10, destaca-se que os argentinos ainda dominam mais habilidades na língua portuguesa em comparação com os brasileiros que dominam o espanhol. Aqui, vale citar um fato que ocorreu durante a entrevista com a informante CbGII-F brasileira, que no momento em que estávamos fazendo a entrevista, um senhor entrou no meio da conversa e citou que mora há mais de 50 anos em Dionísio Cerqueira e que quando sua família tinha casa de comércio 1980 eles eram habituados a falar, relatou que era imposto ou obrigado a aprender o espanhol, coisa que não vê mais acontecer. (Anotações caderno de campo). Desse modo, complementado sua resposta a informante ressalta que:

Viste, então só quem lida no comércio que sabe. Pra aprender espanhol é quem lida no comércio, se não ninguém tem interesse. O argentino tem mais interesse em aprender a língua brasileira para eles saberem pedir as coisas lá. (CbGII-F).

Portanto, observa-se mais um episódio em que um brasileiro destaca que o argentino possui mais interesse em aprender a língua portuguesa. E que os brasileiros que aprendem o espanhol, o aprendem por necessidade financeira ou porque possui algum comércio em que depende ou é frequentado por falantes do espanhol.

Daremos sequência com a pergunta, se o informante “Teve aula de espanhol na escola? (para brasileiros) e português (para argentinos)”, os dados podem ser observados no quadro 18:

Quadro 18: Questão 11: Teve aula de espanhol na escola? (para brasileiros) ¿Tuvo clase de portugués en el colegio? (para argentinos)

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Sim</i>
○	○	●	○	○	<i>Sim, mas pouca coisa</i>
●	○	○	●		
●	●	○	○		
○	○	○	○		

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Conforme podemos observar no quadro 18, salienta-se que do lado brasileiro dos oito informantes, quatro deles tiveram, mesmo que por pouco tempo, aula de espanhol na escola e, os outros quatro não tiveram. Por outro lado, dos informantes argentinos, apenas dois tiveram aulas de português, os outros seis não tiveram.

Percebe-se aqui, que mesmo a maioria dos informantes do lado brasileiro tendo contato com o espanhol no âmbito escolar, não desenvolveram as habilidades com o idioma. Movimento percebido ao contrário no lado argentino, que mesmo a maioria não tendo contato com o português na escola, mesmo assim desenvolveram habilidades com o idioma, como pode ser percebido no decorrer desta dissertação.

Com a questão 12: “Acha que deveria ter mais ensino de espanhol na escola? Por quê? ¿Le parece que debería haber más enseñanza de portugués en la escuela? ¿Por qué?” e, a questão 13: “Acha importante que os filhos aprendam o espanhol?”. ¿Le parece importante que los hijos aprendan el portugués? As respostas, para as questões 12 e 13, foram unânimes todos os informantes disseram ser importante ter o espanhol/português na escola e importante também que os filhos aprendam os idiomas.

Observa-se que os informantes acreditam que é importante ter o ensino do idioma espanhol no Brasil e do português na Argentina. Segundo a informante argentina:

Sí, para mí sí, porque estamos en la frontera viste, entonces como viene bien aprender brasileiro. A los chicos cuando

nosotros vamos para ala, porque mis hijos, ellos no entienden, o sea, entienden, pero no saben hablar, entonces sería bueno. (CbGI-F).

Conforme o informante brasileiro CbGII-M que afirmou ter contato com os dois idiomas e saber se comunicar em espanhol falou que é importante ter o ensino de espanhol, em suas palavras: “Claro. Que daí você fala corretamente, sabe corretamente, é muito importante sim.” (CbGII-M).

Aqui é importante citar que outros informantes brasileiros também ressaltam a importância do ensino do espanhol, no entanto, observa-se que mesmo tendo consciência disso, a maioria mesmo tendo espanhol na escola e conviver em uma região de fronteira não faz o uso do idioma espanhol. Conforme outros informantes brasileiros:

Eu acho que sim. Porque aqui tanto nós brasileiros vamos lá para a Argentina quanto eles vêm bastante para cá. A economia daqui da cidade gira muito em torno dos argentinos, então daí a gente tem que entender sim, é bom que a gente entenda. (CaGI-M).

Sim, eu acredito que sim, até pela questão de informação, para poder ajudar essas pessoas que atravessam bastante a fronteira, né, poder ajudar né, dar informação, nesse sentido assim, que por mais que o inglês né, tu vai para outro país né, uma língua mais que todo mundo fala né, mas o espanhol aqui acho que seria, a gente sente mais falta. (CaGI-F).

Conseqüentemente, os informantes deixam claro sua importância, porém eles pouco têm interesse e pouco fazem o uso. Pode-se dizer, de certa forma, que seria um comodismo, enquanto que o outro fala não há necessidade de se esforçar. Acredita-se que isso ocorra por pensarem que são os argentinos que precisam mais do povo brasileiro.

Na pesquisa de campo, vários depoimentos atestam que os brasileiros falam o espanhol ou mais o “portunhol” só realmente quando há necessidade em lidar com o povo argentino, tanto no comércio como em outros atendimentos, como em Hotéis ou atendimentos públicos. Ou seja, quem não está no comércio ou com alguma relação financeira com o povo argentino não fala o espanhol. Segundo Pastorelli (2011) usar uma língua está ligado ao seu

conhecimento de mundo, de acordo com as tradições da localidade linguística, com a realidade familiar e cultural e com sociedade em que foi criado.

Na sequência, com o intuito de explorar e compreender melhor as situações de usos linguísticos, ou seja, qual das línguas é utilizada pelos informantes ao encontrarem-se com um estranho na rua no seu país e no país vizinho (questões 14 e 15), as respostas estão expostas nos próximos quadros 19 e 20:

Quadro 19: Questão 14: Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Português</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	<i>Espanhol</i>
● ●	● ●	◐ ◐	◐ ◐	◑	<i>Depende da abordagem</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Do lado brasileiro ao serem questionados sobre qual língua usam para falar com um estranho na sua cidade, a resposta foi unânime: o português. Conforme os informantes:

Eu falo português porque espanhol eu não entendo muito. Eles falam bastante português porque o convívio da fronteira né, a fronteira é a fronteira seca, daí tem esse convívio diário, praticamente, então daí dá para falar os dois, ou espanhol ou português. (CaGI-M).

Português. Eles entendem mais fácil que a gente. (CbGI-M).

Observa-se novamente pelas falas dos informantes como eles manifestam que não há tanta necessidade em aprender o espanhol porque os argentinos falam os dois idiomas, e dessa maneira não há esforço do informante em aprender a língua do outro. Segundo a citação do informante CbGI-M os argentinos apresentam mais facilidade em aprender o português do que o brasileiro o espanhol.

Já do lado argentino tivemos que além do espanhol ser usado por quatro dos informantes, os outros quatro disseram que depende da abordagem na rua, ou seja, a forma como são recepcionados ou recebidos pelas pessoas, aí irão adaptar a língua, porque muitas vezes esperam o outro se manifestar primeiro para depois falar.

Na próxima questão, questionamos a língua que é usada se encontrar um estranho no país vizinho, as respostas podem ser visualizadas no quadro 20:

Quadro 20: Questão 15: Quando você encontra um estranho na Argentina (para brasileiros) e no Brasil (para argentinos) em que língua você fala com ele?

Dionísio Cerqueira-Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Português</i>
● ●	◐ ●	◐ ●	◐ ●	◑	<i>Espanhol</i>
● ●	◑ ●	◑ ●	● ◑	◒	<i>Depende da abordagem</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Os informantes brasileiros com exceção dos informantes CaGII-F que diz que o idioma que usa vai depender da abordagem e a CbGII-F diz usar o espanhol, os outros todos afirmam que usam no país vizinho o português. Conforme a informante brasileira: “A posso falar também o espanhol, o portunhol, não tem problema, mas eles também ali entendem tudo português”. (CaGII-F). Segundo a entrevistada ela até arriscar-se-ia a usar o espanhol ou um portunhol, no entanto, os argentinos entendem tudo em português, percebe-se aqui que, novamente, não há tanta necessidade em aprender o idioma espanhol porque o outro sabe o português.

Conforme o informante CbGII-M que diz saber falar o espanhol, ele mesmo afirma que vai usar o português e se a pessoa não o entender aí sim vai falar em espanhol, nas palavras dele: “Falo português, daí quando eles não falam português nós falamos espanhol.” (CbGII-M). Verifica-se, de acordo com a citação, como o brasileiro tem em mente ou acredita que todos os argentinos vão entender o português, ou pelo menos, os que residem mais próximo à fronteira.

Já do lado argentino, tivemos quatro entrevistados que falaram que no Brasil usam o português, três o espanhol, e um que depende como será abordado na rua. Observa-se, dessa maneira, que os argentinos, novamente, se rendem mais fácil a utilizar o português no Brasil.

Assim, nossas atitudes influenciam o comportamento em sociedade. Pastorelli (2011) afirma que, as relações que o falante apresenta com o meio social em que vive, são responsáveis pelo surgimento de suas crenças e assim, conseqüentemente, pelas suas atitudes.

Na questão 16, perguntamos aos informantes, de modo geral, em que situações eles falam o espanhol (para brasileiros) e português (para argentinos):

Quadro 21: Questão 16: Em que situações você fala o espanhol (para brasileiros) e português (para argentinos)? Onde? Com quem?

Dionísio Cerqueira-Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Trabalho/comércio</i>
● ●	● ●	○ ●	● ●	◐	<i>Não fala</i>
○ ●	● ○	● ●	● ○	◑	<i>Mais dentro da Argentina</i>
				◒	<i>Visitas a familiares na Argentina</i>
				◓	<i>Escola.</i>
				○	<i>Quando falam em português</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Com os resultados mostrados no quadro 21 acima, pode-se observar que dentre os brasileiros três informantes não falam o espanhol, três falam em virtude do trabalho ou do comércio. O informante CbGII-M diz saber falar o espanhol, no entanto, não costuma usá-lo nessa região fronteiriça. Segundo ele, o utiliza quando vai mais para dentro da Argentina. Acredita-se que seja onde possivelmente não ocorre tanto o uso do português. A informante CbGI-M diz utilizar quando vai visitar familiares que residem na Argentina. Conforme o informante brasileiro CaGII-M, os argentinos compreendem bem o português, desse modo, não há tanta necessidade em saber o espanhol, em suas

palavras: “Eles também compreendem bem o português o pessoal de fronteira aqui.” (CaGII-M).

No lado argentino, cinco informantes também responderam utilizar mais a língua portuguesa no trabalho ou no comércio em que atuam. A informante CaGII-F diz saber falar, no entanto, deixou claro em nossa entrevista que não o fala, ou seja, se nega a falar, diz que prefere usar o espanhol mesmo quando vai ao Brasil. A informante CbGI-F diz usar o português quando alguém fala com ela em português.

Conforme os informantes argentinos:

Acá, en mi trabajo y en la familia porque mi esposa no habla español.” (CaGI-M).

Cuando te hablan en brasilero, se me voy en el mercado en Brasil, se los conozco las chicas le hablo en portugués. (CbGI-F).

Espanhol mais em casa e português mais no comércio. Igreja toda predica é em argentino. (CbGII-F).

O informante CaGII-M diz utilizar mais o português quando está no âmbito escolar, em que há vários alunos que são do Brasil e que estudam na escola na Argentina. Por depoimentos percebemos que o movimento ao contrário também ocorre, ou seja, há pais da Argentina colocam os filhos estudar no Brasil também.

Dessa forma, destaca-se esse movimento, essa mistura de povos, em que se mescla língua, cultura, tradição. Conforme o informante argentino: “Hay brasileiros casados con argentinos, que tienen comercios en los dos lados inclusive” (CaGII-M). Percebe-se assim, a existência de frequentes interações transfronteiriças entre os países, como relações socioeconômicas, mas além dessa relação financeira também há laços que se construíram pelas amizades, parentesco pelos casamentos.

A próxima questão visava perceber se os informantes, ao falarem espanhol (para brasileiros) e português (para argentinos) misturam as línguas, as respostas são apresentadas a seguir:

Quadro 22: Questão 17: Quando fala espanhol (para brasileiros) e português (para argentinos) você mistura as línguas? Por quê?

Dionísio Cerqueira-Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Sim</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	<i>Não fala</i>
◐ ●	● ●	● ◐	● ●	◑	<i>Às vezes</i>
● ●	● ●	● ◐	● ○	○	<i>Não mistura</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Na questão 17 visa verificar, segundo os informantes, se os que falam a língua do outro misturam o português com o espanhol e vice e versa. Logo, nota-se que dos informantes do lado brasileiro quatro dizem que misturam, três continuam afirmando que não falam o espanhol, conseqüentemente, não os misturam, e um diz que às vezes mistura que é o caso do entrevistado CbGII-M.

Do lado argentino quatro dos informantes dizem que misturam, dois às vezes, um diz não falar o português, que é o caso da informante CaGII-F que mesmo dizendo que sabe falar o português afirma que não o utiliza, dessa forma não mistura. E a informante CbGI-F diz que não mistura, que sabe separar os dois. Segundo a entrevistada: “No, yo hablo bien el portugués. Solo en el español o solo en brasilero portugués.” (CbGI-F). Desse modo, percebe-se como a informante tem consciência de que sabe separar os dois idiomas e que ao utiliza-los não os mistura. Aqui, nota-se novamente o fato de a informante argentina declarar que não mistura as línguas, isso pode indicar um ato de sua parte de lealdade linguística conforme Bergamaschi (2006). Ainda segundo Botassini (2011) as atitudes podem ser de lealdade ou de aversão, sendo responsáveis, em partes, pela manutenção ou pela mudança linguística.

Na questão 18 perguntamos aos informantes se eles conhecem alguma palavra inventada em que ocorre uma mescla, ou uma mistura do português e espanhol, na sequência, verificamos as opiniões manifestadas por eles:

Quadro 23: Questão 18: Conhece alguma palavra inventada, uma mescla de português e espanhol?

Dionísio Cerqueira-Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas. ● ●	Fem. ● ○	Mas. ○ ●	Fem. ○ ○	●	<i>Não lembra, mas sabe que existe</i>
● ●	○ ●	○ ●	● ●	○	<i>Não sabem</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

É possível observar para essa questão 18, que segundo as manifestações da maioria dos informantes, ou seja, dez dos dezesseis afirmam que existem palavras que acabam sendo uma mistura das duas línguas, mas que no momento não lembram. Os outros informantes seis disseram que não sabem. A informante da Argentina tentou buscar alguma no momento da entrevista e acabou falando o seguinte: “Hay un montón de palabras, ahora no me ven ninguna. Para escribir as veces hay gente que escribe Oi con H (hoy)”. (CaGI-F).

Dessa forma, os informantes tem consciência de que existe, no entanto, não lembraram no momento, muitos até citaram as palavras ou expressões que mesmo sendo escrita e falada da mesma maneira, os falsos cognatos, apresentam significados diferente entre as línguas.

A questão 19 “Que língua é usada por exemplo no Banco, no Correio, nas festas aqui da cidade? É possível usar o espanhol no Brasil e o português na Argentina?” questionava o uso social da língua tanto em espaços públicos, ou privados do município por exemplo no Banco, no Correio, ou nas festas, como na festa da integração que acontece na divisa entre os dois países ou em comemorações. Para os informantes brasileiros foi perguntado se era possível falar o idioma espanhol e os argentinos se era possível falar o português nesses lugares.

A resposta da grande maioria dos informantes foi que seria possível, que provavelmente alguém saberia o idioma do país vizinho. Da mesma forma, do lado da Argentina, seria possível falar o português, e do lado do Brasil o espanhol que teria alguém que iria atender. Ao tratarmos de festas ou em

confraternizações, como, jogos e demais eventos sociais a maioria dos informantes falou da Festa da Integração, festa no lago que reúne pessoas tanto do lado brasileiro como argentino, e nessas festas, eles comentaram que ocorre uma grande mistura, bastante uso do portunhol, e que as pessoas se entendem e convivem harmoniosamente, misturando e tentando entender o outro.

Na próxima questão, tivemos o intuito de verificar, segundo os informantes, em qual língua eles pensam, sonham e fazem contas mentalmente. Colocamos cada uma das respostas em quadros diferentes para melhor visualização e compreensão. No entanto, as análises serão feitas em conjunto.

Quadro 24: Questão 20: Em que língua você pensa?

Dionísio Cerqueira-Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Português
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	Espanhol
● ●	● ●	● ●	● ●	◑	Português/Espanhol

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Quadro 25: Questão 20: Em que língua você sonha?

Dionísio Cerqueira-Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Português
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	Espanhol
◐ ●	◐ ●	● ●	● ●	◑	Português/Espanhol

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Quadro 26: Questão 20: Em que língua você faz contas?

Dionísio Cerqueira-Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Português
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	Espanhol
● ●	◐ ●	● ●	● ●	◑	Português/Espanhol

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Conforme retratado nos quadros 24, 25 e 26, é possível observar que do lado brasileiro novamente a grande maioria dos informantes utilizam exclusivamente o português. No entanto, temos os casos dos informantes da CbGII, tanto masculino como feminino, que utilizam o português e o espanhol eventualmente quando sonham ou fazem contas. Conforme depoimento da informante CbGII-F brasileira:

Pensa: Brasileiro

Sonha: depende se eu escuto Enrique Iglesias eu sonho espanhol, (risos) te falei que sou uma piada.

Faz contas: os dois. Eu sempre tenho que pensar no peso e no real, no peso e no real, sempre.

Em Bernardo Irigoyen apenas a informante CbGII-F utiliza o português para realizar contas ou quando pensa e sonha, sem suas palavras: “Na verdade é o Português.” (CbGII-F). O entrevistado CbGI-M diz que para sonhar pode utilizar tanto o português como o espanhol e, os outros informantes utilizam somente o espanhol.

Na vigésima primeira pergunta, questionamos aos informantes se sentiam ou sentiriam vergonha de falar o idioma português para argentinos e o espanhol para brasileiros, as respostas estão expostas a seguir:

Quadro 27: Questão 21: Existem situações em que você tem vergonha de falar o espanhol?
¿Existen situaciones en las que usted tiene vergüenza de hablar el portugués?

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Não
● ●	● ○	● ●	● ●	○	Não. Só, por não saber o idioma
○ ●	● ●	● ●	● ●		

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

A partir do quadro 27, observa-se que nos dois pontos, a resposta para essa pergunta foi não, ou seja, nenhum dos informantes questionados diz sentir vergonha de falar a língua do outro. No lado brasileiro dois informantes CbGII-M e CaGI-F disseram que sentem por não saber o idioma espanhol.

Segundo o informante CbGII-M diz haver situações que as vezes o intimidam por não compreender bem o idioma espanhol. Segundo ele,

Por exemplo quando nós se encontramos com uma pessoa lá vindo lá de, por exemplo de Buenos Aires aquela região eles falam um pouquinho mais cerrado e mais ligeiro e tem coisa que a gente não entende, a gente fica meio cuidadoso, e as vezes tenta não responde porque não entendemos. Muitas vezes nos perguntamo daí a gente pede pra eles fala e assim como eles pede pra gente fala “despacito” bem tranquilo que eles vão entende. Então tem uma situação que as vezes intimida a gente por a gente não entender o que eles falam. (CbGII-M).

Segundo a informante CaGI-F:

Vergonha por não saber, entendeu, porque eu precisava ajudar a pessoa com uma informação e tal, como fazia para sair da cidade né então eu tentei gesticular e..por não saber.(CaGI-F).

Outro depoimento de um brasileiro entra na questão de que o espanhol que é falado na fronteira é fácil de compreender, diferente do que é falado mais para dentro da Argentina, e além disso, segundo ele, o português e o espanhol são bem parecidos e dessa maneira compreendê-los não é difícil, nas suas palavras:

Não, não. Aqui é tranquilo, como eu disse se pegar fora daqui, eu entrei pouco na Argentina, se fala diferente, até difícil de compreender, mas aqui é bem sossegado. Um idioma que não é assim tão diferente do nosso, não é tão difícil de compreender. (CaGII-M).

Dos informantes do lado argentino a resposta foi unânime: todos os informantes disseram não sentir vergonha em falar o português. No entanto, o informante argentino complementa sua resposta falando que: “Aqui na cidade no. Saindo daqui já fica meio diferente, o pessoal já fica olhando de onde você é”. (CaGII-M). De acordo com a citação do entrevistado, percebe-se que segundo ele, há uma diferença em falar o português na região fronteira de onde reside e em falar o português em outras regiões.

Dessa maneira, destaca-se também como é essa relação nessa região fronteira, em que, aparentemente, falar ou tentar falar a língua do outro é um movimento natural e quem vive nesse meio tem consciência disso.

No próximo questionamento, perguntamos quem era, de modo geral, de todos os tipos de pessoas que vivem na região, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem os argentinos ou os brasileiros. Para melhor visualização e compreensão dos dados os colocamos, novamente, em dois quadros, um para quem preserva mais a língua e o outro os costumes.

Quadro 28: Questão 22: De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua de origem os argentinos ou os brasileiros?

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Brasileiro</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	<i>Argentino</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◑	<i>Brasileiro/Argentino</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Segundo os dados obtidos, para quem preserva mais a língua, observa-se que dos informantes de Dionísio Cerqueira, três disseram ser os brasileiros, três os argentinos e dois que são os dois iguais tanto brasileiros como argentinos. Conforme o informante brasileiro: “Nos, os brasileiros, e os que sabem falar a língua, sabem um pouco eles se intimidam.” (CbGII-M). Já o outro brasileiro diz que: “Acho que está meio a meio, acho que os dois estão meio parecidos nesse sentido. (CaGI-M).

Já dos informantes de Bernardo Irigoyen, cinco disseram ser mais os brasileiros e três ser mais os argentinos. Na dimensão diastrática pode-se destacar que todos os informantes da Ca disseram serem os brasileiros, diferente do que acontece com a Cb que apenas o informante CbGI diz serem os brasileiros e outros entrevistados falaram serem os argentinos. Situação essa que pode estar relacionada ao fato de os brasileiros não falarem ou apresentarem alguma resistência em falar o espanhol na visão dos argentinos e isso faz com que avaliem os brasileiros como quem mais preserva a língua.

No próximo quadro abarca as repostas para quem preserva mais a cultura, segundo os informantes.

Quadro 29: Questão 22: De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais os costumes de origem, os argentinos ou os brasileiros?

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Brasileiro</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	●	<i>Argentino</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	●	<i>Brasileiro/Argentino</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Conforme os dados obtidos, para quem preserva mais a cultura, pode-se verificar que dos informantes brasileiros, quatro disseram serem os argentinos, dois que são os dois iguais tanto brasileiros como argentinos e dois os brasileiros. Segundo os entrevistados brasileiros:

O povo bem mais nacionalistas, vamos dizer assim, que o nosso, mais apreço não só pela língua, bandeira, enfim todos, tudo que é deles acho que eles têm um pouco mais de cuidado, eu acho, minha opinião particular. (CaGII-M).

Haa, os dois eu acho né. Eles gostam muito da...eles, os argentinos, são muito patriotas né, são muito mais que os brasileiros, né, são bem patriotas. Mas assim acho que cada um preserva a sua. (CaGII-F).

Os Argentinos. Eles fazem tudo, nas escolas aqui cada pouco eles fazem apresentações das músicas deles, apresentações deles, tudo, não é que nem no Brasil. (CbGII-F).

Segundo os depoimentos acima elencados, pontua-se que conforme os informantes, eles acreditam que os argentinos são mais nacionalistas, tendem a preservar mais os costumes e tradições do país.

Diferente do que os brasileiros disseram que os argentinos preservam mais sua cultura, no que se refere aos informantes argentinos seis disseram serem mais os brasileiros e dois serem mais os argentinos. Na dimensão diastrática, novamente, todos os informantes da Ca disseram serem os

brasileiros. Já na Cb ficaram divididas as respostas em que os entrevistados CbGII tanto masculino como feminino responderam serem os argentinos e os CbGII também tanto homem como mulher falaram serem os brasileiros.

Conseqüentemente, com essa questão 22, observa-se, de modo geral, que os brasileiros acreditam que os argentinos são mais nacionalistas, que preservam mais seus costumes de origem. Por outro lado, os argentinos acreditam que são os brasileiros que preservam mais seus costumes de origem que é mais difícil de ver um brasileiro que fale o espanhol, por exemplo.

O próximo quadro representa as respostas obtidas para a questão 23, “O que identifica/caracteriza o brasileiro/argentino típico daqui?”:

Quadro 30: Questão 23: O que identifica/caracteriza o brasileiro/argentino típico daqui?

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas. ● ○ ● ●	Fem. ● ○ ● ●	Mas. ● ○ ○ ○	Fem. ○ ● ● ●	●	<i>Diferença na vestimenta</i>
				○	<i>Outras respostas</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

A partir do quadro 30, a pergunta visa verificar como os informantes reconhecem ou caracterizam o falante do país vizinho. Para essa questão obtivemos também outras respostas, em que algumas serão apresentadas na sequência, no entanto, para montarmos o quadro optamos em colocar a resposta que mais foi falada.

Pode-se observar, primeiramente, que a maioria dos informantes responderam que uma das principais características que diferencia o brasileiro do argentino é o modo pelo qual cada um se veste, ou seja, uma característica marcante de cada povo é a diferença na vestimenta, característica que foi citada por seis (6) informantes do lado brasileiro e quatro (04) do lado argentino.

Assim as vezes até, são diferentes, você pode vê um castelhano, “baxa” um brasileiro alí, você vê, até a ropa eles usam diferente, sabe, ropa, calçado, o castelhano ele usa mais

calçado fechado, por mais que seja verão sabe, fechado e sempre estão mais abrigados também, e o brasileiro é mais solto e mais desabrigado também, aqui andam mais abrigados, por mais que seja verão, você não vai ver um argentino de chinelo, só se tiver na praia mesmo, se não é só de calçado. (CbGII-F Argentina)

Los brasileiros son más detallistas. Por ejemplo, son más arreglados, más limpios, más organizados, las vestimentas también, se visten mucho mejor que lo argentino. Y en cambio que en la Argentina no hay eso, no hay nadie de detalles con él. (CaGI-F Argentina).

Yo en mi opinión parece que los brasileiros es típico de "chinela" siempre, no. Porque la mayoría se sienten cómodos seguramente, no, siempre andan de chinelo. Y los argentinos no son de a reglarse mucho, los brasileiros siempre andan bien arreglados, y los argentinos no. (CbGI-F Argentina).

Pelo sistema de vestir e pelo sistema de caminhar, eles já são assim mais diferente do nosso caminhar e pela forma de se vestir. (CbGII-M Brasileiro).

É que o argentino, geralmente, eles como eu posso te explicar, eles se vestem de um jeito diferente, a maioria. (CaGI-M Brasileiro).

Eu acho que argentino é na verdade é quase tudo igual não tem muita diferença. Da para ver de longe que é um argentino. Não sei te explicar, mas eles demonstram assim no jeito eles, as roupas são diferentes. (CbGI-F Brasileira).

Aí, nós já vimos só no vestir assim, nos já vimos. As características assim quando chega a gente já vê, não sei porque, mas a gente já conhece. O argentino se veste diferente, assim parece, né, as roupas deles são diferentes. (CaGII-F Brasileira).

Brasileiro é mais tipo mais arrumadinho né. (CbGII-F Brasileira).

Além da vestimenta, outras características foram elencadas, de maneira geral e resumida, segundo os brasileiros, os argentinos são diferentes no que se refere a preservação do veículo, em que o argentino não apresenta tanto interesse e cuidado com os carros como os brasileiros. Citaram que o argentino é um povo mais "largado", em que não dá tanta importância para bens financeiros, estão mais preocupados em viver bem. E que o brasileiro é mais organizado: "A organização o brasileiro é mais organizado." (CaGI-M). Diferente dos argentinos que: "eles têm um estilo mais jogadão, relachadão, de

qualquer jeito. O argentino por si eu acho ele mais retraído, sabe, tem mais vergonha, ele tem mais medo de chega.” (CbGII-F)

Diferenças físicas e diferenças na fala também foram abordadas: “Mais pela fala mesmo, mas as vezes as características físicas as vezes muda o cabelo, roupa, diferentes.” (CbGI-M). E no sotaque também foram ditas; “O sotaque deles é bem, nossa. Agora mesmo chegou um casal ali ela era brasileira, ela veio falando brasileiro e ele já chegou eu já vi no sotaque, é argentino, na hora a gente vê.” (CaGII-F).

Foi citando também que o no Brasil há mais uma mistura de povos e etnias e na Argentina já não, “ tipo nós somos descendentes de alemão, temos pele clara, olho claro, dificilmente tu vai encontrar um argentino com essas características né, por mais que eles vem dos espanhóis o cabelo deles é escuro, o olho é escuro, é difícil né.”(CaGI-F).

O argentino foi caracterizado também como um povo mais patriota, nacionalista em que aprende desde cedo a valorizar o seu país.

O argentino é mais ligado as coisas dele, ele respeita mais a bandeira o símbolos, o povo brasileiro tá perdendo isso, eles são mais assim, eles gostam, dão mais importância pra o que é deles, tem gente até que acha que eles são mais prepotentes, que eles se acham, mas eu não vejo assim, eu acho que eles respeitam mais as coisas deles, preservam mais as tradições não são de se deixar influenciar muito por nós aqui. (CaGII-M Brasileiro).

O brasileiro, conforme os brasileiros, citaram que são um povo mais desconfiado, segundo o informante: “Desconfiado o brasileiro ninguém ganha dele.” (CbGII-M).

Para os argentinos, também de maneira breve e resumida, citaram que os brasileiros são, muitas vezes, mais simpáticos; “Creo que el Brasileiro es más simpático, seria, te tratan más bien. El argentino un poco amargado.” (CbGI-M). Também comentaram que: “o brasileiro é mais solto assim, para conversar, eles são mais dados, mais dados assim sabe, mais..e o argentino é mais assim, mais fechado e o brasileiro é mais solto.” (CbGII-F).

Foi comentado também que no Brasil tem mais facilidade de conseguir crédito, ou seja, conseguir fazer compras em prestações para pagar, “Hay

mucha confianza entre la gente de aquí y de la; Tenemos crédito en toda calle, onde vamos tenemos cuenta, digamos no. (CaGII-F).

O brasileiro também foi caracterizado pelos argentinos como um povo desconfiado: “Los brasileiros son más desconfiados, ellos desconfían de todo, acá hay un señor que pesa, trae una, una pesita así, pesa las papas.” (CaGI-F).

Além disso, diferença na fala, como já foi abordado no decorrer deste trabalho, em que o argentino tem consciência e acredita que o povo brasileiro não fala o espanhol, dificilmente encontra alguém que fala, segundo a informante: “el identificable al toque, llamo, el brasileiro no te habla una palabra en castellano.” (CaGII-F). Outros depoimentos também corroboram:

Porque acá los que viven en Bernardo seria te hablan un poco de cada un brasileiro, un poco español, misturan. La en Brasil no te hablan en español, nadie te habla en español, difícil. Pode ser que encuentra alguno, pero so se argentino, brasileiro no te hablan en español. Usamos el español y el portugués. (CbGI-M).

Na próxima questão, perguntamos para qual seleção, Brasileira ou Argentina, o informante torcia. Questionando também sobre a TV e o rádio, as respostas estão representadas nos quadros 31, 32 e 33 abaixo:

Quadro 31: Questão 24: Futebol? Para qual seleção torce: Brasileira ou Argentina?

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Brasil</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	<i>Argentina</i>
● ●	○ ●	● ●	○ ●	◑	<i>Brasil/Argentina</i>
				○	<i>Nenhum</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Nota-se, novamente, enquanto todos os informantes do sexo masculino torcem para as respectivas seleções de seus países, temos duas informantes femininas a CbGII brasileira e a CbGII argentina de disseram não torcer para nenhuma das seleções, a seguir trazemos os seus depoimentos:

Não torço pra nenhum. Nenhum, torço que os dois percam, os dois saiam fora logo pra continuar o trabalho porque os dois tão maus, pelo menos foi assim nessa copa desse ano. Teve um ano, teve um ano que foi melhorzinho, daí eu coloquei os funcionários tudo de amarelo pra eles trabalhar no dia do jogo do Brasil e eu de camiseta da argentina no dia do jogo da argentina, foi um ano bem divertido, então se trocavam as camiseta. (CbGII-F Brasileira).

Eu realmente não torço para nenhum, porque a gente como é evangélico eu respeito isso, mas eu não torço para ninguém. (CbGII-F Argentina).

Na pesquisa de campo, outro fator que merece ser destacado é que vários informantes brasileiros mencionaram que existe alguma rivalidade entre os torcedores, fato que não foi mencionado por nenhum dos informantes argentinos. Na sequência, apresentamos algumas das citações dos brasileiros:

Aqui a rivalidade é um pouquinho mais quente eu acho, quanto mais próximo, tem esfriando um pouco, até porque as duas seleções não estão tão boa, mas assim é, se tiver confronto é bem, provocação existe, claro nada violento, mas existe sim essa rivalidade, mais quente aqui. (CaGII-M).

Por exemplo futebol, brasileiro nós sabemos se colocar no lugar, os argentinos não, se tá jogando a seleção deles e ganhar você tá na rua sujeito deles apedrejar o teu carro até meter fogo no teu carro, são muito fanático no país da Argentina no futebol, e nós não, nós já temos mais sobre isso e eles não. Já aconteceu de eu tá na estrada um na frente outro atrás e eles vim querer bater no carro assim, e não tinha nada a ver com a história. Eu te aconselho se um tiver jogo do Brasil contra a Argentina, não vai para Argentina. (CbGII-M).

Aqui a rivalidade é grande. Os brasileiros vão lá na fronteira e saltam foguete e coisa, os argentinos fazem o mesmo. Lá na fronteira ou as vezes até aqui dentro país ou nós vamos lá. Quando tem jogo Brasil contra Argentina, seleção contra seleção mesmo. (CaGI-M).

Aí tem um pouco de rivalidade, eles fazem carreatas, tanto um lado quanto outro, soltam foguetes, se o Brasil tá perdendo eles soltam foguetes a torto e direito, fazem tartalhões, assim nas divisas ali assim, né, naquela rua lá, né; lá de baixo. Mas assim, então a gente diz assim por exemplo, ah se o Brasil ganhou, ah hoje não vamos para lá, hoje não vamos para lá, porque eles estão mal murados lá, né; a gente diz, né, mas é brincadeira, é brincadeira, não é, é brincadeira sabe. Mas a gente convive muito bem com eles, nossa. (CaGII-F).

Desse modo, observa-se que os brasileiros manifestam esse cenário de rivalidade que é percebido na região fronteiriça, enquanto que os argentinos não fizeram colocações a esse respeito nas entrevistas. Na sequência, colocamos os dados obtidos quando questionados sobre o lado que mais assistem TV.

Quadro 32: Questão 24: TV? Lado Brasileiro ou Argentino?

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Brasil</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	<i>Argentina</i>
◐ ●	● ●	◐ ●	● ●	◑	<i>Brasil/Argentina</i>
				○	<i>Nenhum</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Os dados coletados mostram que em relação aos informantes do lado brasileiro apenas um CbGII-M diz assistir tanto do lado do Brasil como da Argentina, segundo ele depende da programação que é transmitida em cada uma. Os outros todos só assistem aos programas do lado brasileiro. Segundo o informante brasileiro: “Só brasileiro, até porque eu não conheço nada da televisão argentina, nada.” (CaGII-M).

Caso que é diferente do lado argentino em que apenas dois informantes CaGII-M e CaGII-F dizem assistir às programações do lado argentino e CbGI-M e CbGII-F do lado do Brasil. Os outros tanto do Brasil como da Argentina. Nas palavras da entrevistada brasileira:

Só o lado brasileiro, porque não são nada grande coisa não, aquelas que a gente consegue sintonizar aqui né, talvez mais lá no centro, né, como eu já fui e vi tem algumas né, mas daí gente fica assim meio. Mas eles aqui do outro lado é quase só televisão brasileira. Eles assistem muito as brasileiras ali do outro lado, as TVs brasileiras. (CaGII-F).

Na sequência, elaboramos um quadro, 33, com as respostas sobre em qual lado escutam as programações do rádio.

Quadro 33: Questão 24: Rádio? Lado Brasileiro ou Argentino?

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Brasil</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	<i>Argentina</i>
● ●	● ●	◐ ◐	◐ ◐	◑	<i>Brasil/Argentina</i>
		◐ ◐	◐ ◐	○	<i>Nenhum</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Em relação a programação do rádio, do lado brasileiro todos os entrevistados manifestaram que escutam do lado do Brasil. Conforme o informante brasileiro: Rádio: “nunca parei para ouvir as programações deles. Eles têm um estilo bem diferente, musica também, acredito que até eles ouçam mais a nossa música do que nós a deles”. (CaGII-M).

Diferente do que acontece do lado argentino, em que temos três informantes CbGII-M, CbGII-F e CaGI-F dizem escutar tanto programações do lado argentino como brasileiro, os outros do lado argentino. Percebemos, desse modo, que vários informantes assistem e escutam programações do lado brasileiro também. Segundo a informante argentina:

En acá se ve mucho en brasilero también, o sea, nosotros grandes miramos mucho las noticias de Brasil a las criaturas, sí, miran español, son los dos. La radio es más español, sí. Bueno, se vamos escuchar músicas se escucha más brasilera. Así se vamos poner en una radio para escuchar la radio escuchamos de acá entonces escuchamos le retiramos de las noticias que se pasan acá en Bernardo de Irigoyen, pero se vamos poner un pen drive o algo preferimos de Brasil, las músicas del Brasil. (CbGI-F).

Na vigésima sétima questão, perguntamos a respeito da percepção e sentimento dos informantes em relação à questão identitária, através da pergunta: "Como você se sente mais; brasileiro ou argentino?", as respostas podem ser vistas no quadro 34 abaixo.

Quadro 34: Questão 25: Como se sente mais; Brasileiro? Argentino?

Dionísio Cerqueira Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Brasileiro</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	<i>Argentino</i>
● ●	◐ ●	◐ ●	● ●	◑	<i>Brasileiro/Argentino</i>

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

A partir da aplicação dessa questão que trabalha a identidade étnica do informante, ou seja, aquela que o entrevistado se identifica mais por características como a língua, costumes, tradições, cultura. Averiguou-se que, com os resultados apresentados, na dimensão diasssexual todos os informantes brasileiros do sexo masculino dizem se sentirem mais brasileiros e todos os informantes argentinos do sexo masculino dizem se sentirem mais argentinos, diferente do que acontece com algumas das entrevistadas do sexo feminino, como é perceptível.

Observa-se assim, que dentre os brasileiros, sete dos oito informantes afirmaram sentirem-se brasileiros. Conforme o informante brasileiro: “A não, Brasileiro. Eu entro lá só quando eu preciso.” (CaGII-M). Apenas a informante CbGII-F respondeu que quando está na Argentina se sente mais argentina e quando está no Brasil mais brasileira.

Já dos informantes do lado argentino, se começarmos analisando levando em consideração a dimensão diasssexual, percebe-se que todos os informantes masculinos responderam que se sentem mais argentinos, já dentre os femininos obtivemos duas CaGII e CbGI que disseram sentirem-se mais argentinas e duas CaGI e CbGII disseram sentirem-se mais brasileiras. Conforme a informante argentina: “Eu me sinto sempre brasileira, sempre brasileira”. (CbGII-F). Acredita-se que seja pelo fato de ter nascido no Brasil e só mais tarde ter ido morar na Argentina.

Diferente da resposta dada pela outra informante GII da argentina: “Argentina. Yo no vendo mi nacionalidad, soy argentina”. (CaGII-F). Percebe-

se, dessa maneira, grande apreço pelo país que nasceu e vive ainda reforçando seu orgulho de ser argentina e amar sua terra.

Já a outra entrevista GI, moradora de Bernardo de Irigoyen, relata o seguinte:

A mí me da igual, pero soy más español, digamos así. Creo para mí me da igual las dos cosas, porque yo entiendo las dos lenguas, para mí me da igual. Me encantaría vivir en Brasil (risos). Porque están más avanzados en todo creo, las cosas están más adelantadas. (CbGI-F).

Conforme relatos coletados durante as entrevistas alguns dos informantes se manifestaram falando que acreditam que o Brasil é mais avançado e desenvolvido que a Argentina, desse modo, é interessante manter contato com o Brasil caso precise de algo que não tenha no país. A informante brasileira também citou esse fato, “Eles vêm comprar muita coisa aqui por não ter lá. Essa questão de recurso e tal nesse sentido.” (CaGI-F).

Portanto, o que os moradores da região buscam é viver bem, pois mesmo que os brasileiros não falem o espanhol buscam viver em harmonia. Finalizamos essa parte das análises com a fala do informante brasileiro: “Mas aqui todo mundo entende, é bem bonito, é bem bom de viver aqui(...)queremos viver tudo em paz”. (CbGII-M). Além disso, o status linguístico é um forte influenciador no fato de uma pessoa querer ou não a determinado grupo linguístico. Kersch (2011) destaca a língua como uma expressão da identidade, sendo um modo pelo qual o falante demonstra o seu pertencimento a determinado grupo linguístico ou não.

5.2 CORRELAÇÃO DOS DADOS CONVERGENTES E DIVERGENTES

Nosso estudo visa apresentar como as crenças e atitudes linguísticas exercem um papel de extrema importância na sociedade, de modo que o falante assume posturas ao se posicionar diante de uma língua, rejeitando algumas e preferindo outras e, isso interfere no *status* da língua e também na

questão da identidade linguística. Com isso, na constituição da identidade linguística, o falante tende a fazer suas escolhas por idiomas que, por muitas vezes, sejam considerados socialmente prestigiados, e também observando o *status* social a que o grupo pertence. Nesta seção faremos a correlação dos dados convergentes e divergentes obtidos na pesquisa.

Começaremos relacionando os dados obtidos com a partir da questão 1: como os informantes chamam a língua que é falada nessa região fronteiriça, com a questão 9: como o informante aprendeu (se aprendeu) a língua falada no país vizinho, podemos fazer os seguintes apontamentos. Primeiro, a mistura do português com o espanhol conhecida como o “Portunhol” é a variedade linguística denominada pela maioria dos informantes como a língua falada na fronteira entre falantes do português do espanhol. Confirmando, desse modo, que segundo Sturza (2019, p. 95) o Portunhol pode ser definido como uma língua que resulta do contato linguístico entre o Português e o Espanhol e “é identificada como uma língua de contato, mas também como uma língua étnica de falantes de comunidades fronteiriças”. Segundo: o contato linguístico impulsionou para que os informantes aprendessem a língua falada no outro lado da fronteira. Contudo, no lado brasileiro mesmo tendo esse contato temos a informante CaGI-F que não sabe o espanhol. O restante dos informantes temos o entrevistado CbGII- M que diz ter aprendido o espanhol no contato e ter colocado seus filhos para estudarem tanto na Argentina como no Brasil para que pudessem desenvolver os dois idiomas. A CbGII-F diz ter aprendido o que sabe do espanhol no trabalho, no comércio na divisa, entre os dois países, ressaltou que sabe usar um pouco o espanhol ou o portunhol em função de sua profissão, no entanto, ao questionarmos sobre o conhecimento do espanhol de seus filhos falou que os mesmos não entendem nada.

Já no lado argentino, observa-se que todos os informantes apresentam algum tipo de relação e conhecimento da língua portuguesa em decorrência do contato, da família, do comércio e que gostam de usar o português quando precisam. Os informantes CaGI-M e F e CbGI-M dizem que aprenderam desde pequenos o português por suas mães serem falantes da língua portuguesa e que além disso, ainda mantêm contato com falantes do português tanto na rua ou vizinhança em que moram ou até mesmo na fronteira.

Desse modo, em relação ao uso do portunhol, acreditávamos que iríamos encontrar vários informantes que afirmassem usar constantemente a variedade portunhol nas interações entre os povos, no entanto, os brasileiros, alguns deles, dizem que até se precisar conseguiriam se virar usando o portunhol, porém, diariamente não o usam. Diferente da grande maioria dos argentinos que confirmaram fazer o uso do portunhol e inclusive do português.

Trabalhar com crenças e atitudes linguísticas, segundo Aguilera (2008), é de suma importância, visto que uma atitude linguística influencia na mudança ou alternância de línguas, pois a partir do momento que o falante assume uma postura está o define, já que as atitudes são formadas de pensamentos e crenças.

E assim, as pessoas que estão em nosso meio, de certa forma, podem acabar influenciando ou não para que determinada língua seja utilizada na comunicação e assim está nos representar de certa forma. Pois, pode ocorrer de sentirmos orgulho de saber determinado idioma, por acreditarmos se seja relevante socialmente e isso nos ajudar, por exemplo, ou pode ser que não queiramos nos influenciar por certa língua, pois acreditamos que esta não nos representa e não faz falta.

Neste sentido, o próximo quadro 35 apresenta os dados das questões 2 que trata da língua que os entrevistados sabem falar e a questão 8 que aborda os idiomas conhecidos pelas pessoas mais próximas dos informantes.

Quadro 35: Questões e respostas aplicadas às perguntas 2: Que línguas você fala? E 8: Conhecimentos de língua dos pais, dos irmãos, do cônjuge, dos filhos?

Legenda:																
Português/ Espanhol ●																
Português/espanhol/portunhol ◐																
Português/ portunhol/ ◑																
Português ◒																
Espanhol ○																
Dionísio Cerqueira – Brasil									Bernardo Irigoyen – Argentina							
Questão	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
2	◑	◑	◑	◑	●	◑	◑	◑	●	●	◑	◑	●	●	◑	●
8	●	◑	◑	◑	●	◑	◑	●	○	○	●	◑	◑	◑	●	●

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Observa-se a partir dos dados do quadro 35 que três informantes do lado brasileiro da classe alta CaGII-M, CaGI-M e CaGI-F dizem saber falar só o português. Assim como o contato dos informantes da CaGI tanto masculino como feminino possuem contato com falantes só do português e o CaGII-M diz ter contato com seu irmão que sabe o espanhol. Os outros informantes possuem alguém com algum contato que sabem o espanhol na família.

Em contrapartida, do lado argentino, todos os informantes dizem que sabem falar o português o espanhol ou o portunhol, termo utilizado por todos informantes da GI. Como não apresentávamos as alternativas, pode ser que na hora da entrevista, os informantes tenham esquecido de mencionar mais o portunhol como uma língua que eles soubessem falar. Os únicos informantes que dizem que não possuem contato na família com alguém que fale o português são a CaGII tanto masculino como feminino.

Dessa maneira, no que diz respeito aos aspectos linguísticos, os dados trazidos mostram que todos os informantes do lado Argentino sabem tanto o espanhol como o português, já do lado brasileiro, os informantes, não apresentam esse mesmo interesse e domínio, pois o espanhol, de modo geral, não é falado no Brasil. Na Argentina, o Português é língua utilizada no comércio próximo à fronteira e em alguns casos a mais falada no âmbito familiar.

Outro fato que podemos citar é de que encontramos informantes que podem, segundo estudos de Mackey (1972), serem consideradas pessoas bilíngues. Pois, vários conseguem, mesmo que só em algumas habilidades linguísticas, se comunicar em mais de um idioma. Na sequência trazemos o quadro 36 mostrando como ficaram as habilidades linguísticas de cada entrevistado:

Quadro 36: Questões e respostas aplicadas às perguntas 10: Sabe compreender – falar – ler – escrever o espanhol? (para brasileiros) e o português (para argentinos). E 21: Existem situações em que você tem vergonha de falar o espanhol/português?

Legenda:																
Sim ●																
Não ○																
Pouco ◐																
Não. Só, por não saber o idioma corretamente ◑																
	Dionísio Cerqueira – Brasil								Bernardo Irigoyen – Argentina							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
Questão	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
10) Compre	●	●	◐	◐	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
10) Falar	○	●	◐	○	●	◐	◐	◐	●	●	●	●	●	●	●	●
10) Ler	●	○	◐	○	◐	◐	●	●	●	○	○	●	◐	◐	●	●
10) Escrever	○	○	○	○	◐	○	◐	◐	◐	○	○	◐	◐	◐	○	◐
21) Vergonha	○	○	○	◐	◐	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Observa-se a partir dos dados da questão 10 que, praticamente, todos os informantes compreendem o idioma do outro, no entanto, os entrevistados de Dionísio Cerqueira, são mais reservados, não apresentam o mesmo entusiasmo em aprender o espanhol ou até mesmo em falar o idioma. E, mesmo alguns tendo contato na escola e com o contato na cidade não desenvolveram o interesse em falar a língua do país vizinho.

Na questão 21 observa-se que nenhum dos informantes diz que sentem ou sentiriam vergonha de falar o português para argentinos e o espanhol para brasileiros. No entanto, temos os informantes brasileiros CaGI-F e CbGII-M que dizem que sentem por não saberem falar o espanhol corretamente e várias vezes se encontrarem em situações que necessitariam saber falar corretamente.

No que se refere a aprender o espanhol para brasileiros, quanto suas atitudes, percebe-se que são poucos os brasileiros que falam o espanhol. Diferente do que acontece com os argentinos que tentam falar o português. De acordo com a informante argentina CaGI-F, sua crença é de que são poucos os brasileiros que tentam ou se esforçam para falar a língua espanhola.

Conforme os estudos de Lambert & Lambert (1972), Kaufmann (2011), Botassini (2015), as crenças são responsáveis pelos comportamentos das pessoas, e que conseqüentemente podem influenciar em suas atitudes. Ainda, segundo os estudos de Frosi (2010), ao falarmos revelamos a nossos ouvintes formas que nos são peculiares e que nos entregam de onde somos, revelam nossa etnia, classe sociocultural, a faixa etária e, principalmente nossas atitudes em relação a nossa própria linguagem e a do outro. Com isso, na sequência analisamos e relacionamos os dados obtidos a partir das questões 3, 4, 5, 6, 7 e 20. Primeiro apresentamos o quadro 37 com as questões e em seguida o quadro 38 com os dados:

Quadro 37: Questões aplicadas de 3, 4, 5, 6, 7 e 20.

Nº da questão	Pergunta
3	Qual dessas línguas aprendeu primeiro?
4	Qual dessas línguas fala melhor?
5	Qual dessas línguas acha mais bonita?
6	Em que língua gosta de conversar mais?
7	Que língua costuma falar na família?
20	Em que língua você pensa? Sonha? Faz contas?

Fonte: autora (2019)

Quadro 38: Respostas individuais às perguntas: 3, 4, 5, 6, 7 e 20.

Legenda: Português ● Espanhol ○ Espanhol/português ◐ Espanhol/portunhol ◑																
	Dionísio Cerqueira – Brasil								Bernardo Irigoyen – Argentina							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
Questã o	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
3	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	●	●	●	○
4	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	●	○	○
5	●	●	●	●	○	○	●	●	○	○	○	○	○	◐	○	○
6	●	●	●	●	●	○	●	●	○	○	○	●	○	●	○	○
7	●	●	●	●	◐	●	●	●	○	○	●	◐	○	○	●	○
Pensar	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	●	○	○
Sonhar	●	●	●	●	◐	◐	●	●	○	○	○	○	○	●	◐	○
Contar	●	●	●	●	●	◐	●	●	○	○	○	○	○	●	○	○

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

De acordo com Krug (2004) as pessoas constroem uma relação de identidade com o meio em que vivem, e estes tendem a preferir a pertencer a grupos socialmente considerados prestigiados. E esta relação de identidade não é estática, ela sempre está em constante mudanças e pode ser transformada, principalmente, a partir do meio social em que os indivíduos estão inseridas.

Sobre os informantes do lado brasileiro percebe-se que apenas dois não responderam a todas as questões como o português como alternativa. O informante CbGII-M e a CbGII-F. A entrevistada CbGII-F trabalha em um comércio no lado Argentino, desse modo, possui um convívio quase que diário com o espanhol. Nota-se assim que ela falou que gosta de falar mais em espanhol, mesmo afirmando no começo da entrevista que seu espanhol é ruim. Sobre esses informantes é preciso salientar ainda que na questão de qual língua acham mais bonita os dois responderam que é o espanhol. A CbGII-F considera as duas línguas para sonhar e fazer contas, pois tem contato direto

com os brasileiros e argentinos. Para o informante CbGII-M a língua espanhola é mais ampla que a portuguesa, segundo ele, ela possui um sotaque mais bonito é mais elaborada, mais cantada.

Do lado argentino, para a informante CbGII-F o português ainda continua sendo definida como sua língua por ter aprendido como primeira língua e o utilizar no comércio local no contato diário com brasileiros. O informante CaGI-M, da Argentina, respondeu que na família fala mais em português, isso devido ao fato de sua esposa ser brasileira. Sobre essa informação nota-se que o informante teve que ceder a falar o português mesmo morando na Argentina, assim sua esposa morando na Argentina impôs o português para ser falado no âmbito familiar. Os informantes de Bernardo Irigoyen, arriscam-se a desenvolver o uso do português e do espanhol, apesar de preferirem, de modo geral, usar o espanhol.

Na sequência, relacionamos as questões 11, 12 e 13, investigando se os informantes tiveram o espanhol e português na escola e se acreditam ser importante que seus filhos aprendam esses dois idiomas. Da mesma maneira que antes, primeiro apresentamos o quadro 39 com as questões e em seguida o quadro 40 com os dados:

Quadro 39: Questões aplicadas de 11 a 13

N° da questão	Pergunta
11	Teve aula de espanhol/português na escola?
12	Acha que deveria ter mais ensino de espanhol/português na escola? Por quê?
13	Acha importante que os filhos aprendam o espanhol/português?”.

Fonte: autora (2019)

Quadro 40: Respostas individuais às perguntas 11 a 13

Legenda: Sim ● Não ○ Sim, mas pouca coisa/pouco tempo ◐																
	Dionísio Cerqueira – Brasil								Bernardo Irigoyen – Argentina							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
Questão	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
11	◐	○	◐	○	○	○	◐	◐	○	○	◐	○	◐	○	○	○
12	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
13	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

A partir dos dados da questão 11, percebe-se que os informantes brasileiros CaGII, CaGI e CbGI, todos informantes masculinos, dizem que tiveram na escola ou no ensino superior o ensino do espanhol, no entanto, o que pode ser observado que é na prática o único informante que diz fazer o uso do espanhol é o CbGII-M, único que aprendeu no contato linguístico e não na escola.

Vale citar ainda, que apenas dois informantes argentinos CaGI e CbGII, também ambos do gênero masculino, tiveram algum tipo de ensino do português na escola e, mesmo a maioria dos informantes não tendo o português na escola o aprenderam no contato linguístico, por necessidades tanto comerciais, ou como por terem nascidos de pais com etnias diferentes e assim desenvolveram os dois usos.

Outro fator que carece ser mencionado, a partir dos dados analisados, é que todos os informantes acreditam que deveria ter mais ensino de espanhol do lado brasileiro e mais português no lado argentino e também acreditam que é importante que seus filhos aprendam os dois idiomas. No entanto, na prática percebe-se que isso não ocorre de fato.

Aqui percebe-se que, de maneira geral, as crenças são positivas, porém as atitudes, ou seja, quando se refere a aprender a língua do outro o que realmente é feito, como agem, as motivações são geralmente por causas comerciais ou financeiras. Não se percebe motivações em conhecer de fato a cultura e língua do outro por todos os informantes, mesmo estando em uma

região de fronteira em que o contato pode ser mais frequente, impulsionado o aprendizado, percebe-se que isso não acontece.

Em seguida, relacionamos as questões 14, 15 e 19, do mesmo modo que anteriormente, primeiro apresentamos o quadro 41 com as questões e em seguida o quadro 42 com os dados:

Quadro 41: Questões aplicadas de 14, 15 e 19

N° da questão	Pergunta
14	Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?
15	Quando você encontra um estranho na Argentina (para brasileiros) e no Brasil (para argentinos) em que língua você fala com ele?
19	Que língua é usada por exemplo no Banco, no Correio, nas festas aqui da cidade?

Fonte: autora (2019)

Quadro 42: Respostas individuais às perguntas: 14,15 e 19.

Legenda:																
Português ●																
Espanhol ○																
Depende da abordagem ◐																
Espanhol/português/portunhol ◑																
Questão	Dionísio Cerqueira – Brasil								Bernardo Irigoyen – Argentina							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
14	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	◐	◐	◐	○	◐
15	●	◐	●	●	●	○	●	●	○	○	●	●	◐	●	●	○
Banco	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○
Correio	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○
Festas	◐	◐	●		◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	○

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Na questão 14 que aborda a língua que é utilizada ao encontrar alguma pessoa, não conhecida na rua de sua cidade, a resposta de todos os brasileiros foram que utilizam o português. Em contrapartida, no lado argentino, os informantes CaGI-F, CbGII-M e F e a CbGI-F, falaram que depende da

abordagem, isso sugere que do lado argentino os informantes podem encontrar pessoas que talvez eles acreditam que não sejam argentinos e desse modo, irão esperar para ver em qual idioma irão se comunicar.

Na questão 15 que trata da língua utilizada para falar com um estranho no país vizinho, apenas a informante brasileira CaGII-F diz que depende da abordagem que pode ser que ela fale um “portunhol” e a informante CbGII-F que diz que irá usar o espanhol na Argentina, os outros todos irão usar o português. Já do lado argentino, apenas os informantes da CaGII tanto masculino como feminino e a CbGI-F diz que irão usar o espanhol e o CbGII-M diz que depende da abordagem, os outros todos irão usar o português.

A partir dos dados da questão 19 “Que língua é usada por exemplo no Banco, no Correio, nas festas aqui da cidade?” observa-se que a língua mais utilizada em instituições públicas como o Banco ou o Correio no Brasil é o português e na Argentina é o espanhol, no entanto ao questionarmos sobre se seria possível usar o espanhol no Brasil e o português na Argentina, os informantes disseram que provavelmente haveria alguém nesses lugares que saberiam essas línguas.

Já quando questionados sobre as línguas utilizadas nas festas, principalmente as que se juntas pessoas dos dois lados da fronteira, como a Festa no Lago da Integração, a resposta, como pode ser observada no quadro, foi que se se misturam tudo, se fala mais portunhol.

Perguntamos aos informantes, de modo geral, em que situações eles falam o espanhol (para brasileiros) e português (para argentinos), na questão 16, obtivemos os dados que estão no quadro 43 a seguir:

Quadro 43: Questão e resposta à pergunta 16: Em que situações você fala o espanhol (para brasileiros) e português (para argentinos)? Onde? Com quem?

Legenda:															
Trabalho/comércio ●															
Não fala ◐															
Mais dentro da Argentina ◑															
Visitas a familiares na Argentina ◒															
Escola ◓															
Quando falam em português ○															
Dionísio Cerqueira – Brasil								Bernardo Irigoyen – Argentina							
CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
Questão	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
16	◐	●	◑	◒	◓	●	●	◒	◓	◐	●	●	●	●	○

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

As condições sociais influenciam no falar dos indivíduos, observa-se a relação entre o Brasil e a Argentina, países vizinhos de fronteira um forte contato em que se estabeleceu entre o português e o espanhol, através, principalmente por questões financeiras, ou seja, devido ao comércio local.

A informante argentina CaGII-F, diz que sabe o português, no entanto também afirmou que não o utiliza, aqui cabe um questionamento sobre a causa não ser porque os brasileiros não querem falar o espanhol, a informante do mesmo jeito também se nega a falar o português? Ou porque segundo ela por causa de sua nacionalidade e seu trabalho? Não seria o caso de se pensar em uma forma de rivalidade aqui, de que se eles se negam a usar eu também me negarei? Fica o questionamento aqui. Segundo Labov (2008, p. 146-147) “a mulher é mais sensível aos padrões de prestígio, tendem a ser mais conservadoras”. Tendo em vista que a língua é considerada um elemento importante na identificação de um grupo e também de identificação nacional. (Krug, 2004).

Na sequência, abordaremos as questões: 17 visava perceber se os informantes, ao falarem espanhol (para brasileiros) e português (para argentinos) misturam as línguas, e na 18 perguntamos aos informantes se eles conhecem alguma palavra inventada em que ocorre uma mescla, ou uma mistura do português e espanhol?

Quadro 44: Questão e resposta às perguntas 17: Quando fala espanhol (para brasileiros) e português (para argentinos) você mistura as línguas? E 18: Conhece alguma palavra inventada, uma mescla de português e espanhol?

Legenda:																	
Sim ●																	
Não fala ◐																	
Às vezes ◑																	
Não mistura ◒																	
Não lembra, mas existe ◓																	
Não sabem ○																	
Dionísio Cerqueira – Brasil									Bernardo Irigoyen – Argentina								
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
Questão	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
17) Mistura	◑	●	◑	◑	◑	●	●	●	●	●	◑	●	●	●	◑	◒	
18) Inventada	◑	◑	◑	○	◑	○	◑	◑	○	○	◑	○	○	◑	◑	◑	

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

A partir dos dados da questão 17, percebe-se que apenas uma informante diz que ao falar o espanhol e o português não mistura as duas línguas, que sabe tanto uma como a outra. Os outros falaram que se precisarem ou quando realmente falam acabam misturando os idiomas.

Na questão 18, como apresentado por vários informantes que acabam misturando as línguas, se eles conheciam alguma palavra que foi criada ou inventada a partir da mistura dos idiomas, nenhum deles conseguiu lembrar alguma expressão ou palavra.

Na sequência encerramos essa parte de relação dos dados com as questões 22, 24 e 25.

Quadro 45: Questões aplicadas 22, 24 e 25

N° da questão	Pergunta
22	De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem os argentinos ou os brasileiros?
24	Futebol? Para qual seleção torce Brasileira ou Argentina? TV? Lado Brasileiro ou Argentino? Rádio? Lado Brasileiro ou Argentino?
25	Como se sente mais? Brasileiro? Argentino?

Fonte: autora (2019)

Quadro 46: Respostas individuais às perguntas 22, 24 e 25

Legenda: Brasileiros ● Argentinos ○ Brasileiro/Argentino ◐ Nenhum ◑																
Questão	Dionísio Cerqueira – Brasil								Bernardo Irigoyen – Argentina							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
22) Língua	◑	◐	◐	●	●	●	○	○	●	●	●	●	○	○	●	○
22) Costumes	○	◐	◐	●	●	○	○	○	●	●	●	●	○	○	●	●
24) Seleção	●	●	●	●	●	◐	●	●	○	○	○	○	◐	○	○	○
24) TV	●	●	●	●	◐	●	●	●	○	○	◐	◐	◐	●	●	◐
24) Rádio	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	◐	◐	◐	○	○
25) Sentir	●	●	●	●	●	◐	●	●	○	○	○	●	○	●	○	○

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

No que se refere aos dados da questão 22, as opiniões ficaram divididas. A saber: a brasileiro CaGI-M acredita que o povo argentino preserva mais a língua e os costumes, já o CaGI-M argentino diz que são os brasileiros. Os informantes brasileiros: CaGII-F e CaGI-M falaram que os dois povos preservam sua língua e seus costumes, já os informantes argentinos CaGII-F, CaGI-M e F e CbGI-M dizem que são os brasileiros.

Quando aos usos dos meios de comunicação, rádio e TV, percebe-se que os brasileiros, de maneira, geral, ficam mais com as programações brasileiras. Já os argentinos, de maneira geral também, utilizam os dois lados de programações.

No que diz respeito a seleção de futebol, apenas as informantes CbGII-F do Brasil e a CbGII-F da Argentina, falaram que não torcem para nenhuma das seleções, ou outros todos brasileiros torcem para o Brasil e os Argentinos para a Argentina.

Além disso, na vigésima quinta questão, os informantes foram questionados a respeito da percepção e sentimento em relação à questão identitária ética, interrogados sobre como eles mais se sentem, brasileiro ou

argentino. Em suma, dentre os brasileiros, sete dos oito informantes afirmaram sentirem-se brasileiros e apenas um (CbGII-F) diz se sentir se pertencente para os dois países. Já na argentina, seis dizem se sentirem mais argentinos e dois (CaGI-F e CbGII-F) mais brasileiras.

Pode-se citar as informantes CaGII: nascida na Argentina e CbGII: nascida no Brasil, mas que reside na Argentina há mais de trinta anos, desse modo, as duas são moradoras de Bernardo de Irigoyen. A CaGII diz sempre se sentir mais argentina e que não vende sua nacionalidade, diferente da CbGII que mesmo morando mais da metade de sua vida na Argentina, mesmo tendo comercio do lado argentino, fala que se sente mais brasileira.

Com relação ainda aos padrões identitários, na questão 23, obteve o intuito de verificar como os informantes reconhecem ou caracterizam o falante do país vizinho. Nota-se, a partir das respostas que tanto os brasileiros como os argentinos acreditam que a vestimenta, ou seja, o modo de se vestir os diferencia, e faz com que isso seja denominado como uma das principais formas de marcar a identidade social entre os brasileiros e os argentinos.

Conseqüentemente, não é sobre só as línguas que as crenças e atitudes linguísticas podem ser desenvolvidas, mas na grande maioria sobre seus usuários. Segundo Hamers & Blanc (2004) a rejeição ou aceitação de uma língua está quase sempre ligada a questões de avaliações sociais na sociedade. Ainda conforme Balthazar (2018), quando tratamos de atitudes linguísticas, entram nas avaliações linguísticas fatores envolvendo questões sociais e políticas, o que é uma questão sensível em que envolve tanto a língua, as pessoas como o poder.

Desse modo, a partir da pesquisa e das entrevistas realizadas, podemos investigar um pouco das crenças e atitudes linguísticas de falantes que vivem em uma região de fronteira com o contato de falantes de português e espanhol. No que se refere à língua, as crenças dos informantes em relação a sua e a língua do outro, de maneira geral, são positivas. Observa-se ainda que os argentinos acreditam que os brasileiros não são tão interessados em falar o espanhol. No entanto, quanto a comunicação, segundo os informantes, todos conseguem se comunicar bem nessa região de fronteira, seja em espanhol, no português ou portunhol. Porém, percebe-se que os argentinos se rendem mais fácil a falar o português. Pode-se acreditar que se um país é mais

desenvolvido, por exemplo, economicamente que o outro, esse fator pode fazer com que as pessoas queiram aprender sua língua também, e isso faz com que se sintam pertencentes a tal país.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação objetivou analisar crenças e atitudes linguísticas presentes em falantes em situação de contato linguístico entre o português e o espanhol na região de fronteira entre Brasil e a Argentina. A partir dos objetivos que orientaram a coleta dos dados e posterior análises, apresentamos as seguintes considerações finais:

a) O primeiro objetivo específico, verificamos, com base na dimensão diatópica, quais línguas são usadas dentro de cada comunidade investigada e como cada grupo é identificado socialmente. A hipótese era de que por ser uma região fronteira de fácil acesso entre os dois países, e também pelo lugar ser conhecido como “*Tri-Fronteira*” ou “*Cidades Trigêmeas*” os povos desses lugares convivam harmoniosamente e nas regiões mais próximas da fronteira em que o contato é mais intenso os idiomas utilizados sejam tanto o espanhol como o português, pelos dois povos e que a variedade “portunhol” seja a denominação da língua falada na fronteira. Além disso, que suas identificações sociais sejam como falantes de português para Brasileiros e espanhol para Argentinos. No entanto, os dados trazidos mostram que os informantes do lado Argentino sabem tanto o espanhol como o português, já do lado brasileiro, os informantes, não apresentam esse mesmo interesse e domínio, em que o espanhol não é falado no Brasil. A mistura do português com o espanhol conhecida como o “Portunhol” é a variedade linguística denominada pela maioria dos informantes como a língua falada na fronteira. Na Argentina, o Português é língua utilizada no comércio na fronteira e em alguns casos a mais falada na família. Dessa forma, nossa primeira hipótese inicial se confirma em partes, ou seja, os informantes moradores da cidade da Argentina sabem o português já os informantes residentes no Brasil não apresentam essa mesma característica de saber ou usar o espanhol. Além disso, nossa hipótese de que os moradores sejam reconhecidos como falantes de português e falantes de espanhol foi refutada, pois a vestimenta foi denominada como uma das principais formas de identidade social, que marca a diferença entre os brasileiros e os argentinos.

b) No segundo objetivo específico, analisamos, com base na dimensão diageracional, como é o comportamento e os usos linguísticos existentes entre os informantes da geração mais jovem (GI – 18 a 38 anos) e a geração mais velha (GII – acima de 38 anos). A hipótese era de que a geração mais velha (GII) tenha aprendido os dois idiomas (português e espanhol) com domínio mais na fala e na compreensão, em ambos os lados da fronteira. Na geração mais jovem (GI), acreditamos encontrar maior flexibilidade em informantes que saibam ou que demonstrem interesse em aprender a língua do outro. Além disso, segundo Margotti (2004), indivíduos mais jovens são mais inovadores, e com isso, eles tendem a usar as línguas com maior prestígio social, assim, acreditamos que eles tenham interesse e que saibam a língua estrangeira do país vizinho, tanto por uma questão de prestígio como profissional. Os dados coletados apontam para divergências entre os usos e comportamentos linguísticos entre as duas cidades. Na Argentina, com os informantes de Bernardo de Irigoyen, todos aprenderam o português, conseguem ter domínio na fala e na compreensão, a grande maioria através do contato linguístico na fronteira, tanto os informantes mais velhos como os mais jovens. Já no Brasil, em Dionísio Cerqueira, constatamos nos informantes mais jovens, mesmo com a maior facilidade e também mesmo vários informantes terem o espanhol na escola não desenvolveram o interesse em aprender o idioma. Já em informantes mais velhos (GII), pode-se notar, que mesmo sem grande domínio da língua, mais na compreensão, aprenderam alguma coisa do espanhol, muitos por lidarem no comércio. Dessa maneira, nossa segunda hipótese também se confirma apenas em partes.

c) No terceiro objetivo específico, averiguamos, no que se refere à dimensão diastrática, de que forma a escolaridade (Cb - até o Ensino Médio e Ca - Ensino Superior, completo ou incompleto) influencia o comportamento linguístico dos informantes em relação às línguas utilizadas dentro das comunidades. Nossa hipótese era de que a quanto maior a escolaridade, maior seria o domínio das habilidades linguísticas na língua do outro e, além disso, maior o interesse de aprender a língua estrangeira. No entanto, o que pode se observar foi que mesmo os informantes de Dionísio Cerqueira, com maior escolaridade (Ca), mesmo tendo o espanhol na escola, não aprenderam o idioma, diferente com o que pode ser notado com os informantes da Cb, em

que, ao menos dois, dizem que aprenderam, embora seja por questões ligadas ao comércio. Já os informantes de Bernardo de Irigoyen, tanto da Ca quanto Cb, mesmo não tendo o português no âmbito escolar, aprenderam o idioma, muitos também por questões financeiras ligadas ao comércio, mas também pelo contato linguístico facilitado nessa região fronteiriça, como também na família, pois há muitos casamentos interétnicos em que os filhos desenvolveram o aprendizado das duas línguas por influência dos pais. Dessa forma, nossa terceira hipótese, assim como as anteriores também se confirma em partes.

d) No quarto objetivo específico, investigamos, na dimensão diasssexual, os aspectos do comportamento linguístico de homens e mulheres. Nossa hipótese no que se refere a homens e mulheres, acreditávamos que as mulheres teriam maior tendência em valorizar mais a língua nacional, pois segundo Labov (2008, p. 146-147) “a mulher é mais sensível aos padrões de prestígio, tendem a ser mais conservadoras”. De modo geral, podemos dizer que nossa hipótese é confirmada, apesar dos resultados não apresentarem grandes divergências, as mulheres tendem ainda a valorizar mais a sua língua nacional. Para exemplificar, pode-se citar as informantes CaGII nascida na Argentina e CbGII nascida no Brasil, mas que reside na Argentina há mais de trinta anos, desse modo moradoras de Bernardo de Irigoyen. A CaGII diz sempre se sentir mais argentina e que não vende sua nacionalidade, e que mesmo sabendo falar o português não o fala. Diferente da CbGII que mesmo morando mais da metade de sua vida na Argentina, mesmo tendo comércio do lado argentino, fala que se sente mais brasileira e que também ainda fala mais o português.

Para finalizar, a partir dos dados analisados, percebemos que tanto os brasileiros quanto os argentinos apresentam crenças positivas em relação às línguas portuguesa e espanhola. Porém, o argentino da fronteira seca de Bernardo de Irigoyen e Dionísio Cerqueira são quem de modo geral utilizam mais o português e o portunhol para se comunicar que o brasileiro o espanhol e portunhol.

Assim, observa-se que tanto brasileiros como argentinos acreditam ser importante a língua do outro. No entanto, na prática quando questionados sobre como são os usos linguísticos percebemos que quando se refere a

aprender a língua do outro, as motivações são geralmente por causas comerciais ou financeiras, não se percebe motivações em conhecer de fato a cultura e língua do outro por todos os informantes, mesmo estando em uma região de fronteira em que o contato tende a ser mais frequente.

Esperamos que este trabalho possa auxiliar para uma maior compreensão dos fenômenos linguísticos que estão presentes no contato português-espanhol nessa fronteira estudada. Que possa contribuir também, para futuras pesquisas, não só das línguas em contato, como também na educação como um todo. Com o intuito de despertar uma maior conscientização de que aprender e conhecer a língua do outro dá acesso à outra cultura, novos conhecimentos, a fim de incentivar e valorizar as pessoas de diferentes nacionalidades, culturas e línguas.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 37, p.105-112, 2008.

ALTENHOFEN, Cléo V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, V. de A. (Org). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel. p. 77-208, 2005.

ALTENHOFEN, Cléo V; Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e relacional. **Revista de Letras Norteamericanas. Estudos linguísticos, Sinop**, v.6, n. 12, p.31-52, jul./dez. 2013.

ALTENHOFEN, Cléo V; MELLO, Heliana; RASO, Tommaso. Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora UFMG. 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V; MARGOTTI, W. Felício. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos linguísticos e seu papel na realização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo; ESPIGA, Jorge (org.). **Español y português: fronteiras e contatos**. Pelotas: UCPEL. 2008.

BALTHAZAR, Luciana Lanhi. Afinal o que são atitudes linguísticas? In: FRANCESSCHINI, Lucelene Teresinha. PENKAL, Loremi Loregian. **SOCIOLINGUÍSTICA: Estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas**. Guarapuava: Ed. da Unicentro. p.189-204, 2018.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.

BERGAMASCHI, M. C. Z. **Bilinguismo de dialeto italiano-português: atitudes linguísticas**. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.

BERNIERI, Simone. **Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: alemão em São Carlos/SC e Italiano em Coronel Freitas/SC**. 2017. Repositório Digital UFFS, Chapecó, Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1765/1/BERNIERI.pdf>. Acesso em: 13 de abr. de 2018.

BERNARDO DE IRIGOYEN/General Manuel Belgrano (Misiones). Disponível em: <http://www.citypopulation.de/php/argentina-misiones_s.php?cityid=54049020>. Acesso em: 07 mai. 2019.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Dossiê: Crenças e atitudes linguísticas em regiões de línguas em contato: Crenças e atitudes linguísticas: Um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu. **Línguas e Letras**, Paraná, v. 12, n. 22, p.65-84, 2011.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a Sociolinguística. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, nº 18/1, jun. p. 102-131, 2015.

BUSSE, Sanimar; SELLA, Aparecida Feola. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do oeste do Paraná. **Signum: Estudos da Linguagem**, Paraná, v. 15, n. 1, p.77-93, 2012.

BUSSE, S.; SELLA, A. F. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do oeste do Paraná. **Signum: Estud. Ling.**, Londrina, n. 15/1, p. 77-93, jun. 2012.

CARRARO, Fernanda; PENKAL, Loremi Loregian. Crenças e atitudes linguísticas de acadêmicos participantes do projeto PIBID em relação à língua espanhola. In: FRANCESSCHINI, Lucelene Teresinha. PENKAL, Loremi Loregian. **SOCIOLINGUÍSTICA: Estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas**. Guarapuava: Ed. da Unicentro. p. 205-227, 2018.

CELADA, M. T. **O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

COUTO, Hildo Honório do. Contato entre o português e espanhol na fronteira Brasil-Uruguai. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolinguística no Terceiro Milênio: Monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**. Ano 4, N. 2, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088>. Acesso em: 06 abr. de 2018.

CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DA FRONTEIRA. Disponível em: <http://cifronteira.com.br/institucional/bernardo-de-irigoyen/>. Acesso em: 06 abr. de 2018.

COSERIU. Eugenio. **Sentido y Tareas de la Dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1982.

CORBARI, Clarice Cristina. Atitudes linguísticas: **Um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste**. 2013. 259. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, UFBA, Salvador, 2013.

DAMKE, Ciro. Variação linguística e a construção do sujeito. In: **JELL Jornada de estudos Linguístico e Literários**. Marechal Cândido Rondon-PR. 1998.

DIAS, Leila C. FERRARI, Maristela. Territorialidades transfronteiriças na zona da fronteira seca internacional Brasil-Argentina. In: DIAS, Leila C. e FERRARI, Maristela. (Org.). **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. Florianópolis: Editora Insular, p.143–163, 2011.

FEOLA, Aparecida. CORBARI, Clarice Cristina. Crenças e atitudes linguísticas de falantes urbanos de Irati (PR): um olhar sobre o outro. **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, São Paulo, 41 (2): p. 723-738, mai.-ago. 2012.

FERRARI, Maristela. A zona de fronteira na perspectiva da Geografia Cultural: lugar de distanciamento e conflitos ou lugar de reencontros culturais? uma análise a partir das cidades gêmeas brasileiro-argentinas. In: **Anais do XI ENANPEGE**, 2015.

FERRAZ, Aderlande Pereira. O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 9, p. 43-73, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59772>. Acesso em: 15 de abr. de 2018.

FROSI, Vitalina Maria. Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas. In: FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani (Orgs). **Estigma: cultura e atitudes linguísticas**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

FISHMAN, Joshua A. Language Maintenance and Language Shift as a field of inquiry. A definition for tis further development. In: **Linguistics - An interdisciplinary Journal of the Language Sciences**. Volume 2 (9) – Jan 1, 1964. Disponível em: <www.deepdyve.com> Acesso em: 08 de out. de 2018.

HAMERS, Josiane; BLANC, Michel H. A. **Social psychological aspects of bilinguality: culture and identity**. In: *Bilinguality and Bilingualism*. NY Cambridge University Press. cap.8, p. 198-239, 2004.

HORST, Cristiane. "**Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa**". **A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do Sul do Brasil**. Westenseeverlag: Kiel, 2011.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. **Línguas em contato no Sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch**. p. 367- 383, 2012.

KAUFMANN, Goz. Atitudes na Sociolinguística Aspectos Teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora UFMG, p. 121-156, 2011.

KERSCH, Dorotea Frank. Atitudes dos falantes bilíngues da área de fronteira entre Brasil e Uruguai a partir de dados do ADDU. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2011.

KRUG, M. J. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano- português de Imigrante-RS** – Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. Field Methods of the Project in Linguistic Change and Variation. In: BAUGH, John; SHERZER, Joel (orgs.) **Language in Use**. Prentice-Hall. p. 28-53, 1984.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: cognitive and cultural factors (v. III). Malden: Wiley-Blackwell. p. 197-202, 2010.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia Social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

LARA, Claudia Camila. **Variação fonético-fonológica e atitudes linguísticas**: o desvozeamento das plosivas no português brasileiro em contato com o hunsrückisch no Rio Grande do Sul, Brasil. Tese. UFRGS, 2017.

LIMÃO, Paula Cristina de Paiva. **O “Portunhol” da América Latina no ciberespaço**: de interlíngua e língua de fronteira a língua de intercompreensão e língua Literária sem fronteiras. Disponível em: <http://sibaese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/viewFile/17954/15305>. Acesso em: 03 de mai. de 2019.

LIPSKI, John M. Um caso de contato de fronteira: O Sudoeste. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora UFMG, p. 349-368, 2011.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da Linguística Moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

JUNGBLUT, Roque. **Porto Novo**: um documentário histórico. Porto Alegre; Letra & Vida, 3. Ed. 2011.

MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. (ed). **Reading in the sociology of language**. 3.ed. The Hague: Mouton. p. 554-584, 1972.

McCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. UFSC, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sociolinguistica/assets/547/TEXTO-BASE_Sociolinguistica.pdf. Acesso em: 15 de abr. de 2018.

MELLO, Heliana. Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística em contato. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2011.

MORALES, Griselle M. Calderón. **O portunhol: língua, interlíngua ou dialeto**. Disponível em: <http://www.ingeniosupr.com/vol-22/2016/1/29/o-portunhol-lingua-interlingua-ou-dialeto>. Acesso em: 03 de mai. de 2019.

MOULTON, Pilar Garcia. Dialectología y geografía lingüística. In: Manuel Alvar (dir.): **Manual de dialectología hispanica**, sv. 1, El español de España, p. 63-77, Barcelona: Ariel 1996.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

PASTORELLI, Daniele Silva. Dossiê: Crenças e atitudes linguísticas em regiões de línguas em contato: A crença e a atitude linguística do capanemense. **Línguas e Letras**, Paraná, Vol. 12 nº 22, p.13-41, 2011.

PERTILE, Marley Terezinha. **O talian entre o italiano padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho**. 2009. 248 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, curso de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2009.

PORTAL TRI - A sua revista virtual diária. Disponível em: <https://www.portaltri.com.br/noticia/94773/dionisio-cerqueira-vai-comemorar-65-anos-de-historia-dia-14>. Acesso em: 06 de mai. de 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRAÇÃO. Disponível em: <https://barracao.pr.gov.br/>. Acesso em: 22 out. de 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DIONÍSIO CERQUEIRA. Disponível em: <http://www.dionisiocerqueira.sc.gov.br>. Acesso em: 06 abr. de 2018.

ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

SANTANA, Vanessa Raini de; SELLA, Aparecida Feola; BUSSE, Sanimar. Crenças e atitudes linguísticas sobre falantes de espanhol argentino em região de fronteira. **Revista Travessias**. v. 6, n. 1, 2012.

SCHOLTZ, Adriana de Jesus. **Identidade e comportamento linguístico nas comunidades de Virmond e Candói, no Paraná**. 2014. Repositório Digital UFFS, Chapecó, Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/53>. Acesso em: 13 de abr. de 2018.

SOUZA, Jurgen Alves de; LUCCHESI, Dante. O papel do contato entre línguas na constituição sócio-histórica do português brasileiro. **Revista Inventário** - ISSN 1679-1347. 14 edição - jan./jun. 2014.

STURZA, E. R. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 47-50, abr./jun. 2005.

STURZA, E. R. Portunhol: língua, história e política. **Gragoatá**, Niterói, v.24, n. 48, p. 95-116, jan.-abr. 2019. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33621/19608>. Acesso em: 10 de set. de 2019.

THUN, Harald. Movilidad Demográfica y Dimensión Topodinámica, los Montevideanos en Rivera. In: RADTKE, Edgar. THUN, Harald (org.). **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Westense – Verl. p. 210-274, 1996.

THUN, Harald. La geolinguística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatopico y Diastratico del Uruguay). In: **International Congress of Romance Linguistics and Philology** (21: Palermmo: 1995) Atti... A curia di Giovanni Ruffino.: Niemeyer, p.701 - 729, 787-789 v. 5. 1998.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. p. 63-92, 2005.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **Para uma história o português brasileiro**, vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL. Tomo II, p. 531-558, 2009.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton. p. 506-523, 2010.

TRUDGILL, Peter. Sociolinguistics- Language and Society. In: **Sociolinguistics: an introduction to language and society**.cap. 1, p.3-22, 2000.

TURISMO DIONÍSIO CERQUEIRA. Disponível em: <http://turismo.sc.gov.br/cidade/dionisio-cerqueira/>. Acesso em: 06 abr. de 2018.

VICENZI, Renilda. **Mito e história na colonização do oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2008.